



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

RENATO LIRA PIMENTEL

**UM ESTUDO SOBRE HIBRIDIZAÇÃO E
AGRUPAMENTO DE GÊNEROS NO FACEBOOK**

**RECIFE
2014**

RENATO LIRA PIMENTEL

UM ESTUDO SOBRE HIBRIDIZAÇÃO E AGRUPAMENTO DE GÊNEROS NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Estudos textuais-discursivos de práticas sociais

Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

RECIFE
2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

P644e Pimentel, Renato Lira

Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no facebook / Renato Lira Pimentel. – Recife: O Autor, 2014.

116 f.: il.

Orientador: Benedito Gomes Bezerra.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Linguística, 2014.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Redes de relações sociais. 4. Sites da web. 5. Interação homem-máquina. I. Bezerra, Benedito Gomes (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2014-19)

RENATO LIRA PIMENTEL

Um Estudo Sobre Hibridização e Agrupamento de Gêneros no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 13/2/2014.

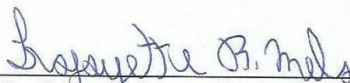
DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra
Orientador – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Lafayette Batista Melo
INFORMÁTICA - IFPB

Recife – PE
2014

A José e Josefa Pimentel,
As duas pessoas mais sábias e humanas que eu já conheci.
Amo com tudo o que há de melhor em mim!

Agradecimentos

Felizmente, só há o que agradecer!

Neste momento, quero realizar os meus agradecimentos antecipando-me de que seria difícil citar todas as pessoas que merecem espaço aqui. Todas essas pessoas e as colaborações que cada um teve em minha vida e em mais essa conquista construiriam um memorial sobre os vários aspectos que fazem a vida valer a pena.

Agradeço aos meus familiares, família “grandona”, que sempre me incentivou e me deu apoio em todos os momentos de estudo até aqui vivenciados.

Agradeço ao meu querido orientador, Benedito Gomes Bezerra, que se tornou, desde a graduação na Universidade de Pernambuco, um pai para mim; um pai que eu poderia chamar de pai acadêmico, o que, no entanto, limitaria a grandiosidade de momentos vividos tanto no aprendizado acadêmico quanto no aprendizado pessoal. Boa parte do ser humano e do profissional que sou hoje foi inspirado em seus testemunhos, mesmo que tomados sem sua percepção disso. Professor, parabéns pelo ser humano que és! Obrigado por ter ajudado sempre não somente a mim, mas a tantos outros estudantes que tiveram oportunidades ligadas ao senhor.

Agradeço aos amigos de infância, e aos conquistados ao longo do meu caminho, que, por serem tantos, não há como citar nomes. Eles, representarei por meio de Crislane, uma irmã gêmea de mães diferentes. O amor que sinto por ela, mesmo que em níveis diferentes, representa a gratidão e o amor que sinto por todos os outros.

Agradeço aos amigos conquistados na Graduação e Pós-Graduação, com os quais foram divididos muitos momentos importantes durante o espaço de tempo que nos conhecemos e vivemos juntos. Esses amigos eu representarei por meio de Junielson e Aline, duas pessoas magníficas, que, com toda certeza, representam muito bem a todos os outros.

Agradeço especialmente a Amanda e a Ana Paula por tantas batalhas que vivemos juntos e por tantas vitórias construídas nessas batalhas.

Agradeço a todos os professores das disciplinas oferecidas pelo programa: Marlos Pessoa, Siane Goes, Nelly Carvalho, Ângela Dionísio, Beth Marcuschi e Judith Hoffnagel, por todos os apontamentos e encaminhamentos surgidos a partir da construção de conhecimentos nas disciplinas.

Agradeço, especialmente, ao professor Xavier pela leitura atenciosa do meu trabalho e as ótimas contribuições discutidas na pré-banca.

Agradeço aos funcionários da Pós-Graduação em Letras: Jozaías, Diva e aos bolsistas, por toda a atenção com que nos atendem e resolvem os nossos probleminhas.

Agradeço à Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pelo apoio financeiro dado à minha pesquisa.

Agradeço a todos que sempre torceram e estiveram presentes em minha vida escolar da educação infantil à Pós-Graduação.

Muito obrigado a todos!

O mundo é de Deus e Ele o empresta aos corajosos.
Autor desconhecido

“Sem mim, nada podeis fazer”.
(Jo 15, 5)

Resumo

A pesquisa tem como objetivo geral investigar os gêneros textuais implicados no uso do site Facebook, identificando os domínios discursivos a que estão ligados e discutindo processos de hibridização e agrupamento desses gêneros. As questões de pesquisa partiram dos seguintes objetivos específicos: identificar os principais gêneros textuais resultantes da interação entre os usuários do Facebook; investigar a diversidade de temas tratados por meio dos gêneros que circulam no site; investigar a hibridização de gêneros nas postagens do Facebook e caracterizar e descrever os gêneros no site como uma colônia de gêneros segundo os estudos de Bhatia (2004). Nosso estudo esteve ligado, principalmente, às teorias dos Estudos Retóricos de Gêneros, com autores como Miller (2009) e Bazerman (2005), aos estudos em Inglês para Fins Específicos, com pesquisadores como Bhatia (2004; 2009) e Swales (1990; 2004), bem como estudos sobre gêneros feitos por Marcuschi (2000; 2004) e Bezerra (2006). O universo deste trabalho foi o site de relacionamentos Facebook, entendido por nós como um site que possibilita a formação, mediação e manutenção de redes sociais. Assim, nosso foco foram os gêneros que circulam nesse site e são utilizados pelos internautas, que o fazem de acordo com as suas necessidades comunicativas. É importante notar que o Facebook permite o acesso a um universo discursivo-comunicativo muito grande, por isso selecionamos os dados a partir das publicações existentes no chamado *feed de notícias*, e nos *perfis* de usuários selecionados. Justificamos essa escolha por ser nesses “lugares” no site onde ocorrem as mais variadas práticas de linguagem. Em relação ao processo de geração de dados, o *corpus* foi constituído dos gêneros, possivelmente novos ou não, que são utilizados no site Facebook, por meio de nossa própria conta do Facebook e os exemplares dos gêneros foram postados no mural de diferentes usuários que têm algum tipo de contato com o pesquisador. Todas as postagens são públicas. Foram 100 mensagens atualizadas nesses murais com o mínimo de 50 “compartilhamentos” ou 50 “curtições”, em cada um desses textos, além de 50 perfis de usuários. Pensamos, com a condição dos textos terem sido curtidos ou compartilhados, que os internautas da rede reconhecem determinada prática e a propagam, fazendo com que ela possa circular socialmente e se configurar como gênero, também, do site. Os dados foram coletados no período de março a julho de 2013. Pudemos notar que as redes sociais assim formadas utilizam determinados gêneros que são recorrentes para a interação e que servem aos propósitos que possibilitam tal interação. Da mesma forma, alguns domínios discursivos também são recorrentes e estão ligadas, conforme a teoria adotada, com outros tantos propósitos que os gêneros assumem no ambiente. Caracterizamos, assim, a partir de processos de hibridização e discussão sobre a versatilidade dos gêneros, duas colônias de gêneros no site, quais sejam: colônia de postagens do *feed* de notícias e colônia de perfis Facebook.

Palavras-Chave: Gêneros; Facebook; Colônia de gêneros.

Abstract

This research aims at investigating the genres involved in using the Facebook site, identifying discourse domains that are connected and discussing hybridization processes and grouping of these genres. Our research questions set out the following objectives: to identify the main genres resulting from the interaction between Facebook users; to investigate the diversity of topics covered by the genres that circulate on the site; to investigate the hybridization of genres in the Facebook postings and to characterize and describe the genres on the site as a colony of genres according to studies by Bhatia (2004). Our study was linked mainly to theories of Rhetorical Genres Studies, with authors such as Miller (2009) and Bazerman (2005), studies in English for Specific Purposes, with researchers such as Bhatia (2004, 2009) and Swales (1990; 2004), and studies of genres made by Marcuschi (2000, 2004) and Bezerra (2006). The universe of the study was the social networking site Facebook, perceived by us as a site that provides the formation, mediation and maintenance of social networks. Thus, our focus were genres that circulate in the site and are used by Internet users, who do it according to their communicative needs. It is important to note that Facebook allows access to a very large universe of communicative discourse, so we selected data from publications in the so called *the news feed*, and in user profiles. We justify this choice by being in these "places" on the site where there are the most diverse language practices. Regarding the process of data generation, the *corpus* consisted of genres, possibly new or not, that are used on the Facebook website, through our own Facebook account. The exemplars of the genres were posted on the "wall" of different users that have some contact with the researcher, all posts being public. 100 messages have been updated in these murals with a minimum of 50 "shares" or 50 "likes" in each of these genres, besides 50 user profiles. We think that on the condition of the genres being liked or shared, the Internet network is recognizing a particular practice and propagating, causing it to circulate socially and to configure itself as a genre, also in the site. The data were collected from March to July 2013. We noted that the social network has formed certain genres that are recurring for interaction and that serve the purposes that enable such interaction. Similarly, some discourse domains are also recurrent and connected, according to the espoused theory, to many other purposes that genres assume in the environment. We describe, starting from hybridization processes and discussion about the versatility of genres, two colonies of genres on the site, namely: a colony of news feed posts and a colony of Facebook profiles.

Keywords: Genres; Facebook; Colony genres.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS.....	18
1.1. Considerações Preliminares.....	18
1.2. Considerações sobre Bakhtin	21
1.3. Estudos retóricos de gêneros.....	22
1.3.1. Contribuições de Charles Bazerman.....	23
1.3.1. Contribuições de Carolyn Miller.....	25
1.4. Os estudos em inglês para fins específicos.....	28
1.4.1. John Swales.....	29
1.4.1. Vijay Bhatia.....	31
1.5. Esclarecendo algumas opções teóricas.....	32
CAPÍTULO 2: DAS SOCIEDADES ORAIS AO AMBIENTE E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	34
2.1. Das sociedades orais ao ambiente digital: leitura, fala e escrita.....	34
2.2. Redes sociais formadas na Internet.....	40
2.3. Site de relacionamentos Facebook: descrição.....	42
CAPÍTULO 3: SOBRE GÊNEROS DIGITAIS, HIBRIDIZAÇÃO E COLÔNIA DE GÊNEROS.....	55
3.1. Os gêneros digitais.....	55
3.1.1. Hipertexto e Multimodalidade: alguns aspectos que permeiam gêneros digitais.....	56
3.2. Hibridização e os gêneros digitais.....	59
3.3. Sobre colônia de gêneros.....	65
CAPÍTULO 4: HIBRIDIZAÇÃO E COLÔNIA DE GÊNEROS NO FACEBOOK.....	69
4.1. Gêneros do Facebook.....	69
4.1.1. <i>Cartão Facebook</i>	77
4.1.2. Fotografia comentada.....	79
4.1.3. Charge comentada.....	79
4.2. Domínios discursivos e temas presentes nos gêneros do Facebook.....	80
4.2.1. Domínio humorístico.....	81
4.2.2. Domínio publicitário.....	82
4.2.3. Domínio sociológico.....	83
4.2.4. Domínio religioso.....	86
4.2.5. Outros domínios.....	89
4.3. Sobre a hibridização de gêneros no Facebook.....	90
4.4. Colônia de gêneros do Facebook.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	112

Introdução

Atualmente muitos estudiosos da linguística têm dado atenção especial aos gêneros textuais de modo geral. No que diz respeito às pesquisas sobre gêneros digitais, percebe-se que elas estão ganhando seu espaço nas ciências da linguagem. Com a disseminação das tecnologias de informação e comunicação muitas mudanças ocorreram. Essas mudanças estão ligadas aos novos olhares a respeito das formas de expressão, interação e usos da linguagem, interferindo de maneira significativa nos modos de comunicação e interação entre as pessoas.

Assim, essas mudanças também se refletem nos estudos sobre gêneros textuais, tendo em vista eles serem centrais na organização da vida em sociedade, conforme Marcuschi (2004). Segundo esse autor, em meio a esses novos contextos, muitos gêneros textuais surgiram ou sofreram processos de hibridização, merecendo novas abordagens na discussão dos conceitos que permeiam as teorias de gêneros. Nesse sentido, a literatura especializada os aborda como gêneros digitais ou virtuais, pois eles se localizam/circulam no ambiente virtual/eletrônico e em outras formas de interação mediadas pelas tecnologias.

Aqui no Brasil, as pesquisas sobre gêneros digitais ganharam considerável respeito após o estudo feito por Marcuschi (2004) sobre esses gêneros, em que ele fez um tipo de ensaio teórico descritivo sobre gêneros digitais tais como *e-mails* e *chats*. Nesse trabalho o autor chama esses textos que circulam em ambiente eletrônico/virtual de gêneros emergentes ou gêneros discursivos digitais.

Nesse aspecto, como os gêneros são reflexos de práticas sociais, que, simplesmente, podem sofrer modificações, podemos ir ao encontro do que Bakhtin (1997) afirmava sobre a maleabilidade e volatilidade recorrente dos gêneros que têm, com certeza, mais ligação com os elementos práticos do que com o seu caráter estrutural. Para Askehave e Nielsen (2005) a *web* (ambiente internetiano) deveria ser vista como parte integrante dos gêneros digitais, pois embora muitos gêneros tenham uma existência autônoma fora da rede mundial de computadores, “o meio acrescenta aos gêneros da web propriedades singulares em termos de produção, função e recepção” (ASKEHAVE; NIELSEN, 2005, p.11)¹.

Diante disso, este trabalho se propõe pesquisar e analisar alguns dos gêneros que se encontram no ambiente virtual, especificamente aqueles que possibilitam a comunicação e interação através do site de relacionamentos Facebook, entendido como um novo conjunto de recursos que possibilita a formação e manutenção de redes sociais. No Brasil, recentemente,

¹ Tradução de citações em inglês de Benedito Gomes Bezerra

esse site se popularizou sobremaneira e tornou-se importante na vida de muitas pessoas, especialmente na daquelas que não conseguem viver sem a Internet e os seus benefícios. Desse modo, estudar os gêneros que circulam nessas redes sociais populares nos permite perceber como a linguagem se manifesta em diferentes contextos. O Facebook pela sua, já falada, recente popularidade nos é colocado como um interessante objeto de estudo para a percepção de quais e como os gêneros organizam a interação, bem como com que finalidade específicas são utilizados.

Hoje em dia estudar os gêneros textuais nos vários contextos é um desafio e uma necessidade para alguns linguistas que desejam entender o comportamento linguístico por meio do estudo dos gêneros. Pesquisas como a que nos propusemos neste trabalho estão ganhando seu espaço entre os estudiosos da linguagem, pois, conforme Crystal (2001), o impacto causado pela internet é bem maior na maneira como interagimos linguisticamente do que, até mesmo, nas mudanças causadas pela tecnologia. Podemos começar a pensar na importância desses trabalhos a partir do que afirma Marcuschi (2004, p. 1), esclarecendo que a análise de gêneros digitais é relevante pelos seguintes aspectos:

1. seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado;
2. suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contraparte em gêneros prévios;
3. a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

É interessante perceber que após quase dez anos dessas considerações de Marcuschi, suas palavras permanecem ainda tão atuais, pois, a cada dia, esse desenvolvimento e as modificações apresentadas por ele continuam a acontecer e ainda com mais força. Em seu texto de 2005 – *Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio* – quando apresenta um quadro atual da pesquisa em Linguística, caracterizando-o como multifacetado e extremamente subdividido e tentando delinear as grandes linhas gerais do que se encontra em andamento nas pesquisas, Marcuschi apresenta uma linha geral nomeada como o processo comunicativo nas novas tecnologias. O autor expõe essa linha de pesquisa como um mundo novo, cheio de desafios e pronto a grandes descobertas aos estudos linguísticos do século.

Explorando o que discutem autores internacionais, podemos pensar nas considerações de Geoffrey Cross (apud Bawarshi; Reiff, 2010) quando afirma que precisamos realizar mais estudos no mundo real dos grupos que escrevem diferentes gêneros em diferentes contextos. Nesse sentido, é fato incontestado que o ambiente eletrônico caracteriza-se como um contexto

diferente e importante de circulação de gêneros textuais. Ainda pensando no que Marcuschi (2004, p. 2) desenvolveu, vale ressaltar que “o ‘*discurso eletrônico*’ constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias”.

Situar esse tipo de investigação em sites de relacionamento como o Facebook é importante, pois é imensa a quantidade de pessoas que usam a leitura e a escrita para manter redes sociais. Desse modo, muitas ações são feitas por meio de gêneros que são (re)criados e (re)elaborados em sites como esse que possibilitam a formação e manutenção dessas redes sociais. É importante destacar o fato de que as teorias sobre gêneros foram pensadas, inicialmente, para estudar a interação humana em contextos de oralidade face a face ou de escrita. Assim, mesmo existindo escolas de estudos de gênero bem sedimentadas (americana, britânica, genebrina, etc.) os gêneros digitais ainda necessitam de muitos estudos, devido, principalmente, às suas características.

Nesse sentido, alguns trabalhos já trouxeram importantes contribuições para esse campo. Podemos citar aqui Araújo (2006), com o estudo sobre as possibilidades interativas dos *chats*; Askehave e Nielsen (2005), com as discussões sobre os propósitos da *homepage*; Lima-Neto (2009), com as possíveis misturas genéricas do *scrap* no Orkut; Costa (2010), que trata de reelaborações genéricas trazidas no *Youtube*; e Lima (2008), que faz um estudo sobre os fóruns, entre outros.

A partir da leitura dos trabalhos citados acima e de outras pesquisas podemos perceber que é importante entender como os gêneros digitais surgem e como podem ser estudados, visto que esses gêneros se modificam e atualizam-se em diferentes noções de tempo e espaço e permitem outros níveis de interação. Assim, como, talvez, uma única teoria não seja suficiente para discutir as características dos gêneros digitais, entramos numa perspectiva de estudo de mais de uma corrente teórica sobre gêneros textuais para que pudéssemos afinar os conceitos que mais nos ajudassem a nos posicionarmos da melhor forma possível no estudo dos gêneros em ambiente eletrônico. Nesse sentido, nossos estudos e análises estiveram ligados, principalmente, às teorias dos Estudos Retóricos de Gêneros, com autores como Miller (2009) e Bazerman (1997; 2005), aos estudos em Inglês para Fins Específicos, com pesquisadores como Bhatia (1993; 2004) e Swales (1990; 2004), bem como estudos sobre gêneros feitos por Marcuschi (2002; 2004; 2008).

Partimos da reflexão de que com o avanço e disseminação das novas tecnologias e com a crescente utilização de recursos eletrônico-digitais, no que se refere à internet, muitos gêneros são utilizados e se configuram no ambiente virtual. Esses gêneros incorporam

características peculiares do meio em que estão inseridos e determinam novos olhares sobre conceitos já estabelecidos. Diante disso, nossos problemas/perguntas de pesquisa foram: que diferentes gêneros e domínios discursivos caracterizam os processos de hibridização em redes sociais para suprir determinadas necessidades de interação e como acontecem esses processos? De que maneira esses gêneros se agrupam em tal ambiente possibilitando novas formas de perceber a linguagem na relação fala-escrita?

Assim, é nosso objetivo geral investigar os gêneros textuais implicados no uso do site Facebook, identificando os domínios discursivos a que estão ligados e discutindo processos de hibridização e agrupamento desses gêneros.

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- Identificar os principais gêneros textuais resultantes da interação entre os usuários do Facebook;
- Investigar alguns dos temas que são tratados no Facebook por meio dos gêneros que circulam no site;
- Investigar a hibridização de gêneros nas postagens do Facebook;
- Caracterizar e descrever os gêneros no site como uma colônia de gêneros segundo os estudos de Bhatia (2004).

Dado o exposto, entendemos que o trabalho poderá contribuir para o estudo sobre os gêneros que possibilitam a interação via web, especialmente no site Facebook. Esses gêneros ao mesmo tempo em que podem resguardar características de outros que não circulam em ambiente virtual ou são anteriores a eles, podem sofrer mudanças decorrentes tanto do seu meio de circulação quanto de outros aspectos inerentes a eles, podendo ser tratados como novos. Percebendo que há certa dificuldade em adequar as metodologias propostas pelas perspectivas teóricas que se apresentam atualmente aos gêneros digitais, nos propomos estudá-los tendo em vista, também, a natureza de seus usos e suas possibilidades de agrupamento.

Procedimentos metodológicos adotados

Neste momento nos propomos a fazer uma apresentação da trajetória metodológica que guiou a nossa pesquisa. Desse modo, é importante deixar claro que essa trajetória foi moldável, pois chegamos a determinados caminhos que não prevíamos. Nesta seção, desenvolveremos como se caracteriza esta pesquisa, como foi feito o processo de geração de

dados, bem como a delimitação do universo que trabalhamos e quais procedimentos foram seguidos para que pudéssemos alcançar os nossos objetivos.

No que diz respeito à caracterização da pesquisa, podemos dizer que ela se insere na perspectiva epistemológica de cunho quantitativo e, principalmente, qualitativo. Assim, privilegamos, nos procedimentos analíticos, a descrição detalhada dos dados, mas também esteve presente a quantificação. Não tivemos como intuito uma participação eminente em nosso estudo, entretanto, como investigamos o Facebook, só tivemos acesso aos gêneros que circulam nesse ambiente ao interagirmos com os outros usuários do site a partir de uma inserção no ambiente.

O universo deste trabalho de pesquisa foi o site de relacionamentos Facebook, entendido por nós como um site que possibilita a formação, mediação e manutenção de redes sociais. É importante notar que o Facebook permite o acesso a uma grande quantidade de práticas de interação e, dessa maneira, selecionamos os dados a partir das publicações existentes no chamado *feed de notícias* e nos *perfis* dos usuários. Justificamos essa escolha por ser nesses “lugares” no site onde ocorrem as mais variadas práticas de linguagem.

Em relação ao processo de geração de dados, o *corpus* foi constituído dos gêneros, possivelmente novos ou não, que são utilizados no site Facebook. O *corpus* foi construído por meio de exemplares dos gêneros que foram postados no mural de diferentes usuários que têm algum tipo de contato com o pesquisador. Todas as postagens são públicas. Foram 100 mensagens atualizadas nesses murais com o mínimo de 100 “compartilhamentos” ou 100 “curtições”, em cada um desses textos, além de 50 perfis de usuários. Pensamos, com a condição dos textos terem sido curtidos ou compartilhados, que os internautas reconhecem determinada prática languageira e a propagam, fazendo com que ela possa circular socialmente e se configurar como gênero, também, do site. Os dados foram coletados no período de março a julho de 2013. Pensamos que esse tenha sido um bom intervalo de tempo, tendo em vista a potencialidade maleável do meio digital no que diz respeito às mudanças nos modos de comunicação, para verificar as recorrências de determinados gêneros.

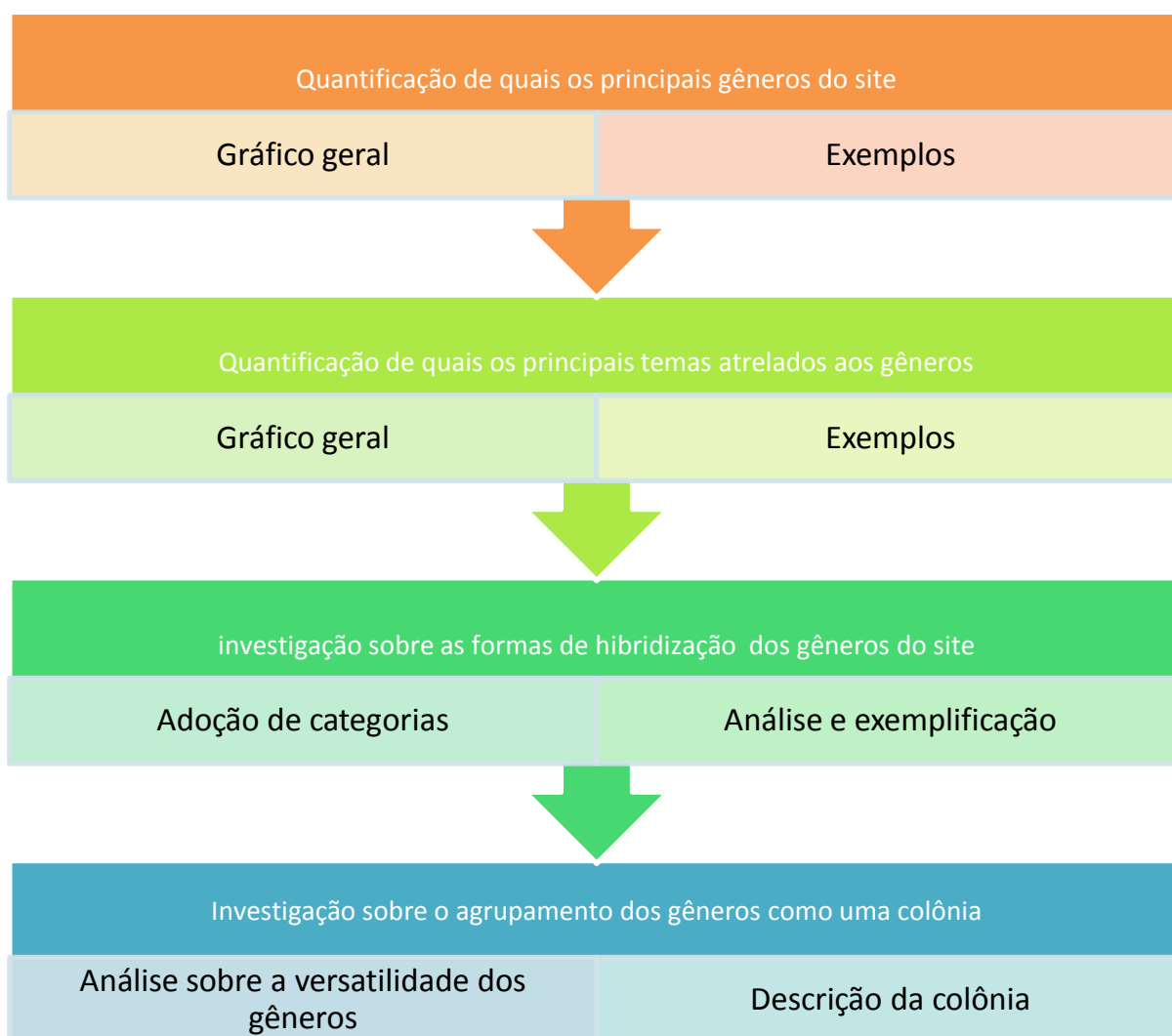
Para a coleta do *corpus* nos guiamos pelo seguinte procedimento:

1. As postagens do *feed* de notícias eram salvas, sendo uma em cada dez postagens, cinco por dia, durante quarenta dias. Esses quarenta dias foram alternados num intervalo de cinco dias entre um e outro dia de coleta. Optamos por esses critérios, pois era de nosso interesse que os dados estivessem bem distribuídos entre os quatro meses que separamos para isso.

2. Apertávamos a tecla “Print Screen” na página que desejávamos salvar, ou simplesmente salvávamos a postagem se o que nos interessasse fosse somente ela, sem o seu co-texto.

Para o primeiro momento foi feita a observação do campo que nos permitiu pensar numa categorização de informações e a descrição dos principais aspectos do site que foram levados em consideração. Depois foi feita a coleta do *corpus*, como visto no processo acima, e então partimos para a análise propriamente dita, tendo em vista as nossas questões de pesquisa, nossos objetivos. Os procedimentos de análise podem ser mais bem entendidos através da figura abaixo descrita:

Quadro 1: Procedimentos metodológicos de análise



Fonte: construído pelo autor

A nossa análise foi desenvolvida em quatro momentos. Logo após a observação do nosso objeto de estudo e após a coleta de dados, partimos para um processo de caracterização

e quantificação dos principais gêneros que circulam no site, segundo o nosso *corpus* de análise. Após essa categorização, achamos por bem separar os textos e fazer uma quantificação sobre os exemplares que encontramos, fazendo a montagem de um gráfico geral para esses gêneros e apresentando alguns exemplos encontrados que serão os três gêneros mais utilizados. Depois disso, passamos para a categorização de quais os principais temas que circulam no site por meio dos gêneros presentes nele e a partir do conceito de domínios discursivos da teoria de gêneros de Marcuschi (2002). Da mesma maneira, montamos outro gráfico, em forma de pizza, que traz essas porcentagens sobre as diversas “temáticas” abordadas.

Em seguida, passamos para a investigação sobre a hibridização de gêneros no site. Para isso, adotamos as categorias de misturas de gêneros propostas por Lima-Neto (2009). Pensamos serem interessantes essas categorias, pois o ambiente de pesquisa é o mesmo, o ambiente digital, e os objetos de pesquisa compartilham da mesma característica de formarem redes sociais na Internet. As categorias de Lima-Neto (2009), que serão apresentadas com mais detalhes no capítulo quarto, são as seguintes: intergenericidade prototípica, coocorrência de gêneros e gêneros casualmente ocorrentes. Depois da adoção e de uma breve discussão das categorias, partimos para as análises, apresentando exemplares encontrados em nosso objeto de pesquisa, de cada uma delas. Como essas categorias emergiram, como afirma Lima-Neto (2009), das análises de *scrapbooks* do Orkut, alguns aspectos foram adaptados, tendo em vista algumas diferenças entre os dois objetos de pesquisa.

Dessa maneira, com os dados obtidos e com as discussões voltadas para os nossos três primeiros objetivos específicos, partimos para discussão sobre como os diversos gêneros das postagens do Facebook formam um agrupamento de gêneros. Para essa análise adotamos o conceito de colônia de gêneros proposto por Bhatia (2004), que também será explicitado no capítulo terceiro. Assim, discutimos a versatilidade na utilização dos gêneros do Facebook e tentamos, a partir dos principais aspectos desse conceito de agrupamento, descrever e caracterizar a colônia de gêneros do Facebook.

No que se refere à distribuição retórica das informações do presente trabalho, temos o seguinte: o trabalho foi construído em quatro capítulos além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, “Gêneros textuais”, levantamos uma discussão sobre as principais teorias de gêneros trabalhadas atualmente nessa área, apresentando essas teorias de maneira geral e dando destaque àquelas que serviram de aporte para o nosso estudo.

No capítulo “Ambiente digital, Redes sociais e o Facebook”, segundo capítulo, discorreremos sobre o ambiente digital, fazendo um breve percurso histórico desde as

sociedades orais até a chegada da Internet e o seu advento. Em seguida, fazemos uma reflexão sobre o que são as redes sociais e como se caracterizam as redes sociais formadas na Internet. Finalizando esse capítulo, apresentamos o site Facebook, antecipando algumas considerações importantes sobre os gêneros que nele circulam.

No capítulo três, intitulado “Hibridização e colônia de gêneros”, continuamos a discussão teórica de maneira mais específica, tratando agora sobre os estudos referentes à hibridização de gêneros digitais. No mesmo capítulo, também levantamos uma reflexão mais específica sobre o conceito de colônia de gêneros e os aspectos que a circundam, tais como a hibridização. Por fim, no capítulo dedicado à análise, o capítulo quatro, apresentamos os resultados da nossa pesquisa, sendo essa apresentação guiada pelos aspectos referentes à colônia de gêneros. Primeiramente, expomos quais os gêneros têm maior circulação no site, bem como as principais temáticas ligadas aos domínios discursivos desses gêneros. Logo após, caracterizamos os principais processos de hibridização ocorridos com os gêneros no site para, enfim, caracterizarmos a nossa colônia de gêneros no Facebook.

Capítulo I

Considerações sobre gêneros textuais

Conforme posto, neste primeiro capítulo levantamos uma discussão sobre as principais teorias de gêneros trabalhadas atualmente na área, apresentando essas teorias de maneira geral e dando destaque àquelas que serviram de aporte para o nosso estudo. Primeiramente, faremos algumas considerações preliminares sobre essas teorias e nas seções seguintes, discutiremos, mais especificamente, sobre a abordagem de Inglês para Fins Específicos (ESP), que tem interesses aplicados, onde se acham Swales (1990; 2004), Bhatia (2004) e outros; e da abordagem dos Estudos Retóricos de Gêneros, que se centram na análise mais voltada para a questão social, as relações de poder e os problemas relacionados com a história dos gêneros e seus papéis na sociedade, sendo representados por Miller (2012) e Bazerman (2005). Acrescentaremos, antes disso, algumas considerações sobre o filósofo russo Bakhtin. Justificamos a apresentação de tais abordagens, pois será a partir dessas abordagens e dos seus constructos teórico-metodológicos que nossa pesquisa será guiada.

1.1. Considerações preliminares

Com a tradição poética de Platão e a tradição retórica de Aristóteles inicia-se uma observação mais sistemática dos gêneros no Ocidente, sendo ela desenvolvida no interior da filosofia grega. Como afirma Marcuschi (2008), nessa tradição ocidental, o uso do termo “gênero” esteve ligado aos gêneros literários. Hoje em dia, a noção de gênero já não mais se vincula somente à literatura, e são muitas as escolas teóricas que tratam dos estudos sobre gêneros textuais, as quais vêm ganhando seu espaço na Academia.

Ainda segundo Marcuschi (2008), os gêneros têm recebido toda essa atenção nos estudos linguísticos atuais, pois os estudiosos dessa área (e também de outras) têm a clara noção de que não se pode produzir texto que não materialize algum gênero. Agrega-se a isso que uma análise dos gêneros textuais permite aos estudiosos tanto um macro como um micro enfoque dos mais diversos usos da língua; e é perceptível, também, que o estudo permite estabelecer variados pontos concretos para a análise das relações entre formas linguísticas, cognição, cultura e ação social.

Bhatia (2004) divide o histórico e desenvolvimento dos estudos de gêneros em três grandes momentos, quais sejam: 1. (1960-1970) *textualização de recursos léxicos-*

gramaticais; 2. (1980-1990) *organização do discurso*; e 3. (2000 até dias atuais) *contextualização do discurso*.

No primeiro momento, o ponto de partida está ligado a modelos formalistas baseados em análises da superfície linguística (nível da frase); têm-se estudos da variação de registro (com Halliday e outros) em áreas de disciplinas específicas e estudos sobre a função de elementos léxico-gramaticais no texto científico; há ausência de estudos comparativos; esse momento é vinculado aos primórdios da linguística textual [(van Dijk 1978 e 1977; Beaugrande e Dressler (1981)] em que surgem as primeiras reflexões sobre léxico-gramática na relação com texto e discurso.

No segundo momento, os estudos são impulsionados por conceitos como macroestruturas (van Dijk) ou estruturas retóricas e a ênfase são as regularidades do discurso (padrões de organização da informação em áreas específicas; padrões gerais da organização do discurso; padrões de organização do discurso através de gêneros acadêmicos e profissionais com atenção à variação). Nesse momento, são relacionadas estruturas retóricas a propósitos comunicativos; as estruturas são tidas como padrões sociocognitivos utilizados pelos membros de comunidades profissionais para a produção/recepção dos gêneros e o contexto de uso ganha importante espaço.

No terceiro (e atual) momento, o contexto social ganha um olhar mais atento levando-se em consideração aspectos externos da construção do gênero tais como: propósitos (objetivos institucionalizados da comunidade e propósitos comunicativos); produtos (artefatos textuais ou gêneros); práticas (procedimentos e processos discursivos); e participantes (membros das comunidades discursivas e profissionais).

Marcuschi (2008) indica sete perspectivas teóricas, abaixo transcritas, a partir de seus fundamentos essenciais, nos prevenindo a respeito de uma “precariedade” e maleabilidade de seus enquadres, os quais não dão conta de representar todas as possibilidades teóricas existentes no momento. Ele frisa que uma maior rigidez nos critérios de classificação apontaria, provavelmente, outros resultados. As sete perspectivas e seus principais representantes mencionadas por Marcuschi (2008, p. 152-153) são as seguintes:

1. Sócio-histórica e dialógica (Bakhtin);
2. Comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter);
3. Sistêmico-funcional (Halliday);
4. Sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de língua (Swales, Bhatia);
5. Interacionista sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly);

6. Análise crítica (Fairclough, Kress);
7. Sociorretórica/ social, histórica e cultural (Miller, Bazerman, Freedman).

Alguns autores minimizam as diferenças teóricas, concentrando-as nos pontos teóricos mais salientes. Podemos citar aqui Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), que separam os trabalhos sobre gêneros textuais apenas em três grandes grupos: 1. Abordagens sociosemióticas; 2. Abordagens sociorretóricas; e 3. Abordagens sociodiscursivas. No entanto, percebemos que mesmo essa subdivisão em grandes grupos engloba a divisão apontada por Bhatia (2004).

Bhatia (2004) ainda aponta, concentrando-se no Ocidente anglófono, três escolas de gêneros: 1. A Escola Norte-americana, inspirada na nova retórica, na qual os principais representantes são Miller, Bazerman, Berkenkotter e Huckin; 2. A Escola de Sidney, que tem suas bases na Linguística sistêmico-funcional de Halliday sendo representada por Martin, Paltridge, Christie e Rothery; e 3. Escola Britânica que trabalha no domínio do Inglês para fins específicos e é voltada para o ensino de gêneros em contextos acadêmicos e profissionais. Essa escola é representada por Swales e pelo próprio Bhatia. No entanto, é importante notar que essas não são divisões claras e estanques, cada vez mais, pois, dependendo de quem classifica, alguns autores ficam em diferentes posições.

Se pensarmos nos estudos textuais dos últimos anos, percebemos que eles são tratados como eventos comunicativos, sendo identificados aspectos relativos à sua conceituação, descrição, análise e classificação. Embora a essa última não seja dada a ênfase, uma vez que ela se desloca da classificação ou da tipologia para a análise dos componentes social, histórico e cognitivo dos gêneros. Na literatura atual, como nos estudos feitos por Marcuschi (2008), observa-se a distinção entre gênero textual como texto empírico exteriorizado em um contexto social e histórico, em grande número de realizações, e tipo textual como modalidade retórica de formato linguístico típico, em número limitado de realizações e que não chega, por si só, a caracterizar um gênero. Os tipos textuais não têm uma relação direta nem significativa com os contextos sociais em que se realizam, pois, de maneira geral, representam sequências mais ou menos estereotipadas quanto aos aspectos linguísticos. Em contrapartida, os gêneros textuais, de maneira geral, têm essa relação com os contextos sociais em que são realizados.

Alguns estudos brasileiros de gêneros compatibilizam essas e outras tradições. Segundo, Araújo (2010 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2010), em estudo sobre a pesquisa de gêneros no Brasil, o foco da investigação permanece predominantemente na descrição de traços dos gêneros, mas 20% dos estudos utiliza alguma forma de abordagem etnográfica, pesquisa-ação ou estudo de caso a fim de chegar a contextos genéricos mais ricos.

1. 2. Considerações sobre Bakhtin

Tradicionalmente, as pesquisas que envolvem gêneros levam em conta as considerações do filósofo russo Bakhtin (1997), que define gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, textos com traços comuns, que estabelecem uma interconexão da linguagem com os aspectos sociais, com a vida social. Em sua comunicação, o ser humano utiliza uma diversidade de gêneros, tanto orais como escritos, considerando inclusive a “transmutação” de gêneros mais simples em gêneros com características mais complexas.

Para Bakhtin (1997), a língua deveria ser vista como uma atividade social, histórica e interativa, sendo a atividade de comunicação entre dois enunciadorees bastante complexa. Desse modo, o autor parte da relação entre esferas da atividade humana e modos de utilização da língua, os últimos variando de acordo com as primeiras. Segundo ele, o enunciado reflete as finalidades e as condições específicas de cada uma dessas esferas, devido ao seu conteúdo temático, estilo verbal e à sua construção composicional, principalmente. Temos, assim, os elementos que caracterizam o gênero: o primeiro é ligado às escolhas dos temas mais prototípicos de determinados gêneros; o segundo é vislumbrado pelos elementos típicos adaptados ao contexto de uso, tendendo, então, a uma estilística própria; por fim, a construção composicional, que diz respeito à forma de determinado enunciado.

Cada gênero faz parte de determinado campo da atividade humana, o que o complexifica e inibe a capacidade de os gêneros serem engessados. Bakhtin não trabalhou com classificações de gêneros, entretanto, afirmou haver dois grandes tipos: os primários e os secundários. Os gêneros do discurso primários (simples) se realizam em circunstância de uma comunicação verbal espontânea e geralmente falada. Os gêneros do discurso secundários (complexos) se realizam em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e principalmente escrita. Para o autor

(...) a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, (...) e cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (...) (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Podemos perceber que a divisão entre gêneros primários e secundários não tem sustentação na modalidade da língua usada, mas na esfera a que o gênero se vincula. Como as pessoas sempre se utilizam de gêneros do discurso e tem-se esse repertório deles, na prática, eles são usados com segurança, mesmo que seja possível que estejamos ignorando totalmente a sua existência teórica. Assim, não podemos nos comunicar se não por um gênero e, por isso,

“ignorar a natureza do enunciado e as particularidades dos gêneros (...) leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida”. (BAKHTIN, 1997, p. 282).

1. 3. Estudos retóricos de gêneros

Para melhor entendermos de que forma se dá a compreensão sobre os estudos retóricos de gêneros (doravante ERG), representados pelos autores da chamada Escola Norte-Americana, recorreremos, inicialmente, às considerações de Bawarshi e Reiff (2013) a respeito dessa corrente teórica e de seus principais autores e, em seguida, discutiremos os construtos teóricos de dois autores representativos dessa abordagem, quais sejam, Miller e Bazerman.

No seu texto *Estudos retóricos de gêneros*, capítulo 6 do livro “*Gênero: introdução à história, teoria, pesquisa e pedagogia*”, os autores examinam, em linhas gerais, de que forma a compreensão de “gênero como ação social” se desenvolveu nos ERG. Apresentam alguns conceitos-chaves para essa corrente teórica, como, por exemplo, “apreensão”, “sistemas de gêneros”, “conjuntos de gêneros”, “cronotopos de gêneros”, “metagêneros” e “sistemas de atividades”; e fazem reflexões sobre as implicações e os desafios para a pesquisa em gêneros textuais a partir de tais concepções.

Os autores se baseiam nas considerações de Berkenkotter e Huckin (1995) que concebem os gêneros como formas de cognição situada, presentes em atividades disciplinares. Tomando por base tal concepção surgem alguns aspectos importantes que se encaixam nas concepções dos ERG:

1. Os gêneros se desenvolvem a partir de situações recorrentes e servem para estabilizar a experiência e conferir-lhe coerência e sentido;
2. São partes integrantes da recorrência a mudança e a variação;
3. Os gêneros equilibram tanto o conhecimento de mundo formado de maneira singular como as percepções socialmente induzidas pelo coletivo;
4. Os usuários, permitidos pelos gêneros, tanto constituem como reproduzem a comunidade.

Nessa linha de pesquisa, os estudiosos tomam por base conceitos sociológicos, sendo os gêneros classificados pelas suas semelhanças nas estratégias, audiências, modos de pensar e situações retóricas. Nesse aspecto, procuram perceber como os gêneros estão ligados às situações de uso, examinando como podem contribuir para que os atores sociais realizem interação (experimentando, construindo e participando) nas diversas práticas sociais, situadas

em determinados contextos. Ainda conforme Bawarshi e Reiff (2013), podemos perceber que os ERG concentram também suas pesquisas no modo como os gêneros reproduzem as tensões das relações nas práticas sociais, mantendo dinamicamente essas relações, por meio de seus usos.

Para os ERG, práticas e estruturas sociais são fenômenos recursivos: através de práticas reproduzimos as estruturas sociais, que, por sua vez, tornam nossas ações necessárias, possíveis, reconhecíveis e significativas, de maneira que as nossas práticas reproduzem as mesmas estruturas, e assim por diante. Assim, surge uma compreensão complexa de gêneros com a qual os ERG desenvolvem outras categorias para se pensar o fenômeno.

Uma noção importante é a de apreensão. Ela diz respeito ao modo complexo como os gêneros se relacionam e se ligam uns aos outros em sistemas de atividades. Consiste na habilidade de negociação com os gêneros e aplicação e transformação das estratégias de tais gêneros em práticas sociais. Ou seja, conhecer um gênero é saber apreendê-lo em um sistema de relações e, apreendendo-o, se dá o conhecimento sobre o momento e o motivo pelo qual ele deve ser utilizado; de como fazer uma seleção adequada em relação a outros gêneros; e de como alguns deles trazem, de certo modo, em si, outros gêneros.

Decorrente dessa compreensão de que os gêneros se localizam em atividades sociais estruturadas e as coordenam, outra categoria importante para os ERG é o par conjunto e sistema de gêneros. Segundo Bawarshi e Reiff (2013), as noções de conjunto e sistema apontam para as ações que os gêneros, numa atuação dinâmica uns com os outros, permitem que os indivíduos realizem ao longo do tempo em diferentes contextos de atividades.

A diferença entre conjuntos de gêneros e sistemas de gêneros reside numa relação de pertinência. Desse modo, os conjuntos de gêneros são agrupamentos mais delimitados, que permitem que determinados grupos de indivíduos realizem determinadas ações nos sistemas de gêneros. Vários conjuntos de gêneros interagem em um sistema de gêneros, o qual, por sua vez, interage com outros sistemas de gêneros, configurando um grande sistema de atividades.

1. 3.1. Contribuições de Charles Bazerman

Bazerman concebe os gêneros como ocupantes de um lugar definido no tempo e no espaço, sendo coleções de enunciados delimitados, com começo e fim e percebidos como portadores de algum sentido. Para ele,

Gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São lugares em que o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as relações comunicativas pelas quais interagimos. Os gêneros são os lugares familiares a que recorremos para

realizar atos comunicativos inteligíveis e as placas de sinalização que usamos para explorar um ambiente desconhecido. (BAZERMAN, 2007, p.19).

Percebemos, desse modo, uma definição de gênero muito ligada à vida social, na qual as metáforas usadas se referem ao cotidiano. Assim, eles podem ser entendidos como ferramentas essenciais para qualquer tipo de situação comunicativa. Ou seja, se o gênero cabível em determinada situação comunicativa estiver no domínio do falante, ele conseguirá atingir seus objetivos nessa situação de interação, sendo vista como lugar privilegiado de construção da realidade social. Nesse sentido, e conforme Bezerra (2010, p. 34), “os gêneros, portanto, devem ser concebidos e analisados a partir de sua inserção na vida social, como parte importante da própria organização das ações humanas”.

Bazerman discute uma série de concepções como fatos sociais, atos de fala, gêneros, conjunto e sistemas de gêneros e sistema de atividades. A partir de tais concepções, ele quer sugerir como as pessoas constroem significação, relações e conhecimento ao produzirem textos. Segundo Bazerman (2005), é importante perceber, para uma melhor compreensão sobre gêneros, que “cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social” (BAZERMAN, 2005, p. 22). O autor afirma que a compreensão de atos e fatos criados pelo texto pode nos ajudar, também, a compreender quando textos que parecem bem produzidos não funcionam se não fazem aquilo que precisam fazer.

O autor discorre que, quase sempre, os fatos sociais afetam tanto as palavras que as pessoas usam, seja falando ou escrevendo, quanto a força produzida por tais enunciados. Para o estudioso, muitos fatos sociais dependem dos atos de fala, desde que certas construções verbais sejam correta e apropriadamente produzidas. “Se realizadas de forma apropriada, essas palavras serão consideradas como atos completos que devem ser respeitados como feitos” (BAZERMAN, 2005, p. 25).

Na sua abordagem de conceitos, discute também aspectos relacionados com tipificação e gêneros. Bazerman afirma que as formas de comunicação que são reconhecíveis e autorreforçadas emergem como gêneros. Nesse sentido, quando criamos formas tipificadas, ou gêneros, também fazemos com que as situações que nos encontramos sejam tipificadas. Ele define tipificação como o “processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações” (BAZERMAN, 2005, p. 29).

O autor estabelece que seja possível chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos “como fenômenos de reconhecimento psicossocial”, como

parte de processos de atividades organizadas socialmente. Considera, assim, que os gêneros surgem a partir da tentativa de compreensão suficiente entre as pessoas, nos processos sociais.

Dentre as contribuições de Bazerman estão também aspectos relacionados com questões metodológicas para uma abordagem analítica. Em seu texto de 2005², deixa claro que não está oferecendo instrumentos analíticos específicos para a investigação de fatos sociais e atos de fala, e que mantém o foco no nível do gênero, em particular dos escritos. Nesse mesmo texto, é oferecida uma discussão sobre o que é um gênero e como nós reconhecemos um. Nessa discussão, o autor esclarece que a maioria dos gêneros tem características que facilitam o reconhecimento e dão sinais sobre a espécie de textos que são. Há, no entanto, algumas limitações e problemas nesse reconhecimento na identificação e análise de gêneros.

Bazerman sugere uma série de abordagens diferentes para a identificação e análise de gêneros; elas vão desde a utilização de uma variedade de conceitos analíticos linguísticos, retóricos, ou organizacionais até o fazer de uma pesquisa etnográfica no local de trabalho, sala de aula, ou outro local de produção, distribuição ou uso de textos. Ainda disponibiliza três diretrizes para definir e realizar uma investigação sobre gêneros. São elas: 1. Enquadre seus propósitos e questões para delimitar o seu foco; 2. Defina o seu *corpus*; e 3. Selecione e aplique suas ferramentas analíticas. O que muito nos ajudará em nossa análise tendo em vista a adoção de grande parte do aporte teórico de Bazerman (2005).

1. 3. 2. Contribuições de Carolyn Miller

Miller (2009) aponta para a característica retórica dos gêneros, apresentando-os como entidades instáveis, socialmente construídas e os define como “ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes” (p. 44). A autora fez uma série de contribuições com seus estudos, ao conceber os gêneros como “tipificações socialmente derivadas, intersubjetivas e retóricas que nos ajudam a reconhecer e agir em situações recorrentes” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p.12). Nas palavras da autora,

(...) um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural. Para o crítico, pode servir tanto como um índice aos padrões culturais como ferramentas para a exploração das realizações de falantes e escritores particulares; para o aluno, gêneros

² BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: _____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, p. 19-46. 2005.

servem como chaves para a compreensão de como participar nas ações de uma comunidade. (MILLER, 2009, p. 44).

Miller usa o termo “situação retórica” por perceber que os propósitos dos usuários são componentes essenciais da situação. Nesse sentido, no momento em que interpretamos situações novas como sendo similares ou análogas a outras, criamos determinado tipo ao produzir uma resposta retórica a tal situação, que passa a fazer parte de nosso conhecimento, para que venha a ser utilizado em novas situações. Dessa maneira, aprender um conjunto de padrões formais para atingir determinados objetivos não é aprender um gênero, ao contrário, aprender que objetivos podemos ter numa dada sociedade é aprender um gênero, e, por isso, os gêneros são maneiras de inserção sociocultural.

Quando entendemos os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação recorrente, estendemos a concepção de gênero “centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação que é usada para a realização” (MILLER, 2009, p. 22). A autora, para chegar à concepção de gênero acima abordada, baseia sua argumentação nas teorias de autores da retórica como Fisher (1980 apud MILLER, 2009, p.26), por exemplo. Ele concebe quatro níveis de constituição do gênero, que são: a distinção de formas retóricas e outros tipos de discurso; a classificação de discursos dentro da retórica; as formas retóricas que são identificadas como gêneros; e as categorias de estilo.

Percebemos que o conceito de gênero de Miller é organizado levando-se em consideração a ação retórica tipificada que funciona como resposta para situações recorrentes que são definidas socialmente. Isso se explica, pois, de acordo com a autora, as categorias agem em níveis diferentes e nenhuma das perspectivas apresentadas por Fisher, através de quem ela desenvolveu sua teoria apontando as limitações, leva em consideração a ação retórica situada, que parece ser o ponto focal para a definição de gênero. Para Miller (2009), essas situações não devem ser entendidas como eventos reais, objetivos, históricos e sociais dos seres humanos.

Assim, as situações

são constructos sociais que são o resultado, não de “percepção”, mas de “definição”. Uma vez que a ação humana é baseada em (e guiada por) significado e não em causas materialistas, no centro da ação encontra-se um processo de interpretação. Antes de podermos agir, precisamos interpretar o ambiente material indeterminado: definimos ou determinamos uma situação. (...) Em outras palavras, nosso estoque de conhecimentos é útil apenas na medida em que pode ser relacionado a novas experiências: o novo é tornado familiar através do reconhecimento de similaridades relevantes; aquelas similaridades se constituem como um tipo. (MILLER, 2009, p. 31).

Conforme a autora, a forma é a dimensão em que mais facilmente detectamos a tipificação. Tipificação como processo social de produção de sentido e forma como realização, não uma realização mental, mas a materialização de algum tipo de processo de feitura de um artefato e também um objeto de percepção em que se podem ver padrões. Ou seja, no que diz respeito à tipificação, a autora se refere ao fato de os usuários, quando se deparam com um determinado gênero, parecerem dirigir-se a formas relativamente padronizadas, que podem definir determinadas ações em dadas circunstâncias. Dessa maneira, a tipificação, embora esteja relacionada à noção de forma, não se refere somente a ela, mas também a algumas semelhanças de conteúdo e de ações sociais.

É interessante pensar, nesse aspecto, que os gêneros não são apenas meras formas ou estruturas. É importante compreender também que embora a estrutura genérica seja aspecto importante, é apenas *um* dos aspectos, já que a melhor compreensão do gênero requeira uma relação entre a forma e a função que ele exerce na interação, ou seja, além da estrutura, sua força retórica precisa ser reconhecida pelos usuários.

Sendo o gênero uma ação social, não podemos analisá-lo apenas sob o ponto de vista da forma (de suas características linguísticas e/ou imagéticas), antes é preciso considerar o contexto no qual ele se insere e qual seu propósito comunicativo nesse contexto, ou seja, como, onde e para que está sendo utilizado. A combinação dos elementos mencionados é que possibilita a identificação e nomeação do gênero textual que se queira analisar. Concordamos, portanto, com o que afirma Hanks (2008, p. 123), para quem: “Devido à interação entre estrutura gramatical e função textual, a forma de um texto pode fornecer vários indícios para a identidade de seu gênero e para uma interpretação apropriada, porém a interpretação emerge somente da união entre forma e contexto”.

Além disso, é importante ressaltar o aspecto da cognição na constituição dessas formas de ação. Ou seja, os gêneros funcionam como modelos sociocognitivos que as pessoas utilizam para se mover nas variadas situações comunicativas e interações sociais em que se engajam para a produção de sentidos. A tendência é que exista uma dada forma para os textos de um mesmo gênero, mesmo que eles apresentem algumas variações e configurem particularidades dependendo da oscilação de influência do estilo pessoal, e, principalmente, determinadas por questões de autoridade, poder e área disciplinar. E é essa estrutura, mais ou menos flexível, que os interactantes partilham como “modelo”; essa forma está aliada ao objetivo que se pretende realizar através do gênero.

1. 4. Os estudos em Inglês para Fins Específicos

A Escola Britânica de gêneros, também conhecida como área do Inglês para Fins Específicos - ESP (BAWARSHI; REIFF, 2013), que estabelece uma ligação entre as tradições linguística e retórica, é desenvolvida numa perspectiva sociorretórica, voltada para os gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais, em particular para o estudo/ensino de variedades especializadas do inglês. Nessa vertente, os gêneros são concebidos como eventos comunicativos cujos membros partilham conjuntos de propósitos comunicativos e apresentam-se recorrentemente em ações dinâmicas da vida no dia a dia. Nessa escola, estão presentes, principalmente, os pensamentos dos estudiosos Vijay Bhatia e John Swales.

Em ESP percebemos uma concepção da relação entre traços linguísticos e contexto (definido de modo mais específico) e função social. Têm-se um imperativo pedagógico de tornar visível essa relação entre o linguístico e o social para estudantes desfavorecidos e a convicção de que o ensino explícito de gêneros relevantes propicia acesso aos gêneros a esses estudantes. Desse modo, temos uma pedagogia mais pragmática, direcionada para a aculturação dos falantes (estudantes) não nativos do inglês.

Para os estudiosos em ESP, gêneros são ações linguísticas e retóricas tipificadas pelos membros de uma comunidade discursiva para atender e realizar objetivos comunicativos compartilhados. Ou seja, envolvem o uso da linguagem para comunicar algo a alguém, em algum momento, em algum contexto e para algum propósito. Como uma classe de eventos comunicativos, o gênero não é aleatório nem é dotado de propósito único, mas é uma classe relativamente estável. A identificação de um gênero é feita através de um espectro de semelhanças de família, em outras palavras, não se dá por meio de propriedades fixas.

No que se refere às abordagens de análise de gêneros em ESP, elas partem do contexto para o texto e envolvem aspectos como a identificação do gênero dentro da comunidade discursiva e definição do propósito comunicativo que o gênero deve realizar; estudo da organização do gênero caracterizada, principalmente pelos movimentos retóricos que compõem tal organização; e, depois, parte-se ao exame dos aspectos textuais e linguísticos que realizam os movimentos retóricos.

Ao longo dos últimos anos, os estudos de gêneros em ESP concentraram-se em temas relacionados com o propósito comunicativo, o contexto e a natureza dinâmica e intertextual dos gêneros. No próximo tópico deste capítulo faremos a exposição dos grandes nomes da Escola Britânica, apontando as suas principais contribuições para as pesquisas nessa vertente de estudos.

1. 4.1. John Swales

Na teoria de gêneros de John Swales, merecem destaque os conceitos de gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva. Além disso, é importante citar também o seu famoso modelo de análise, o modelo CARS. Para Swales (1990, p. 58), o gênero é “uma classe de eventos comunicativos, cujos membros partilham certo conjunto de propósitos comunicativos”. Como evento comunicativo, o papel da linguagem é significativo e extremamente importante; sofre variações do que se tem como extremamente comum até o que se concebe como relativamente raro; inclui discurso, participantes, funções e situação de produção/recepção.

São muitas as contribuições de Swales para a análise de gêneros. Ele discute que gêneros novos podem surgir através da transformação de um antigo ou de vários, e os meios dessa transformação podem estar ligados ao deslocamento, combinação ou inversão do gênero. Nessa perspectiva, são analisados e identificados estágios (movimentos e passos) na estrutura do gênero, preocupando-se com aspectos socioinstitucionais, mais com a escrita do que com a oralidade, marcada pelos conceitos de comunidade discursiva, propósitos comunicativos e atores sociais. Essa é uma perspectiva importante para a presente pesquisa.

O propósito comunicativo é visto como ligado à convenção social de como o gênero funciona, para que ele serve na sociedade, e não de como é ligado às intenções psicológicas do falante/escritor, por exemplo. Sendo assim, ele não pode ser tomado sobre o viés da produção ou recepção do gênero. Propósitos também não são objetivos da comunidade; para cumprir tais objetivos, os membros de uma comunidade podem utilizar-se de uma série de gêneros, com diferentes propósitos. Nesse sentido, o propósito comunicativo reside no gênero, e não nos interlocutores, pois só podemos realizar determinados propósitos por meio de determinados gêneros.

A caracterização de um gênero textual engloba a conjugação de múltiplos fatores tais como os meios de transmissão e a intenção do produtor ao produzir o gênero. Swales afirmou, inicialmente, que são os propósitos comunicativos que delineiam e ajudam a diferenciar os diversos gêneros existentes.

Esses propósitos são conhecidos pelos *experts* membros da comunidade discursiva e com isso constituem a base lógica para o gênero [...]. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para atingir o escopo de um gênero”. (SWALES, 1990, apud BEZERRA, 2006, p. 51).

Askehave e Swales (2009), por sua vez, afirmam que o propósito comunicativo não pode, por si mesmo, ajudar os analistas a decidirem entre diferentes textos, quais pertencem a um determinado gênero. Isso se deve ao fato de que o que imediatamente é apresentado ao

analista é a forma e o conteúdo e não o propósito. Os autores, portanto, “retêm” o propósito comunicativo como método imediato de classificar os discursos em gêneros, devendo o analista considerar o conceito não como ponto de partida, mas como ponto de chegada para a validação da análise. Segundo eles, o propósito comunicativo “não é mais privilegiado pela centralidade, proeminência ou clareza evidente, mas por sua posição como recompensa ou retribuição aos pesquisadores no momento em que completam o círculo hermenêutico” (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 243).

Finalmente, outra grande contribuição de Swales que está ligada a processos metodológicos é o seu modelo CARS (*Create a Research Sapace*), modelo de análise de organização retórica do gênero, que descreve os movimentos ou unidades retóricas do gênero e suas respectivas subunidades retóricas. Segundo Bezerra (2006), o modelo é aplicado largamente em estudos acadêmicos ao redor do mundo, inclusive aqui no Brasil, com adaptações diversas.

Em pesquisas mais recentes, Swales (2004) vem tentando ver os gêneros não como objetos singulares e separáveis, mas como parte de uma complexa “rede de gêneros”. Baseado no dialogismo de Bakhtin, o autor chega a afirmar que um gênero vem de outros gêneros, como discutido acima. Assim, uma rede de gêneros vem a ser a totalidade de gêneros que circulam num determinado setor, em dado momento, embora, na realidade, haja pouca estabilidade e maior fluidez, e mudanças relativas aos gêneros que ocorrem a toda hora.

1. 4. 2. *Vijay Bhatia*

Segundo a concepção proposta por Bhatia, o estudo de gêneros deve levar em consideração elementos como: propósitos comunicativos reconhecidos pela comunidade; os próprios gêneros, produtos das relações comunicativas; as práticas sociais e discursivas típicas daquele contexto específico e os participantes, membros da comunidade discursiva (BHATIA, 2004, apud BEZERRA, 2010b, p. 37). Em seu texto “*A análise de gêneros hoje*”, Bhatia (2009) apresenta a seguinte definição para gêneros:

(...) gêneros são estruturas retóricas inerentemente dinâmicas que podem ser manipuladas de acordo com as condições de uso, e que o conhecimento de gêneros é, por conseguinte, mais bem conceituado como uma forma de cognição situada e imbricada em culturas disciplinares. (BERKENKOTTER & HUCKIN, 1995 apud BHATIA, 2009, p.167).

E considera que gêneros são

eventos comunicativos, caracterizados por um conjunto de propósitos comunicativos, identificados e compreendidos pela comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem; Gêneros são construtos altamente estruturados e convencionados, com pouco espaço para a contribuição individual em sua construção; Os membros experimentados das comunidades profissionais e acadêmicas possuem um conhecimento e uma compreensão muito maior do que os novos membros, os aprendizes ou os de fora sobre o uso e a exploração dos recursos dos gêneros; Embora os gêneros sejam construtos convencionados os membros especializados das comunidades profissionais e disciplinares muitas vezes exploram os recursos genéricos para expressar “intenções particulares” e organizacionais ao lado dos “propósitos comunicativos socialmente reconhecidos”; Como reflexo de culturas organizacionais e disciplinares, o foco dos gêneros se concentra na atividade social imbricada no interior das práticas disciplinares e profissionais; Todos os gêneros disciplinares e profissionais possuem uma integridade própria, que geralmente se identifica com relação a uma combinação de fatores textuais, discursivos e contextuais. (BHATIA, 2004, p. 37).

O autor buscou identificar algumas das questões mais importantes que são discutidas recentemente e levantar uma discussão sobre as implicações dessas questões para o desenvolvimento da teoria e para a aplicação no ensino e aprendizagem de línguas. Bhatia discute sobre a atratividade adquirida pelos gêneros e como eles possibilitam o agrupamento de várias áreas do conhecimento sobre o mesmo abrigo terminológico.

Sobre os traços essenciais que caracterizam a análise de gêneros e as diferentes abordagens, o estudioso afirma que o primeiro é o conhecimento convencionado. Segundo ele “as convenções dos gêneros são de grande utilidade para manter a atmosfera comunicativa e a ordem social desejáveis nas comunidades profissionais civilizadas” (BHATIA, 2009, p.163). O segundo traço é a versatilidade dos gêneros, aponta-se que ela opera e pode ser vista em vários níveis de descrição do gênero. E o terceiro traço é a tendência para a inovação; apesar de os gêneros terem uma integridade genérica eles são dinâmicos e tem uma tendência natural à inovação e a mudança.

Bhatia chama a atenção para a mistura e imbricação de gêneros. Ele aponta que no clima acadêmico e competitivo de hoje dificilmente os gêneros mantêm valores estáticos. Isso se deve a natureza fortemente compulsiva das atividades promocionais e publicitárias. Nesse sentido, é afirmado que “a noção de criatividade é a própria essência da definição dos gêneros” (BHATIA, 2009, p. 171).

Outras contribuições de Bhatia muito importantes para a análise de gêneros são as noções de colônia de gêneros e hibridização. Sobre a noção de colônia de gêneros, Bhatia discute que ela surge da versatilidade que permite a manifestação dos gêneros. Numa mesma colônia, gêneros, apesar de estarem interrelacionados, “não necessariamente respeitam fronteiras e domínios disciplinares” (BHATIA 2004, p. 57). Essa versatilidade também permite a respectiva análise em diversos níveis de generalização. Há, nesse sentido, um

processo de “colonização”, e através desse processo ocorre “a invasão da integridade de um gênero por outro ou convenção genérica, levando frequentemente à criação de formas híbridas” (BHATIA 2004, p. 58). Em outras palavras, a colônia de gêneros pode ser tida como um agrupamento de gêneros que participam da mesma esfera discursiva, em que são compartilhados, com outros gêneros, de outras esferas discursivas, o propósito comunicativo geral, existindo semelhanças nos propósitos comunicativos específicos.

Como pudemos perceber durante esse capítulo, há um grande número de pesquisas sobre gêneros textuais feitas a partir de diferentes teorias ou de articulações de campos teóricos diferentes. Deve-se, portanto, ter cuidado com as terminologias e definições, processo fundamental para o desenvolvimento da própria pesquisa e para discussão da noção de gêneros. Isso não significa que tais teorias não podem ser articuladas, sob o risco de incontornável contradição. Embasando as escolas de gêneros, acima descritas, com menor ou maior destaque, reside a ideia de que os gêneros refletem e coordenam modos sociais de conhecer e agir no mundo, e, assim, representam maneiras valiosas de se investigar como os textos funcionam em diversos contextos.

1. 6. Esclarecendo algumas opções teóricas

Nesta última seção do capítulo, vale ressaltar quais teorias servirão de ferramentas mais específicas para construção das análises da pesquisa. Como todas as grandes teorias de gêneros foram pensadas bem antes da Internet, é complicado prender-se somente a uma delas para se estudar sobre os gêneros circulantes em ambiente digital e, por isso, levaremos em consideração alguns aspectos de cada uma das teorias acima apresentadas.

Bakhtin (1997), por exemplo, não imaginava os gêneros que circulam hoje em dia no ambiente internetiano, gêneros esses que tornam ainda mais intensa a relativa estabilidade que foi por ele proposta. É incontornável a discussão de que o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional fazem parte de todo gênero, entretanto, outras abordagens devem ser levadas em consideração quando se fala em Internet, abordagens essas que devem tratar da intensificação da relativa estabilidade já mencionada. O conceito bakhtiniano torna-se, por isso, importante no estudo que nos propomos realizar. Até porque novas teorias não eliminam as primeiras, ao contrário, as aperfeiçoam de acordo com suas descobertas e interesses.

Nesse sentido, ainda falando sobre aspectos como maleabilidade, a definição de gênero proposta por Miller (2009), tem papel central neste trabalho. A perspectiva levantada pela autora, e que se reflete na sua escola teórica por meio de outros autores como Bazerman (1997), dá uma atenção indispensável às ações sociais, minimizando, mas não excluindo, a

questão formal do gênero. Além disso, os gêneros são tratados como reconhecidos social e cognitivamente pelos usuários e são utilizados recorrentemente (formas de reconhecimento psicossocial).

É importante salientar aqui a consideração de gênero como um constructo sociocognitivo como em Marcuschi (2000), já que seria difícil defender aspectos dos gêneros digitais levando em consideração somente o linguístico, por exemplo. Nesse sentido, vale dizer que os gêneros não têm uma circulação situacional idêntica em todas as culturas, nem tão pouco existem em determinadas culturas e suas formas de reconhecimento na sociedade são diferentes em diferentes espaços de tempo. Por seu turno, o gênero também está localizado na percepção de produtores e receptores e em seus modelos tipificados que cada um têm internalizados de acordo com determinadas situações.

Swales (1990; 2004) nos dá aportes teóricos, principalmente, no que diz respeito a sua definição de gêneros, e por tratá-los levando em consideração os seus aspectos linguísticos e retóricos. Bhatia (2004) nos ajuda não somente com as suas definições, como também com os seus modelos de análise, e sua formulação das teorias relacionadas à colônia de gêneros e hibridização. Serão tratadas ainda algumas questões relacionadas aos estudos de Marcuschi (2008), referencial muito importante nesta pesquisa.

No próximo capítulo discutiremos um pouco desde as sociedades orais ao surgimento do ambiente digital, relações entre fala e escrita (conforme Marcuschi, 2010), redes sociais (considerações em Recuero, 2009), e faremos uma descrição do site de relacionamentos Facebook.

Capítulo II

Das Sociedades Orais ao Ambiente e às Redes Sociais Digitais

Neste segundo capítulo, temos como intuito tecer algumas considerações a respeito do ambiente digital, fazendo um breve percurso histórico desde as sociedades orais até a chegada da Internet. Em seguida, faremos uma reflexão sobre o que são as redes sociais e como se caracterizam as redes sociais formadas na Internet. Finalizando este capítulo, apresentamos o site Facebook, antecipando algumas considerações importantes sobre os gêneros que nele circulam.

2.1. Das sociedades orais ao ambiente digital: fala e escrita

Nas sociedades orais os atores sociais presentes na comunicação/interação partilhavam do mesmo contexto de situação já que utilizavam a linguagem no mesmo espaço e tempo em que se encontravam. Conforme Dias (1999), essa comunicação era baseada nas lembranças das pessoas, principalmente no que se refere à memória auditiva. Nessas sociedades sem escrita eram explorados artifícios como dramatizações, danças, músicas e rituais, deixando-se claro que isso não é anulado quando as sociedades se tornam, cada vez mais, letradas. Isso era feito como uma maneira para que houvesse a transmissão e perpetuação das histórias que os povos dessas sociedades consideravam importantes. No entanto, depois de repetidas transmissões é claro que essa mensagem oral não seria mais a mesma.

A escrita trouxe uma nova perspectiva para a comunicação. Com ela é possível que fatos presenciados e relatos feitos sejam conhecidos por pessoas que viveram em outros lugares e épocas. De acordo com Lévy (1993), a mediação humana no contexto, que fazia a adaptação ou tradução de mensagens vindas de outro tempo ou lugar, é eliminada numa comunicação puramente escrita. Desse modo, o discurso pode ser analisado e compreendido fora do seu contexto de produção. Após algumas modificações causadas pela escrita, a sociedade sofreu outras duas modificações muito importantes na maneira como podemos conceber um texto: a revolução da imprensa e a revolução eletrônica causada pela disseminação do computador e, principalmente, pela internet.

A sociedade contemporânea está marcada pela presença de um forte advento de tecnologias digitais de informação e comunicação. Essas tecnologias, extremamente midiáticas, fazem surgir produtos cujas principais características são: a linguagem baseada em hipertextos; vastas possibilidades de interação comunicativa; novas noções de tempo e espaço, além do possível surgimento de novos gêneros textuais em inúmeros ambientes eletrônicos, entre outros. Lévy (1993) afirma que, tal como na oralidade, na escrita e no texto impresso, estamos vivendo sob uma nova tecnologia de inteligência que tem o poder de condicionamento do pensamento humano. De acordo com o autor,

As tecnologias intelectuais situam-se *fora* dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este livro em minhas mãos. Mas elas estão *entre* os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. Ao conectar os sujeitos, interporem-se entre eles, as técnicas de comunicação e de representação estruturam a rede coletiva e contribuem para determinar suas propriedades. As tecnologias intelectuais estão ainda *nos* sujeitos, através da imaginação e da aprendizagem. Mesmo com as mãos vazias e sem mexermos, pensamos com escritas, métodos, regras, compassos, quadros, oposições lógicas, cantigas algorítmicas, modos de representação e visualização diversos. (LÉVY, 1993, p.173-174).

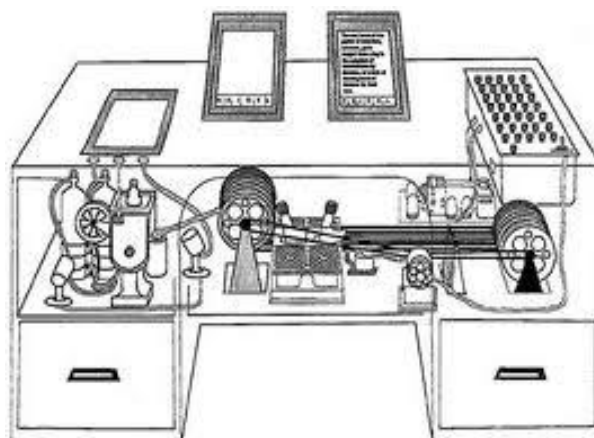
Com a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1453, os livros começam a circular em maior quantidade e fazer, cada vez mais, parte da sociedade. Além de permitirem uma maior difusão do conhecimento e das práticas de escrita e leitura, também proporcionaram, a partir disso, novos modelos de leitura, escrita, cognição, e, conseqüentemente, de textos.

A impressão, por exemplo, à primeira vista é sem dúvida um operador quantitativo, pois multiplica as cópias. Mas representa também a invenção, em algumas décadas, de uma interface padronizada extremamente original: página de título, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas. Todos esses dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais sustentam-se uns aos outros no interior de uma estrutura admiravelmente sistemática: não há sumário sem que haja capítulos nitidamente destacados e apresentados; não há sumários, índice, remissão ou outras partes do texto, e nem referências precisas a outros livros sem que haja páginas uniformemente numeradas. (LÉVY, 1993, p. 34).

Acompanhando a revolução da imprensa e melhorando os processos de divulgação das obras, foi possível ver o livro como é conhecido nos dias de hoje. Mas sua evolução não parou e alcançou as telas do computador, conforme afirma Bezerra (2006), e essa escrita das telas do computador faz surgir várias discussões a respeito de como nossa sociedade passou a ser textualizada. Segundo Marcuschi (2004, p. 15) “com os gêneros emergentes em ambiente virtual vem acontecendo uma radicalização do uso da escrita”.

No início do século XIX, muitas invenções começaram a ter influência sobre as formas de comunicação na sociedade. Em 1837, houve a digitalização do alfabeto para o código Morse e, em seguida, foram surgindo outros inventos como o telégrafo, a máquina de escrever, o telefone, o rádio e outros. De acordo com Dias (1999), no início do século XX surgiram novos dispositivos como a televisão e o gravador, a caneta esferográfica e a fotocopiadora que, de alguma maneira, estão relacionados com a comunicação. Em 1945, Vannevar Bush descreveu uma máquina, chamada Memex, capaz de propiciar leitura e escrita não lineares e armazenar uma biblioteca multimídia de documentos. Bush descreveu o Memex como “um dispositivo mecanizado em que uma pessoa guardaria todos os seus livros, fotos, jornais, revistas e correspondências e poderia consultá-los de forma rápida e flexível, como se fosse uma extensão de sua memória” (DIAS, 1999, p. 4).

O Memex seria uma mesa com teclas translúcidas, teclado, botões, alavancas e mecanismos de armazenamento, em que a gravação e a projeção tinham sua base na utilização de microfones. No processo de ligação de um item poderia se fazer a seleção automática e imediata de outro item para ser lido. Bush descreve que ao ligar vários itens “é exatamente como se os itens físicos tivessem sido reunidos para formar um livro. É mais que isso, já que qualquer item pode ser ligado a inúmeras trilhas” (BUSH, 1945 apud DIAS, 1999, p. 4). Assim, o Memex permitiria que as pessoas acessassem com rapidez e sem linearidade a diversas unidades individuais de informação multimídia relacionadas por meio de ligações. Podemos pensar, a partir disso também, nas primeiras ideias de hipertexto.

Figura 1: O Memex de Bush

Fonte:

<http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSxwwmyzKS28DFNRlnsLVyC3WM9TUuu6yBSCYsRp6zlyJCx7JsuA>

De acordo com Dias (1999), em 1963, foi escrito o artigo “A conceptual framework” por Douglas Engelbart. Nesse trabalho, o autor afirma que o computador poderia “aumentar” o pensamento humano. Dois anos depois da publicação de seu artigo ele inventa o mouse e Theodore Nelson cria o termo hipertexto, já discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Muitas das considerações sobre hipertexto que são discutidas hoje em dia têm ligação com as ideias levantadas nas pesquisas de Nelson. Em 1968 surge o sistema de editoração de texto Augment que, por meio da direção de Engelbart, foi desenvolvido no Instituto Stanford Researcher. Esse sistema de editoração fazia a implementação de links em diferentes arquivos, filtros e diversas janelas que eram controladas pelos usuários. Assim, era propiciada uma melhor interface entre o usuário e o computador, além de inúmeras facilidades que proporcionavam um trabalho colaborativo.

Em 1989 a World Wide Web (www) foi proposta por Tim Berners-Lee. Essa rede global se caracteriza como uma grande biblioteca multimídia, ou seja, “um conjunto de documentos hipertexto, com informações digitalizadas de textos, sons e imagens, conectados entre si e espalhados por computadores do mundo inteiro” (DIAS, 1999, p. 5). Conforme essa autora, no início da década de 1990

(...) foram desenvolvidos a linguagem HTML (...) e o protocolo de comunicação HTTP, os quais possibilitaram a produção e a disseminação de documentos hipertexto pela rede mundial de computadores – a internet (...).

Os sistemas hipertexto começaram a ser efetivamente utilizados principalmente nas áreas de educação, comunicação e organização de dados. Em 1993, a venda de enciclopédias hipermídia ultrapassou seus equivalentes impressos. Algumas instituições governamentais passaram também a utilizar a internet como dispositivo de divulgação de informações, estruturadas em hipertextos. Nessa época, a baixa velocidade dos meios de telecomunicações (por onde trafegam os dados) e a pouca interatividade das ferramentas disponíveis dificultavam o acesso às informações na Web. (DIAS, 1999, p. 5).

A Internet foi primeiramente pensada em termos de interesses bélicos pelos Estados Unidos. Tinha como objetivo primordial a criação de um sistema de informação interligado que assegurasse a transmissão e estabilidade da comunicação mesmo que uma das conexões que compunham o sistema fosse interrompida. Era uma tentativa americana de recobrar a hegemonia tecnológica que estava nas mãos soviéticas. É somente em meados da década de 1980 que o Estado americano patrocina pesquisas universitárias que levariam a Internet a ter funções e interesses comerciais.

Atualmente o que se percebe é que a Internet se apresenta como um novo ambiente para as práticas de leitura, falando-se hoje, devido às suas características, inclusive, em hiperleitor/hiperleitura. Isso se deve à presença dos recursos hipertextuais na construção do texto e as modificações que o hipertexto provoca. Os processos de leitura/escrita realizados em ambiente digital remetem à reflexão sobre linearidade/não-linearidade, autoria e direitos autorais, entre outras questões. Para Lima (2001, p. 3), “a digitalização introduziu uma revolução na nossa forma de ler. Não é mais o leitor que segue as instruções da leitura e se desloca no texto, mas é um texto móvel, que apresenta suas facetas, gira, torna e retorna à vontade do leitor”.

A atual conjuntura da sociedade exige que o cidadão tenha conhecimento sobre a tecnologia digital e possa desenvolver competências específicas relativas às práticas de leitura e escrita voltadas para esse ambiente. O hipertexto exige do leitor que estabeleça rapidamente as ligações entre as informações que acessa através dos links, antecipando o tema e relacionando os textos encontrados. Isso implica que é preciso também desenvolver certo grau de criticidade para lidar com esse fenômeno.

No ambiente eletrônico, a característica hipertextual se torna mais evidente, possibilitando ao leitor fazer um caminho diferente do texto no papel. Para Chartier (1994, apud SOARES, 2002, p. 152)

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

Neste momento da discussão, é importante discorrer sobre as relações fala e escrita já que, mais adiante, faremos uma abordagem da natureza possivelmente híbrida da linguagem por tratarmos de gêneros textuais presentes em ambiente digital.

Para Marcuschi (2010, p.17) “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala”. Segundo o autor, se pensarmos numa perspectiva sociointeracionista, a fala e a escrita apresentam dialogicidade, entre elas existem as contribuições de usos estratégicos, são feitas negociações, há envolvimento e funções interacionais, além de serem de grande importância questões de situacionalidade, coerência e dinamicidade, aspectos que abordaremos mais adiante.

Definindo escrita, Marcuschi afirma que

seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. (MARCUSCHI 2010, p. 26).

E comenta sobre a fala que

seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Nesse sentido “os termos fala e escrita passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que de produtos.” (MARCUSCHI, 2010, p. 26). O autor apresenta uma discussão sobre diferentes pontos de vista acerca da relação fala x escrita, sem necessariamente endossá-los.

Desse modo, segundo o autor, dentro da perspectiva sociointeracionista, fala e escrita estão estabelecidas numa relação dialógica, não formando um conjunto teórico pautado na

sistematização e coerência, mas representando uma série de postulados um tanto desconexos e difusos. A língua, nessa abordagem, é vista como um fenômeno interativo e dinâmico e que se volta para as atividades dialógicas que destacam as características da fala e suas relações com as características marcantes da escrita.

Assim,

pode-se dizer que discorrer sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita não é referir-se a algo consensual nem mesmo como objeto de análise. Trata-se de fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos linguísticos (relação fala-escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade versus letramento). As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (MARCUSCHI, 2010, p. 34).

Essa afirmação nos aponta para a conclusão já percebida de que oralidade e escrita são práticas e usos da língua cada uma com as suas peculiaridades, que não são suficientemente opostas para caracterizar uma dicotomia ou dois sistemas linguísticos. Cada qual permite a produção de variados textos coesos e coerentes, bem como a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais, variações dialetais, estilísticas e sociais e tantas outras. Dessa maneira, as práticas de fala, leitura e escrita “determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas de letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas” (MARCUSCHI, 2010, p. 18).

2.2. Redes Sociais formadas na Internet

As redes sociais fazem parte do cotidiano das pessoas há muito tempo. Todas as relações que temos com familiares, amigos e colegas são exemplos disso. A expansão da internet possibilitou o surgimento de redes sociais digitais. No Brasil, um dos dispositivos ou conjunto de recursos digitais, em destaque, que permite a formação, manutenção e ampliação de uma rede social é o site Facebook. Nesse sentido, o que para muitos são as redes sociais, como o Facebook, Orkut, Twitter, etc., na verdade são os sites que potencializam a formação de tais redes.

Segundo Fragoso *et al* (2006), a análise de redes sociais teve seu surgimento em meio a estudos voltados para a sociologia no começo do século passado, confundindo-se com o surgimento da Sociometria. O estudioso Wellman (1988) afirma que parte da tradição da análise de redes sociais tem início com a entrada dos trabalhos de Simmel nos Estados Unidos; o autor tentava mapear as relações sociais tentando perceber também como essas relações influenciavam os diversos sistemas sociais. Ainda conforme Fragoso *et al* (2006), o

trabalho de Jacob Levy Moreno é creditado pelos princípios que norteiam a análise de redes sociais. Em seu trabalho, Moreno estudou os primeiros gráficos sociométricos, tentando fazer a organização e quantificação de interações em grupos sociais e criou boa parte das principais definições que regem ao estudo em redes sociais.

De acordo com Recuero (2006, p. 26), “(...) uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. Assim, uma rede social é formada por indivíduos sociais e pela relação que estabelecem entre si por meio da interação.

Através desses dispositivos e recursos digitais podem-se estabelecer ligações sociais com um grande número de pessoas, colegas que não se veem há muito tempo podem ser encontrados, amigos que não moram na mesma cidade ou país podem utilizá-lo para manter o contato através da escrita de mensagens, vendo fotos e interagindo de muitas formas. Esses sites funcionam por meio dos perfis de atores e da interação que é construída por meio dos diversos gêneros. Neles é possível conhecer pessoas com as quais nunca se teve contato face a face, mas que, por assuntos e interesses afins, podem realizar interação e gerar “amizades”. A distância geográfica já não é mais, há algum tempo, um limite para as relações sociais.

Conforme Boyd e Ellison (2007, apud FRAGOSO et al, 2006), a retomada dos estudos de redes sociais da internet é caracterizada como uma abordagem específica, principalmente, após o surgimento dos chamados sites de redes sociais. Esses sites são construídos com a formação de um perfil repleto de aspectos da identidade de determinados atores sociais e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis. “Como a Internet possui ainda a característica de pertinência das interações sociais, essas são mais facilmente percebidas, gerando novas oportunidades de estudo desses grupos sociais” (FRAGOSO et al, 2006, p. 116).

No Brasil, o estudo de redes sociais na Internet tem encontrado destaque principalmente nas pesquisas sobre Comunicação, como, por exemplo, em Recuero (2005; 2006; 2007; 2009), Spyer (2009), Brambilla (2009), Santaella e Lemos (2011), entre outros. Nos estudos linguísticos, temos trabalhos com pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, que envolvem redes sociais como Facebook (Lima-Neto, 2013) e Twitter, por exemplo, mas ainda é necessário discutir vários aspectos que relacionem redes sociais e estudos sobre a língua, como os de gêneros e tantos outros.

As redes sociais são formadas por indivíduos e pela relação que esses indivíduos estabelecem entre si, por meio da interação social. Para Recuero (2009, p. 25), os atores “são pessoas envolvidas na rede”. Assim, as estruturas sociais são construídas por meio das

interações desses atores. No caso das redes sociais da web, entretanto, quando tratamos de atores sociais, não estamos falando somente de indivíduos. Existem muitos perfis em redes sociais mantidos por empresas ou grupos de pessoas, por exemplo. Para a autora, nesses casos temos representações de atores sociais. Essas representações podem ser definidas como “espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2009, p. 26).

Nas redes sociais “de um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na Internet (...) as conexões são mais plurais em seu entendimento.” (FRAGOSO et al, 2006, p. 116). Podemos compreender, desse modo, essas conexões como as interações que são construídas entre os atores e como as que são construídas e mantidas pelo sistema. Como já definimos os atores sociais, podemos pensar as conexões como sendo “constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desse grupo”. (RECUERO, 2009, p. 30).

Assim, as redes sociais sempre foram formas de agir na sociedade. Segundo Santaella e Lemos, existe, agora, mais do que nunca, um amadurecimento das relações sociais em rede, o que permite, inclusive, uma maior integração entre elas. “Informações pessoais, privadas, trafegam livremente entre os diversos repositórios, indo parar em bases de dados gigantes que analisam gostos e preferências individuais para inúmeros fins: governamentais, gerenciais, estatísticos, publicitários, estratégicos” (SANTAELLA; LEMOS, 2011, p. 59).

No próximo tópico faremos a descrição do site de relacionamentos Facebook, nosso objeto de estudo. Como queremos investigar os gêneros desse site e qual o uso e como esses gêneros podem ser agrupados, é de extrema importância trilhar esse caminho que vai desde as principais características e aspectos que envolvem o ambiente digital até a apresentação de como funciona esse software social que proporciona a criação e manutenção de redes sociais digitais.

2. 3. Site de relacionamentos Facebook: descrição

Em 2004, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughe, três estudantes da Universidade de Harvard, lançaram um site projetado para colocar os estudantes em contato uns com os outros, a fim de compartilharem fotos e fazer novas amizades com novas pessoas e cultivar as amizades já existentes. Esse site foi chamado de thefacebook.com, se tornando extremamente popular onde foi criado e em seguida em muitos lugares do mundo,

principalmente nos Estados Unidos e, agora, aqui no Brasil. Em 2005, os estudantes de 800 redes universitárias ao longo dos Estados Unidos puderam se unir à rede, e a sua filiação cresceu para mais de 5 milhões de usuários ativos. Em agosto desse mesmo ano, o nome do site mudou para Facebook.

Esse site começou a estabelecer sua popularidade aqui no Brasil no início do ano de 2011, sete anos depois de sua criação. Isso pode ser explicado, se falarmos de utilização livre da internet, pela grande popularidade estabelecida em 2005 pelo site de relacionamentos Orkut, que vem, de certa forma, caindo em desuso, abrindo um enorme espaço para a utilização dessa nova maneira de manter e estabelecer relações virtuais: o Facebook. Em 2012 ele se estabeleceu entre as redes sociais na Internet que têm a maior base de usuários do mundo, com, aproximadamente, 845 milhões de internautas conectados³.

Conforme as normas para construção de um perfil no site, de acordo com os seus criadores, para explorar o Facebook, deve-se criar uma conta gratuita. É exigido que os novos membros forneçam um endereço de correio eletrônico válido antes de completar o seu registro. Uma vez criada a conta, e respondidas a algumas informações importantes, o site gera um perfil para o usuário.

Na figura 2 podemos ver a página de entrada para o site. Nessa página, o internauta, após ter criado a sua conta, informa o seu endereço de correio eletrônico e a sua senha cadastrada. Nela também está o link que os internautas que não possuem conta com o site podem utilizar para fazer o seu cadastro. Ainda nessa página, podemos perceber uma imagem, à esquerda, que leva à ideia de formação de uma rede social, em que percebemos desenhos de bustos que representam as pessoas (principais atores sociais da rede) e os tracejados que interligam essas pessoas entre os diferentes lugares do mundo, representando as conexões da rede.

³ Essas considerações sobre o Facebook foram organizadas a partir de artigos sem nomeação de autores pesquisados na página da Wikipédia.

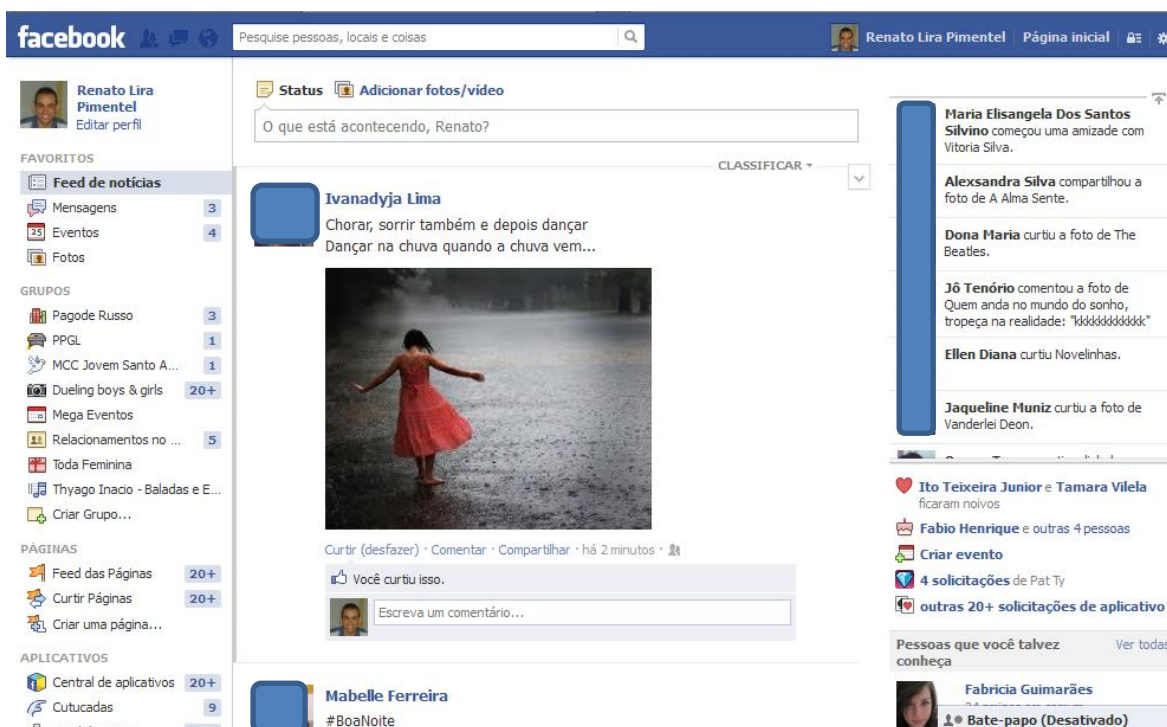
Figura 2: Página de entrada/cadastro para site Facebook em março de 2013

The image shows the Facebook login and registration interface. At the top left is the Facebook logo. To the right are input fields for 'E-mail ou telefone' and 'Senha', with an 'Entrar' button. Below these are checkboxes for 'Mantenha-me conectado' and a link for 'Esqueceu sua senha?'. The main content area is split: on the left, a blue box contains the text 'No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.' and a world map with orange user icons connected by dashed lines. On the right, the 'Cadastre-se' section is titled 'Cadastre-se' and 'É gratuito e sempre será.'. It includes input fields for 'Nome' and 'Sobrenome', 'Seu e-mail', and 'Insira o e-mail novamente'. Below that is a 'Nova senha' field. The 'Aniversário:' section has dropdown menus for 'Dia:', 'Mês:', and 'Ano:', with a note 'Por que preciso informar minha data de nascimento?'. There are radio buttons for 'Feminino' and 'Masculino'. At the bottom, a green 'Cadastre-se' button is present. A small disclaimer at the bottom of the registration form reads: 'Ao clicar Cadastre-se, você concorda com nossos Termos e que leu e entendeu nossa Política de uso de dados, incluindo Uso de cookies.'

Fonte: Site Facebook

Após fazer os procedimentos de entrada no site, o usuário é levado para a sua página inicial. Essa página não difere sua estrutura entre os usuários, ela tem os mesmos recursos para todos, o que difere são, por exemplo, a foto, quais os grupos, os eventos, os aplicativos, as páginas, entre outras coisas que estão diretamente ligados a cada um dos usuários. Logo abaixo do link do *feed de notícias* estão os links: mensagens, eventos e fotos. Mais abaixo se encontram os links disponíveis para os grupos, as páginas, e os aplicativos disponíveis ao usuário. À esquerda, podemos ver outros links referentes aos aniversários dos amigos do usuário, à criação de eventos, às solicitações de jogos e aplicativos feitos pelos amigos, além de algumas propagandas e indicação de indivíduos que o usuário possa conhecer e que possam ser convidadas para serem seus amigos. Existe também um link, que, ao ser clicado, faz surgir uma caixa com as atualizações de todos os amigos do usuário em tempo real. Outro link muito utilizado é o que leva a caixa de texto com todos os amigos que estão online no bate-papo, ou seja, que se mostram prontos a iniciar algum tipo de conversação, conforme figura 4. Podemos ver essa descrição na figura 3 e logo mais procederemos com a apresentação das principais páginas que constituem o site.

Figura 3: página inicial do usuário do Facebook em março de 2013



Fonte: Site Facebook

Figura 4: página inicial com a caixa com amigos no bate-papo exposta



Fonte: Site Facebook

Nesse espaço de interação por meio de práticas discursivas, são utilizados diversos gêneros textuais, desde comentários sobre o dia a dia até as mais variadas e complexas discussões a respeito das postagens dos usuários no site. Os gêneros são utilizados no *feed de notícias*, principalmente, em busca de responder aos *motes* do Facebook, que, no tempo em que coletamos os dados, eram os seguintes, seguidos do nome do usuário da página:

1. Como você vai?
2. O que está acontecendo?
3. Como está se sentindo?

Na figura 5, podemos perceber como se localizam as postagens no *feed de notícias*. Diversos gêneros textuais são utilizados nessas postagens, alguns gêneros já bem conhecidos e outros que parecem ter sido criados para o site.

As “notícias” postadas no Facebook pelos seus usuários têm o propósito inicial de toda notícia: informar alguém sobre algo. No entanto, o conteúdo dessas notícias e, conseqüentemente, o propósito que elas assumem por terem esse conteúdo, é diferente do que se está acostumado a ver nas notícias em jornais nos mais diferentes meios de comunicação do dia a dia, se tratam de novidades sobre os diversos usuários do site. Primeiramente, essas notícias não se tratam somente desse gênero, pois são postadas nesse espaço: frases e trechos de músicas, ou músicas inteiras, poemas, e tantos outros gêneros, como já falado, a depender da pessoa que está escrevendo. Na maioria dos casos, as publicações das “notícias” vêm direto do mural da linha do tempo da pessoa que as está postando.

Figura 6: Postagens do feed de notícias na página inicial



Fonte: Site Facebook

Todo usuário do Facebook possui uma página pessoal na qual é possível saber mais a seu respeito. Ao visitar a página de outra pessoa, o internauta tem contato primeiramente com este gênero – o perfil – o qual funciona como um “cartão de visitas”. O perfil acaba sendo resultado dos gêneros construídos nessa nova utilização da rede, possuindo alto teor multimodal, dando às pessoas uma ideia de quem é o usuário e quais são seus interesses.

O perfil do usuário possui as seguintes características: dois espaços distintos, onde se podem carregar duas fotos; uma seção, que mostra as fotos dos membros do Facebook que são amigos dele; uma seção que apresenta as informações pessoais que ele decidiu compartilhar com outros membros; essa seção pode ser aberta quando o usuário clicar no link “Sobre” (conforme figura); uma seção que informa as atividades recentes do dono do perfil; uma seção que mostra as fotos do dono do perfil, outra com mapas que apresentam os lugares que o usuário esteve, segundo as suas postagens; e, por fim, uma seção com as opções “curtir”, que se trata das páginas e perfis que o usuário acha interessante e das quais quer receber publicações. Todas essas seções podem ser visualizadas por meio de links tanto em imagem como em texto. No perfil também existe um tipo de mural, no qual os amigos podem deixar mensagens para o dono do perfil. Essas mensagens não têm um caráter tão sigiloso

quanto as que ocorrem por meio do bate-papo, pois elas podem ser vistas nas atualizações do *feed de notícias*.

Abaixo do perfil “propriamente dito” tem-se a linha do tempo do usuário. Desde 15 de dezembro de 2011, o Facebook disponibilizou para os seus usuários esse novo recurso que tem a finalidade de mostrar, em linha temporal, como o próprio nome propõe, todos os momentos da vida do usuário, tendo como base as suas postagens. A timeline funciona como uma casa para todas as grandes histórias que tenham sido postadas pelo seu dono. Com esse recurso agregado ao perfil, as histórias antigas não desaparecem com o acréscimo de novas histórias, o que acontecia quando o perfil não era constituído com a linha do tempo.

Figura 7: Primeira página do perfil em março de 2013



Fonte: Site Facebook

Na página do perfil existe também um pequeno espaço denominado mural. Ele é visível para qualquer pessoa com permissão para ver o perfil completo, e postagens diferentes no mural aparecem separadas no *feed de notícias*. Muitos usuários usam os murais de seus amigos para deixar avisos e recados temporários. Mensagens privadas são criadas em “Mensagens”, que são enviadas à caixa de entrada do usuário e são visíveis apenas ao remetente e ao destinatário, bem como num e-mail.

Percebe-se também que o mural do Facebook assemelha-se a um mural material onde podemos veicular esses gêneros já citados. Nesse sentido, a linguagem utilizada nos murais

vai variar de acordo com o gênero utilizado. Por exemplo, quando se está mandando um recado rápido para alguém, ou escrevendo um comentário de alguma foto, os usuários recorrem às formas simples e rápidas, mas quando querem enviar uma mensagem (que pode ser um poema, uma música ou algumas palavras para a pessoa, como um depoimento), é usada uma linguagem um pouco mais próxima da variedade padrão. Variados tipos de linguagem são utilizados no site de acordo com os gêneros textuais que lá são utilizados.

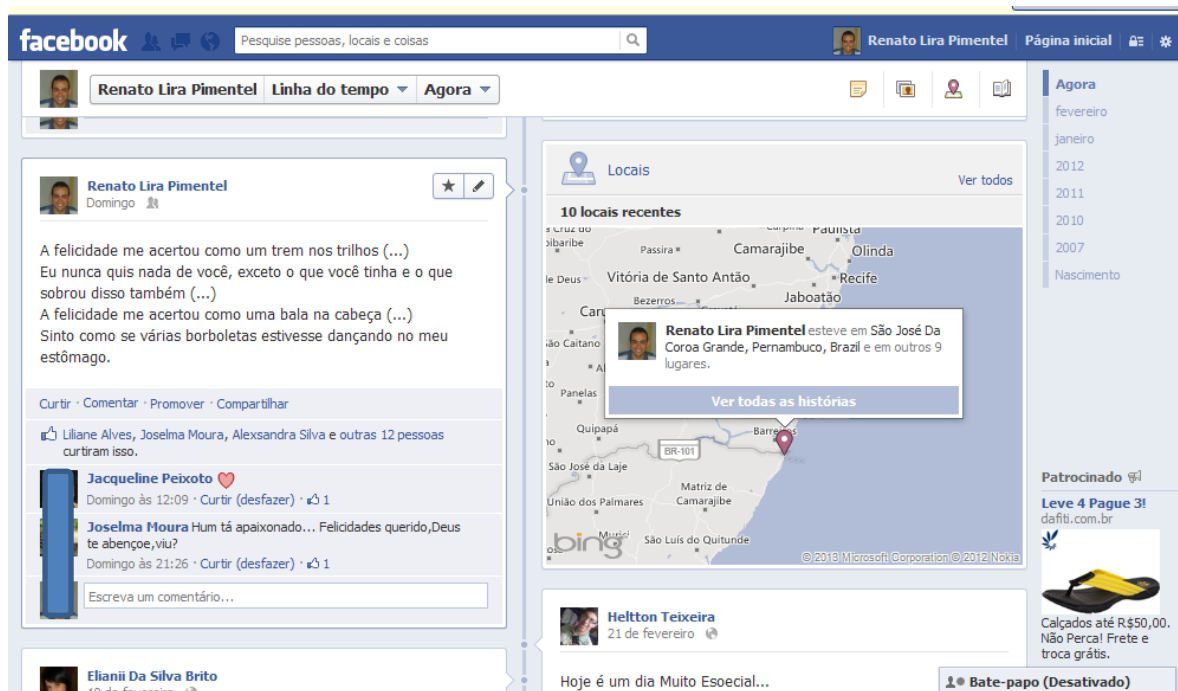
Figura 8: Perfil mais detalhado, aberto por meio do link “Sobre”

The image shows a Facebook profile page for Michelle Silva. The page is divided into several sections:

- Trabalho e educação:**
 - Empregadores:** FACETEG - UPE (De Junho de 2008 a outubro de 2009)
 - Instituição de pós-graduação:** Pós graduação em Língua Portuguesa - UPE/GUS (Turma de 2011)
 - Ensino superior:** Universidade de Pernambuco (UPE) (Turma de 2009)
 - Ensino médio:** Escola Estadual Gregório Bezerra (Turma de 2005 - Panelas, Pernambuco, Brazil)
 - Cultura Inglesa:** Cursando
- Histórico por ano:**
 - 2012: Iniciou os estudos na instituição Cultura Inglesa
 - 2011: Formou-se na instituição de ensino Pós graduação em Língua Portuguesa - UPE/GUS
 - 2010: Iniciou os estudos na instituição Pós graduação em Língua Portuguesa - UPE/GUS
 - 2009: Formou-se na instituição de ensino Universidade de Pernambuco (UPE); Saiu do emprego na empresa FACETEG - UPE
 - 2008: Começou a trabalhar na empresa FACETEG - UPE
 - 2006: Iniciou os estudos na instituição Universidade de Pernambuco (UPE)
 - 2005: Formou-se na instituição de ensino Escola Estadual Gregório Bezerra
- Residência:** (Section header visible)
- Sobre Michelle:** (Section header visible)
- Patrocinado:** Liquidação Redley! (Advertisement for Redley shorts)
- Destaque-se no Mercado:** (Advertisement for FGV)

Fonte: Site Facebook

Figura 9: Linha do tempo ou Timeline no perfil



Fonte: Site Facebook

Os proprietários de empresas, artistas, bandas e figuras públicas podem fazer perfis Facebook especiais e, desse modo, o perfil deixa de ter a função de apresentar a pessoa e passa a ter um caráter publicitário, invertendo o seu propósito comunicativo primeiro. Ao invés de se tornar amigo dos donos dessas contas, você pode se tornar um fã e, nesse sentido, muda-se a relação estabelecida entre essas pessoas passando-se de amigo para fã, e o gênero começa a possuir, a partir disso, algumas outras especificidades.

Vale destacar que, em nossas análises e após estudos realizados em Pimentel (2012), consideraremos, primeiramente, como gêneros digitais: o perfil, as postagens do feed de notícias (gêneros diversos), o bate-papo, e os comentários de postagens.

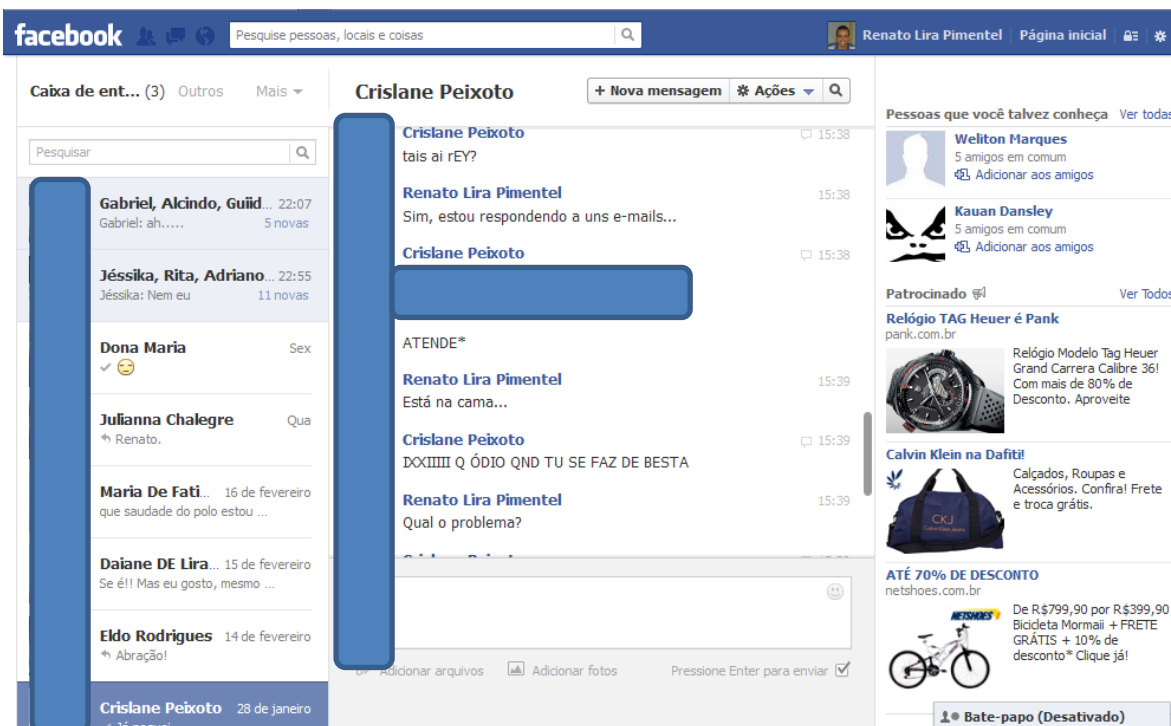
Os gêneros acima apresentados são, dentro do site, interligados e dialogam entre si. Dificilmente os usuários do Facebook utilizam apenas um desses gêneros. No caso do bate-papo, ele fica um pouco restrito a conversas rápidas, já que esse é um de seus propósitos. Assemelha-se a todos os outros bate-papos virtuais já conhecidos e se dá tanto em uma pequena caixa de diálogo que fica “escondida” na borda do site, que pode ser aberta em todas as páginas; como também em uma página específica para as mensagens do bate-papo. Nessa página, estão listadas, por ordem cronológica, todas as conversas que o dono da página teve com os seus amigos, e ele pode continuar uma conversa desse espaço, como também pode apagar ou arquivar conversas já encerradas.

Figura 10: Caixa de diálogo do bate-papo na página inicial



Fonte: Site Facebook

Figura 11: página exclusiva para as conversas pelo bate-papo



Fonte: Site Facebook

Os comentários postados sobre as notícias do *feed* na página inicial de cada usuário do site são gêneros mais simples no que diz respeito ao modelo de construção, linguagem e

formas de recepção. De acordo com as análises feitas (Pimentel, 2012), ele é um dos gêneros mais utilizados quando se acessa o Facebook. Geralmente quando se faz uma postagem no *feed de notícias*, a pessoa que fez a postagem já faz um comentário que desencadeia outros comentários de outros usuários. Essas postagens também são apresentadas/ nomeadas, no site, como novas histórias.

Em alguns casos, é postado no *feed de notícias* algum tipo de assunto polêmico, acadêmico, religioso, literário, entre outros. Nessas situações, o *feed de notícias* passa a ser um tipo de fórum temático em que a participação de cada usuário é feita através do comentário. Esse passa a ser mais elaborado para que a contribuição da pessoa que o postou seja proveitosa e à altura do assunto que está sendo tratado. Com a ressalva de que isso vai depender muito do assunto.

Figura 12: comentários de postagens no *feed de notícias*

The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top, the Facebook logo and search bar are visible. The user profile is Renato Lira Pimentel. The main post is by Lanny de Almeida, who shared a photo of a drawing. The drawing depicts a person with a red dot for a nose and the text: "DIZ A LENDA QUE ELE TROXOU SUAS CERTEZAS POR ALGUNS SONHOS MÁGICOS". Below the drawing, it says "Por Zé Santos". The post has received several interactions: a like from Jine Kacia Monteiro, Ivanadyja Lima, and two others; a comment from Irleyde Azevedo saying "Ai, tow morrendo de saudade de dona Elizia Almeida 😊"; a comment from Elizia Almeida saying "Tão eu né?! rrsrrsrrs"; and a comment from Lanny de Almeida saying "Lembrei também daquela história que". On the right side, there are advertisements for Tatianne Alves and a bicycle from netshoes.com.br. At the bottom right, there is a "Bate-papo (Desativado)" button.

Fonte: Site Facebook

No próximo capítulo, discutiremos, mais especificamente, sobre processos de hibridização em gêneros digitais, levando em consideração alguns trabalhos que já foram produzidos e que dizem respeito a esse assunto. Discorreremos também sobre os aspectos que envolvem o conceito de colônia de gêneros desenvolvido pelo pesquisador indiano Vijay

Bhatia em um trabalho de 2004, para, enfim, iniciarmos as discussões sobre os nossos objetivos de pesquisa no nosso capítulo de análise.

Capítulo III

Sobre gêneros digitais, hibridização e colônia de gêneros

Neste capítulo três, continuaremos a discussão teórica de maneira mais específica, tratando agora sobre os estudos referentes à hibridização de gêneros digitais. Da mesma forma, também levantaremos uma reflexão mais específica sobre o conceito de colônia de gêneros de Bhatia (2004) e os aspectos que a circundam.

3.1. Os gêneros digitais

Sabemos que, em menos de 30 anos, a internet causou uma revolução tecnológica na sociedade contemporânea, interferindo de forma significativa na maneira como os usuários da língua interagem e se expressam. A partir de todas as transformações causadas pela internet, muitos gêneros textuais emergiram ou sofreram processos de hibridização (BHATIA, 2009), de maneira que os estudos que tratam desse assunto falam em gêneros digitais, por eles se localizarem em ambiente eletrônico e transitarem em diferentes suportes virtuais. É claro que, sendo os gêneros essenciais em qualquer situação comunicativa, no contexto das novas tecnologias, eles precisam se adequar às necessidades comunicativas desse ambiente e, por isso, também começam a incorporar as suas próprias características. Assim, não somente esses gêneros são transformados ou transmutados como também surgem outros tantos, de acordo com a utilização por parte das pessoas. Carvalho (2009, p. 85) considera:

(...) Gênero [textual] como evento linguístico atrelado às necessidades comunicativas da sociedade (...). Esses gêneros se desenvolvem em conformidade com os usos que os homens fazem das novas tecnologias de comunicação decorrentes dos avanços das tecnologias digitais.

Apesar de recentes, os estudos voltados para os gêneros digitais já apresentam algum avanço, na medida em que os pesquisadores procuram definir suas principais características e particularidades. Até porque “a inserção das tecnologias da informação na vida cotidiana dos cidadãos tem se tornado um evento cada vez mais marcante, porque, entre outras coisas, é capaz de reordenar o próprio modo como o ser humano interage e se integra socialmente” (PINHEIRO, 2009, p. 205). O ambiente eletrônico propicia inovações sobre os gêneros ali vivenciados, tais como uma maior interatividade devido aos recursos desse ambiente: a

organização hipertextual, a presença intensificada da multimodalidade e a hibridização são características relevantes que participam da construção e da interpretação desses gêneros. Os conceitos referentes à hipertextualidade, multimodalidade e hibridização serão definidos mais a frente. Os primeiros nesse mesmo capítulo e o último em um capítulo específico ligado à análise.

Nesta pesquisa, consideramos, baseados em Marcuschi (2003, p. 8), que o suporte é o “portador do texto, local (físico ou virtual), com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” e tem relação intrínseca com a produção/ recepção dos gêneros. Não estamos definindo qual seria esse “portador do texto”, pois, de toda maneira ainda se discute muito isso, mas estamos considerando que ele pode ser relevante em muitos casos de análise de gêneros. Isso se revela de tal forma porque o leitor incorpora/ interpreta o suporte em sua leitura do gênero.

Considerar o suporte em que se localizam os gêneros é de fundamental importância, pois, a mudança de suporte causa uma transmutação que acarreta em modificações significativas para o gênero. De acordo com Chartier (1999) a natureza do meio interfere de maneira significativa os gêneros que comporta, quer acrescentando a eles um caráter mais dinâmico e interativo, quer fazendo surgir novos gêneros.

Assim, chamamos de “gêneros digitais” os gêneros que têm como característica, também, sua circulação em ambientes específicos que estão ligados ao desenvolvimento tecnológico e são influenciados por ele.

Nesse sentido, o que definimos como “gêneros digitais” são os gêneros que, além de apresentar a condição de fenômenos de linguagem, complexa e inerente, “apresentam ainda a particularidade de se oferecerem ao leitor em um ambiente específico, a *Web*, por exemplo, diretamente atrelado e influenciado por desenvolvimentos tecnológicos cada vez mais numerosos, frequentes e velozes” (BEZERRA, 2011, p. 4).

Conforme Marcuschi (2004), em sua maioria, esses gêneros não se tratam de criações novas, mas têm algum paralelo com outros gêneros já conhecidos na escrita convencional ou oralidade. “Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 13).

3. 1. 1. *Hipertexto e Multimodalidade: alguns aspectos que permeiam gêneros digitais*

As discussões sobre as características dos gêneros digitais também são muitas, pois se deve perceber que, como já discutimos, não somente surgiram novos gêneros, mas tantos outros sofreram processos de hibridização. Dessa forma, as características sofrem mudanças, mas em alguns elas não são tão diferentes, não se distinguindo tanto dos outros gêneros ditos não digitais. Deixamos claro que não se está querendo dizer que os aspectos que aqui discutiremos são exclusivos desses gêneros, mas que são percebidos na sua construção, de modo intensificado.

Primeiramente, é importante destacar a presença de recursos hipertextuais, ou seja, a presença de hipertextos. Podemos definir o hipertexto como uma estrutura que possibilita a ligação entre diferentes textos e informações, sendo que, no geral, eles estão interligados entre si. É como se o hipertexto permitisse que o leitor construísse seu próprio texto, a partir dos diversos fragmentos de textos que estão acoplados à sua superfície. Consoante Marcuschi (2000), a concepção de hipertexto foi desenvolvida por Nelson em 1964,

para referir uma escritura eletrônica não-sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais ou sucessivas, em tempo real (...) O hipertexto se caracteriza pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multissequencial e indeterminado realizado em um novo espaço de escrita. (MARCUSCHI, 2000, p. 90-91).

Assim, o hipertexto é um tipo de escritura. “É uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não-contínuas e não-progressivas” (MARCUSCHI, 2001, p. 21). Lévy faz as suas considerações sobre o hipertexto dizendo que ele pode ser considerado como um conjunto de nós ligados por conexões, sendo que esses nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. “Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas, cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular” (LÉVY, 1993, apud LIMA, 2001, p. 3).

Com esse mecanismo, fica mais fácil para o leitor interagir diretamente com o texto, ou com os vários textos, acessando os *links* disponíveis, sem preocupação direta com a linearidade estipulada inicialmente pelo autor. Komesu (2005) afirma que a ideia inicial foi a de associar por semelhança de tema e facilitar o acesso às informações, lembrando as

associações realizadas pelo pensamento humano. Xavier (2002 p. 152-153), outro grande estudioso sobre esse tema, considera o hipertexto “(...) como um dispositivo ‘textual’ digital multimodal e semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros), (...) e que se encontra interligado a outros textos mediante os hiperlinks (links) que o constituem”.

Alguns aspectos que permeiam os gêneros digitais, como o hipertexto e a multimodalidade, não são opção exclusiva desse ambiente. No entanto, o ambiente digital os torna mais evidentes. A presença do hipertexto, por exemplo, possibilita uma maior agregação de informações, além de incluir a junção de várias mídias em um mesmo ambiente, o que leva à multimodalidade, intensificada nesses gêneros, mas não exclusiva deles.

Como já dito, a multimodalidade não é específica desses gêneros. No entanto, no ambiente digital, sua presença é intensificada, justamente pela junção de tantas outras especificidades ali presentes e a integração entre semioses (linguagem verbal, som, imagem). Para Xavier (2004, p. 5), “a fusão dos diversos recursos das várias linguagens numa só tela de computador, acessíveis e utilizáveis simultaneamente em um mesmo ato de leitura, provoca um construtivo, embora volumoso, impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura”.

Conforme Kress e van Leeuwen (1996), pioneiros no assunto, é importante destacar que a multimodalidade não diz respeito apenas às imagens estarem juntas ou atreladas às palavras, tendo em vista que abrange também a maneira como um texto se organiza em determinado contexto. Uma pesquisadora desse tema aqui no Brasil é Ângela Dionísio. A estudiosa destaca que é “importante mencionar que ao conceber os gêneros como multimodais, não estou atrelando aos aspectos visuais meramente as fotografias, telas de pintura, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também a própria disposição gráfica do texto (...) (DIONÍSIO, 2005, p. 164).

Dentre os pesquisadores do assunto encontra-se Stöckl (2004), que define a multimodalidade enfatizando a junção dos muitos artefatos que podem ser utilizados na interação. Segundo o autor, “multimodalidade é um termo que designa a junção de artefatos comunicativos e processos que combinam os vários sistemas de signos (modos), como fala, escrita, gestos, imagens, etc. (2004, p. 9).” No que se refere ao conceito de modo, Kress (2003, p. 54) os aponta como “recursos socialmente moldados e culturalmente dados para a produção de sentido/significado”. A multimodalidade busca similaridades nos conceitos das várias teorias semióticas e críticas, com a finalidade de investigá-las. Vários estudiosos têm se ocupado dos estudos sobre o conceito, não só estudiosos da linguística, mas também de outras áreas.

Se pensarmos nas afirmações de Kress e van Leeuwen, Stöckl e Dionísio, para quem todos os modos são multimodais, podemos levantar a premissa de que todos os textos são multimodais. No entanto, os textos não possuem um mesmo nível de manifestação da organização multimodal. Existem alguns que são mais padronizados e outros menos padronizados. Como exemplo dos primeiros, podemos citar um trabalho acadêmico, e para os últimos, um cartaz. Através da multimodalidade há diferentes possibilidades de construção de significados.

Nesse aspecto, é possível perceber a hibridização referente a questões da linguagem, em que a oralidade e a escrita não são dicotômicas, mas muitas vezes se aproximam, rompendo com os paradigmas tradicionais vigentes e gerando uma nova forma de se utilizar a linguagem na comunicação. Tal característica é notável nos gêneros digitais. Lêdo (2008) comenta que a multimodalidade está intimamente ligada à hibridização dos gêneros textuais, no sentido de que, ao proporcionar para eles outros recursos, facilita a combinação de suas características com as de outros gêneros, ficando difícil a identificação em separado, pois se tratando de um gênero híbrido, os propósitos comunicativos se revelam mistos ou disfarçados. Para a autora, “no meio eletrônico é comum encontrar esse tipo de gênero, pois tanto a multimodalidade quanto o hipertexto contribuem para esse mecanismo de hibridização” (LÊDO, 2008, p.20).

3.2. Hibridização e os gêneros digitais

Bakhtin (2008) faz uma apresentação do percurso histórico do conceito de gênero e percebe que o início das reflexões sobre os gêneros está ligado às práticas de linguagem do século III a. C. O autor afirma que existe certa flexibilidade nos gêneros, o que, para ele, traz impossibilidade de encontrar limites estruturais totalmente fixos. Os gêneros não surgem do acaso, como também afirmou Marcuschi (2004), eles provêm sempre de outros, os quais, no decorrer do tempo, podem ser modificados, adquirir alguns traços e perder outros. Ainda assim, para o pensador russo, eles sempre conservam traços que garantem a sua identidade:

O gênero sempre conserva os elementos imorredouros do arcaica. É verdade que nele esse arcaica só se conserva graças à sua permanente renovação, vale dizer, graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero. Por isso, não é morta nem arcaica que se conserva no gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é uma arcaica com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente, mas sempre recorda seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. É

precisamente por isto que tem capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento. (BAKHTIN, 2008, p. 122).

Todos os gêneros textuais passam por mudanças ao longo do tempo. Isso acontece, pois os gêneros pertencem a determinadas esferas da atividade humana e cada uma dessas esferas tem características próprias, sendo natural, tendo em vista as necessidades dos usuários de uma ou de outra esfera, que ocorram hibridizações entre elas e conseqüentemente entre as formas de comunicação e interação que estão intrinsicamente ligadas ao uso dos diversos gêneros textuais. A esse fenômeno de mudanças e misturas de gêneros, Bakhtin chama de reelaboração de gêneros⁴.

Ao que parece, Bhatia ([1997] 2009) é um dos primeiros autores a discutir questões referentes à hibridização de gêneros nos estudos linguísticos. Mesmo sendo um fenômeno inerente ao uso da linguagem, no que diz respeito aos estudos linguísticos, questões como essas só começaram a ganhar destaque com as discussões de Bhatia (1997 [2009]) sobre o aspecto convencional dos gêneros e tendências para inovação. Segundo o autor:

(...) o aspecto convencional e a tendência para inovação: esses dois traços da teoria de gêneros parecem ter um caráter contraditório. De um lado a tendência de ver um gênero como um evento textual retoricamente situado, altamente institucionalizado, apresentando aquilo que chamei, em outro trabalho, de “integridade genérica” (Bhatia, 1993); por outro lado uma tendência natural à inovação e à mudança, que frequentemente é explorada pelos membros experientes da comunidade especializada na criação de novas formas para responder a contextos retóricos familiares ou nem tão familiares assim. Isso confere a maioria dos gêneros um tipo de complexidade dinâmica que frequentemente se atribui ao uso de recursos multimídia, à explosão da tecnologia informacional, aos contextos multidisciplinares no mundo do trabalho, ao ambiente profissional crescentemente competitivo (...) e, acima de tudo, a necessidade de criatividade e inovação na comunicação profissional. (BHATIA, 2009, p. 167-168).

Em seus estudos, Bhatia (2004) aborda as características dos gêneros promocionais, os quais, segundo o autor, raramente mantêm valores estáticos, podendo assim, devido ao seu caráter dinâmico, colonizar outros campos, não necessariamente mercadológicos. Para o autor, “o resultado inevitável é que muitos dos gêneros institucionalizados, quer sejam sociais, profissionais ou acadêmicos, têm incorporado elementos promocionais” (BHATIA, 2009, p. 169).

No que se refere aos processos de hibridização que ocorrem na internet e as discussões sobre os gêneros digitais, podemos dizer que Crownston e Williams (1997) podem ser caracterizados como estudiosos pioneiros a fazerem categorizações dos gêneros circulantes na

⁴ Em nossa análise, não utilizaremos o conceito de reelaboração proposto por Bakhtin, mas o de hibridização segundo a concepção de Bhatia, que será explicada a seguir.

Internet. Baseados na análise de 100 homepages, os autores fazem a seguinte categorização para esses gêneros:

Quadro 2: Categorias de gêneros da Internet

Categorias	Definição	Exemplos
Gêneros reproduzidos	Gêneros já existentes reproduzidos em uma nova situação.	Um poema movido para a internet de forma intacta.
Gêneros adaptados	Gêneros que foram modificados para se adaptar a um novo meio.	Um poema com adaptações, como links em algumas palavras que levam a outros poemas.
Gêneros emergentes	Gêneros pensados e desenvolvidos especificamente para um novo meio, satisfazendo as especificidades da web.	Um homepage de algum site.

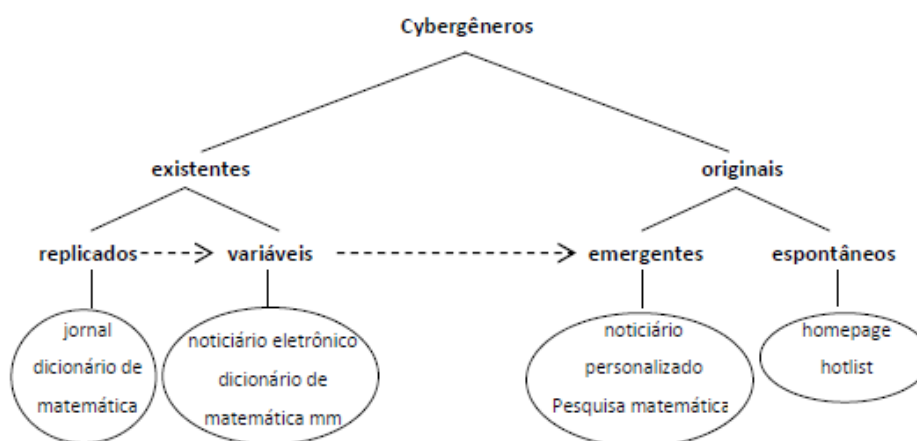
Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nas categorias de Crownston e Williams (1997)

Se pensarmos nas diferenças que se estabelecem entre os gêneros emergentes e os gêneros adaptados, descritos pelos autores, percebemos que essas são diferenças mínimas, e isso compromete a forma como poderíamos classificar determinados gêneros em uma ou outra categoria. Nesse sentido, se refletirmos um pouco sobre os gêneros digitais, tendo em mente os vários gêneros que se realizam no site Facebook, percebemos que poderemos não estar falando somente de gêneros estritamente novos e feitos exclusivamente para o novo meio, mas também de gêneros feitos para o novo meio que partem de e/ou se misturam com outros gêneros.

Shepherd e Watters (1998, apud Lima-Neto, 2009) nos oferecem outra taxionomia para os gêneros provenientes da combinação entre computador e Internet. Os autores designam esses como cybergêneros. Os estudiosos estabelecem a diferença entre gêneros e cibergêneros, afirmando que os primeiros são caracterizados principalmente pela forma e pelo conteúdo, enquanto aos últimos é acrescentada a característica da funcionalidade. No entanto, mesmo sendo esclarecido pelos autores que essa funcionalidade é trazida pelas novas mídias, não concordamos com tal assertiva: a de que essa é uma característica a mais dos gêneros

digitais. Acreditamos, pois, que todos os gêneros, sejam impressos ou de mídias eletrônicas, têm sua funcionalidade. A proposta dos autores é a que segue:

Figura 13: A evolução dos cybergêneros



Fonte: Sheperd e Watters (1998, apud Lima-Neto, 2009)

Mesmo com alguma ressalva, a proposta representa um avanço em relação a que foi apresentada por Crownston e Williams (1997). Isso se deve aos estudiosos proporem uma linha gradativa do percurso pelo qual os gêneros digitais evoluem. Nessa perspectiva, a funcionalidade é constituída como uma característica exclusiva dos cybergêneros, sendo formada pelas propriedades de informação e de interação trazidas pelo meio virtual. Com tais definições os autores propõem um gráfico para a evolução dos gêneros da web:

Os cybergêneros podem ser *extant* (existentes) – quando têm base em gêneros já existentes – e *novel* (original) – quando se desenvolveram nessa nova mídia e dela são totalmente dependentes. No terceiro nível do gráfico, parece haver uma gradação, que vai dos gêneros existentes replicados – quando simplesmente são transpostos de mídias outras para a web (tais quais os gêneros reproduzidos de Crownston e Williams) sem alteração alguma – passando por gêneros existentes variáveis – aqueles que sofrem uma variação em sua estrutura para se adequar às novas mídias – chegando aos emergentes – gêneros que exploram totalmente as novas potencialidades midiáticas, e os gêneros de origem são reconhecidos somente por características marginais. Já os gêneros originais espontâneos são típicos da Web e não têm contraparte fora dela. (LIMA-NETO, 2009, p. 63).

Concordando com Lima-Neto (2009), a proposta de Shepherd e Watters foi muito importante para a época (ano de 1998) quando a web ainda estava se popularizando no mundo todo, mas essa proposta apresenta alguns problemas: o conceito de gêneros é bastante redutor, limitando-se ao conteúdo e forma do gênero e deixando de lado aspectos importantes como propósito comunicativo e todo o contexto sociocomunicativo; a funcionalidade dos

cybergêneros é diretamente ligada às novas mídias e não ao próprio gênero, o que acarreta uma descaracterização da autonomia do gênero; são um pouco obscuras as diferenças entre gêneros variáveis e emergentes, sendo um tanto desconexos os critérios para divisão desses gêneros. É preciso ter em vista que amarrar os gêneros digitais a características de forma e conteúdo “é um risco desnecessário, pois, devido à volatilidade da própria web, essas características podem mudar em pouco tempo para atender a novas necessidades enunciativas” (LIMA-NETO, 2009, p. 63).

Se pensarmos na teoria de gêneros baseada em Swales (1990), em que o propósito comunicativo é realizado pelos *moves* e *steps*, esses, por sua vez, seriam realizados por diferentes estratégias retóricas, combináveis entre si. Nesse sentido, Askehave e Nielsen (2004) apresentam o que elas chamam de modelo tradicional de análise de gêneros, e, a partir desse modelo, propõem outro que se preste a análise de gêneros digitais, tendo em vista as limitações do modelo tradicional para tal empreitada científica.

As autoras representam o modelo tradicional de análise de gêneros da seguinte maneira:

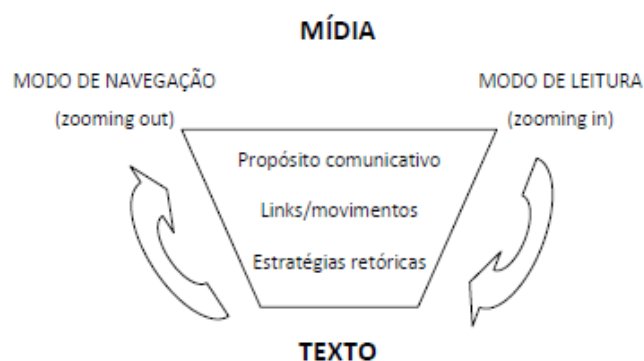
Figura 14: Teoria de gêneros tradicional



Fonte: Askehave e Nielsen (2004, apud Bezerra, 2011, p. 131)

Askehave e Nielsen (2004) consideram a não linearidade, a multimodalidade e a característica de trocar documentos pela web como imprescindíveis na constituição dos gêneros digitais. Na elaboração de um modelo próprio para a análise desses gêneros, a solução das estudiosas é associar os *links* aos movimentos retóricos já que o propósito comunicativo era associado aos movimentos e estratégias. Na figura 15 temos a representação do seu modelo “bidimensional”:

Figura 15: Modelo bidimensional de gêneros



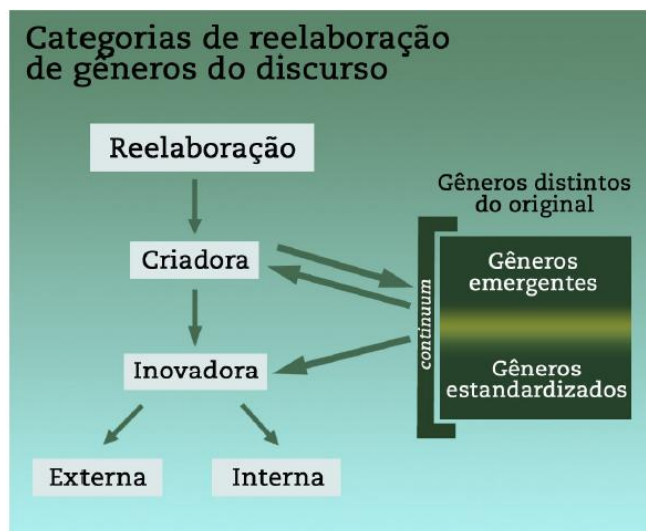
Fonte: Askehave e Nielsen (2004, apud Bezerra, 2011)

Nesse modelo proposto por Askehave e Nielsen os elementos em destaque são a web, que é o meio, e o próprio texto que pode ser estudado levando-se em consideração três elementos distintos. Esses elementos são os propósitos comunicativos que são realizados concretamente por meio dos *moves*, que por sua vez se realizam pelo uso das mais diversas estratégias. Essas estratégias equivalem, no modelo, ao que Swales chama de *steps*.

Para as autoras, a forma tradicional do modelo configura o modo de leitura, ou “a leitura como tal”, cujo movimento se dá por meio do texto. O modo de navegação seria uma estratégia própria de leitura do usuário que perpassaria um caminho próprio de navegação no site. Nesse caso, o ponto de partida é o texto e o movimento do leitor se dá em direção ao meio para fora do texto.

Costa (2010), em seu trabalho sobre as práticas de linguagem do site *Youtube*, esclarece que o que pode ser entendido por “novos gêneros” não necessariamente são novos: “os gêneros se transformam não apenas em direção à ruptura, ou seja, em direção a outros gêneros marcados pelo ineditismo, mas também em direção a gêneros cujas feições já sejam conhecidas” (COSTA, 2010, p. 65). A autora nos apresenta em seu trabalho um gráfico que colabora no entendimento de como acontece a reelaboração em sites da internet:

Figura 16: Categorias de reelaboração de gêneros



Fonte: Costa (2010, p. 73)

A autora afirma que a reelaboração de um gênero é, antes de tudo, criadora, mas essa reelaboração não resulta necessariamente em um gênero novo, podendo ser caracterizado como um gênero distinto do original, mas será um gênero que estará localizado em um contínuo entre um gênero mais estandardizado, ou seja, “tipo de enunciado cuja presença, utilização e aceitação em determinados grupos sociais é consensual ou, ao menos, relativamente estável” (COSTA, 2010, p. 70) e um gênero emergente: “tipos de enunciados nascidos preferencialmente sob o signo das tecnologias digitais (mas não apenas) vocacionados a renovar gêneros preexistentes ou introduzir novos gêneros nas plataformas ou ambientes de comunicação em que se inserem” (COSTA, 2010, p. 70).

Tendo sido discutidos alguns aspectos que envolvem a hibridização de gêneros digitais, no próximo tópico faremos a apresentação dos principais aspectos que envolvem a teoria de colônia de gêneros de Bhatia (2004).

3. 3. Sobre colônia de gêneros

Neste momento, queremos apresentar o conceito de colônia de gêneros e os aspectos que circundam esse conceito, para que, assim, possamos, no próximo capítulo, iniciar a nossa análise e tentar responder as nossas questões de pesquisa, sendo a última diretamente ligada ao nosso último objetivo específico, qual seja: investigar se as postagens do *feed de notícias* do Facebook constituem uma colônia de gêneros.

Bhatia (2004) trouxe aos estudos em análise de gêneros o conceito de colônia de gêneros, o qual, conforme o autor, tenta auxiliar os estudiosos no que se refere aos gêneros que mantêm uma ligação recíproca dentro e através de diferentes domínios disciplinares. Para o pesquisador, assim como gêneros podem ser identificados em um nível específico individual, eles podem ser identificados em níveis “acima” (em que os gêneros são chamados pelo autor de “supergêneros”) ou em níveis “abaixo” (chamados pelo autor de subgêneros). Ou seja, podem ser identificados a partir de diversos níveis de generalização, sendo que a maioria desses gêneros de uma mesma colônia não respeitam fronteiras e domínios disciplinares.

O estudioso salienta que o conceito de colônia de gêneros serve a funções importantes na teoria de gênero: traz um grau de versatilidade para a identificação e descrição do gênero, na medida em que permite que os gêneros possam ser vistos em diferentes níveis de generalização, o que possibilita a reflexão sobre a relação de princípios entre “supergêneros”, gêneros e subgêneros; além de tornar possível relacionar as subcategorias desses gêneros às características de um contexto interacional mais amplo. Para os fins deste trabalho, não adotaremos as definições de supergêneros ou de subgêneros, antes consideraremos todas as formas de ação social discutidas neste trabalho como gêneros, sem levar em consideração as terminologias de Bhatia baseadas em níveis.

Assim, segundo o autor, esse conceito incorpora dois significados que mantêm relação e que intensificam o seu potencial para a análise de gêneros. Primeiramente, a colônia representa “um agrupamento de gêneros estreitamente relacionados” (BHATIA, 2004, p. 57), que em grande parte partilham do mesmo “propósito comunicativo geral” e se diferenciam no que se refere aos “propósitos comunicativos específicos” ligados a aspectos como filiação disciplinar, contexto de uso, relacionamento entre participantes entre outros aspectos.

Ainda conforme o autor o conceito de colônia de gêneros é crucial para o quadro teórico atual de análise de gêneros, na medida em que apresenta um agrupamento de gêneros dentro e entre um ou mais domínios discursivos (chamados pelo autor de membros primários da colônia), assim como permite a visualização de como os recursos genéricos são explorados e apropriados para que ocorra a criação de gêneros híbridos (misturados ou incorporados), gêneros que podem ser considerados membros secundários da colônia, conforme Bhatia (2004).

Na figura 30, podemos ver representado o exemplo de uma colônia de gêneros do relatar (adaptado) como proposta por Bhatia (2004).

Figura 30: Colônia de gêneros do relatar



Fonte: Bhatia (2004, p. 83).

É interessante especificar que o pesquisador fala de gêneros profissionais e acadêmicos e, nesta pesquisa, pretendemos testar o funcionamento de suas categorias em um campo diferente: o das redes sociais. Nesse sentido, um aspecto importante do conceito de colônia de gêneros de Bhatia e que terá grande valia em nossa pesquisa é o fato de a colônia de gêneros ser um agrupamento de gêneros que compartilham um mesmo propósito comunicativo geral, se diferenciando no que diz respeito aos propósitos comunicativos específicos.

No que se refere à hibridização de gêneros, Bhatia fala sobre dois processos e os nomeia como *mixing* e *embedding*. O primeiro processo seria o que ele chama de mescla de gêneros, sendo resultante da mistura de propósitos/funções; o segundo processo é tratado pelo autor como um imbricamento, o qual estaria diretamente ligado com a forma do gênero. Em nossa pesquisa, levaremos em consideração esses dois processos e também adotaremos, como

já apresentado na introdução, com algumas ressalvas, as categorias de hibridização propostas por Lima-Neto (2009).

Assim, no próximo capítulo, realizaremos as nossas análises a fim de responder as questões de pesquisa provenientes de nossos objetivos. Primeiramente, faremos a análise de quais são os principais gêneros que circulam no site Facebook. Da mesma maneira, a partir do conceito de domínios discursivos, proposto por Marcuschi, faremos a identificação de quais os principais temas que circulam no site.

Achamos importante fazer a identificação e quantificação de tais gêneros, pois só conseguiremos analisar os processos de hibridização se tivermos, em pesquisa, quais gêneros estão presentes nesse processo. Além disso, podemos sugerir novas pesquisas sobre o surgimento de novos gêneros no ambiente virtual, a partir dos resultados a respeito dos gêneros que encontramos em nossa pesquisa. Do mesmo modo, é importante pesquisar a respeito de quais ações sociais são feitas nesse novo ambiente de comunicação. Isso pode ser revelado se levarmos em consideração quais os temas que os internautas utilizam para construir interação nesses ambientes.

Em seguida, partiremos para a análise dos processos de hibridização que envolvem os gêneros circulantes no site e, então, caracterizaremos os gêneros como uma colônia, segundo o conceito proposto por Bhatia (2004) e discutido acima. Assim, a nossa metodologia de apresentação de dados será feita a partir dos aspectos/categorias que envolvem a colônia de gêneros: gêneros, esferas discursivas, hibridização e, finalmente, a própria colônia.

Capítulo IV

Hibridização e colônia de gêneros no Facebook

Neste último capítulo, dedicado à análise, apresentamos os resultados da nossa pesquisa, sendo essa apresentação guiada pelos aspectos referentes à colônia de gêneros. Primeiramente, expomos quais os gêneros com maior circulação no site, bem como as principais temáticas ligadas aos domínios discursivos desses gêneros. Essa análise foi feita a partir de um universo de amostra de 100 postagens coletadas entre as publicações de 1.400 usuários. Logo após, caracterizamos os principais processos de hibridização ocorridos com os gêneros no site também com uma amostra de 100 postagens, para, enfim, caracterizarmos a nossa colônia de gêneros no Facebook.

4.1. Gêneros do Facebook

Marcuschi (2004) afirma que os gêneros do ambiente digital têm sua contraparte em gêneros já existentes que foram transmutados de outras esferas de comunicação para o ambiente eletrônico virtual. Mesmo sabendo que ainda não foram feitos estudos a respeito, por exemplo, de qual gênero o *Twitter* transmutou, é importante perceber que a maioria dos gêneros digitais, já estudados e pesquisados, são provenientes de outros gêneros de outros ambientes. No entanto, tratar os gêneros que circulam no site de relacionamentos Facebook simplesmente como remodelações de outros gêneros poderia nos levar a uma análise bastante redutora. O autor apresenta um quadro exemplificando alguns gêneros digitais e os gêneros dos quais eles teriam surgido:

Quadro 3: Gêneros digitais e sua contraparte com gêneros pré-existentes

Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
E-mail	Carta pessoal/ bilhete/ correio
Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
Chat reservado	Conversações duais (casuais)
Chat em salas privadas	Encontros pessoais (agendados?)
Chat em salas privadas	Conversações (fechadas?)
Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
Aula Chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
Videoconferência interativa	Reunião de grupo/Conferência/Debate
Lista de discussão	Circulares/séries de circulares???
Endereço eletrônico	Endereço postal
Blog	Diário pessoal, anotações, agendas

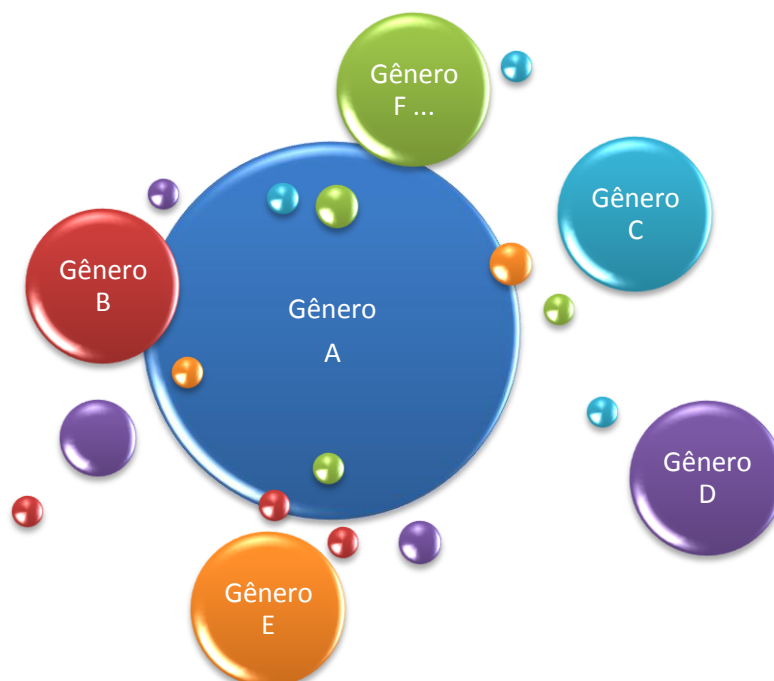
Fonte: Marcuschi (2004, p. 31)

É importante destacar aqui dois aspectos ligados aos gêneros: recorrência e tipificação. As situações pelas quais os usuários da língua passam quando fazem o uso dela se tornam recorrentes, levando ao uso de determinadas formas mais padronizadas, ou seja, cria-se uma expectativa sobre determinadas formas em contextos regulares. Quando essas situações se tornam muito semelhantes, as pessoas constroem um padrão de ação para ser utilizada em tais situações. Assim, segundo Miller (2009), as ações passam a ser tipificadas, e esse processo de tipificação, construído no âmbito da diversidade de ações situadas praticadas pelas pessoas, gera a recorrência. Por seu turno, as ações situadas tipificadas, quando discursivamente configuradas, são entendidas como gêneros.

Esse conceito de gêneros como ações sociais tipificadas, advindo dos Estudos Retóricos de Gêneros, enfatiza como os indivíduos realizam uma ação e respondem a ela, o que podemos perceber nas interações em geral, inclusive nas que ocorrem em redes sociais na Internet. No site Facebook, por exemplo, esse processo de tipificação está presente, mesmo que num espaço de tempo bem mais rápido do que em outros processos de tipificação fora do ambiente digital. Desse modo, os padrões de reconhecimento de similaridades que acontecem também são outros. Os usuários utilizam determinados gêneros que satisfazem as suas necessidades de comunicação, desde interagir com outras pessoas ou simplesmente responder a um dos motes (perguntas) do site. A partir daí outras pessoas que se identificam com o que foi veiculado e reconhecem (ainda que não conscientemente) o gênero utilizado como

adequado para aquele propósito e propagam como específico para aquela situação que foi criada através da procura para a resposta à pergunta feita pelo site. Desse modo, esse gênero passa a fazer parte do estoque de reconhecimento dos usuários, o que leva à tipificação. Por isso, podemos perceber a replicação de variados gêneros em um curto espaço de tempo no Facebook.

Figura 17: Expansão dos diversos gêneros no Facebook

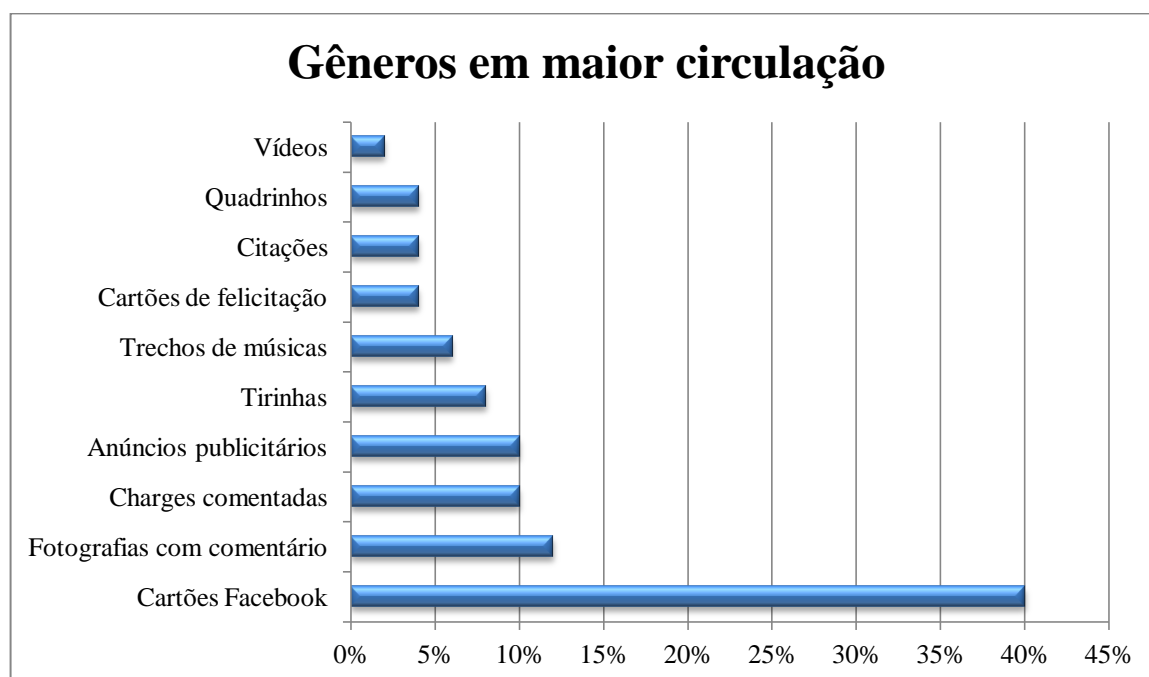


Fonte: Criado pelo autor

Na figura 17 tentamos representar a expansão dos variados gêneros circulantes no Facebook. No site, de acordo com a análise do nosso corpus, alguns gêneros atingiram a sua tipificação há mais tempo e com mais força e a utilização de outros gêneros vai surgindo a cada momento. No entanto, uns não excluem os outros e são usados para as mais variadas formas de interação dos usuários no site. Na figura, podemos ver que alguns gêneros são representados por um círculo maior e outros por círculos menores, porém isso não se trata da estrutura física dos gêneros, mas por eles serem mais utilizados pelos facebookeanos. As diferentes cores representam os diferentes temas que são discutidos através dos gêneros, e a sobreposição de uns sobre os outros representam os processos de hibridização pelos quais passam esses gêneros. Essa ilustração deve ser tida como inicial no que se refere ao agrupamento dos gêneros nesse ambiente. Em outro tópico, discutiremos, especificamente, como eles podem ser agrupados.

Com a análise dos dados, pudemos perceber a circulação, em maior quantidade e com uma maior aceitação desses usuários, dos gêneros textuais descritos abaixo. Essa aceitação é justificada pelas várias “curtições” e “compartilhamentos” que encontramos para tais textos.

Gráfico 1: Gêneros mais utilizados nas postagens do Facebook



Fonte: Criado pelo autor

A maioria desses gêneros já é conhecida pelos estudiosos em análise de gêneros, tais como as tirinhas e as charges, por exemplo. Os textos que chamamos de *cartões Facebook* são os que não identificamos como gêneros já conhecidos nesse ambiente de pesquisa, para os quais não há uma nomeação específica, justamente por falta de estudos que deem conta de como os usuários se referem a tais eventos comunicativos. Levando em consideração as interações percebidas entre os usuários do site e alguns estudos não necessariamente ligados com a área de linguística, esses gêneros podem ser chamados de “memes”⁵, entretanto, nesta pesquisa, adotaremos o nome *cartão Facebook*. Esse nome trata-se de uma opção nomenclatura nossa.

⁵ Segundo pesquisa feita através de alguns artigos não necessariamente ligados à área de linguística, mas relacionados à área de comunicação (FONTANELLA, 2009), o termo “meme” foi utilizado pela primeira vez pelo zoólogo Richard Dawkins em seu livro *O gene egoísta*. Esse pesquisador definiu “meme” – termo grego que significa imitação – como uma unidade de evolução cultural que se propaga de indivíduo para indivíduo. Na internet, o termo é utilizado para descrever algo que se espalha e se populariza entre os internautas, especialmente no que se refere ao site de relacionamentos Facebook, geralmente se referindo àquelas carinhas mal desenhadas, como, por exemplo, o “forever alone” e o “troll face”, ligadas a diversos gêneros.

Todos os gêneros presentes na nossa pesquisa, na sua transposição para o site, receberam algum tipo de modificação, quer seja estrutural quer funcional, referente ao ambiente virtual onde agora se materializam. Geralmente, os gêneros têm algum tipo de marcação relacionada com outras pessoas (perfis) ou a *links* que levem a outras partes do site.

Faremos a exposição de um quadro com os 10 gêneros em maior circulação no site, refletindo sobre alguns aspectos tais como: porcentagem de circulação segundo os dados, características adquiridas referentes ao ambiente, características estruturais de apresentação no site e propósitos específicos. Esclarecemos que, como veremos em outro tópico, o propósito comunicativo geral/inicial desses gêneros é a interação na rede e, por isso, a tabela trará como funcionalidade para todos eles o aspecto interpessoal, além de objetivos específicos que vão além do propósito de interagir. Separamos também os três gêneros mais utilizados pelos facebookeanos, de acordo com os dados, para uma análise mais específica, tentando refletir sobre uma possível definição a partir de suas características e regularidades⁶.

Levaremos em consideração o conceito de gênero como ação social, que tem como proposta central o posicionamento de que um texto, como gênero, não deve ser entendido apenas como uma entidade linguística. Isso é confirmado, pois, como vimos no primeiro capítulo, o gênero é ação que reflete características de situações retóricas recorrentes. Os gêneros que circulam no Facebook são usados com diversos propósitos e compõem interações que se superpõem para responder às diversas propostas interativas do site e, conseqüentemente, de seus usuários. É importante lembrar que a materialidade em análise é constituída por um texto realizado em determinado gênero ou, ainda, um texto que participa de ou atualiza/concretiza determinado gênero.

Assim, analisaremos os gêneros que circulam no Facebook, refletindo, entre outros aspectos que veremos na continuação deste capítulo, sobre:

i) gênero/situação recorrente: acesso ao site de relacionamentos; atendimento à interação no site; procura à resposta para a interação no site; resposta às notificações conseqüentes de uma interação passada; leitura de postagens; compartilhamento de pensamentos/postagens, entre outros aspectos;

ii) gênero/atividades sociais recorrentes: relação entre interactantes/usuários do site, por contato direto (amigos) ou contato indireto (navegação “passatempo” no site); relação entre

⁶ Todo o nosso percurso metodológico, procedimentos e escolhas, divisão do *corpus* e critérios de análise estão expressos em uma sessão na introdução deste trabalho.

usuário e site (navegação por aplicativos e outros dispositivos que o site oferece); relação entre usuários e os diversos aspectos sociais que circulam no site, como veremos mais adiante num tópico sobre as domínios discursivos;

iii) gênero/desempenho retórico dos interactantes: determinado usuário publica algo que acha interessante e que pensa “cumprir” o papel de interação no site, assim como “curte” ou “compartilha” algo que também acha interessante, gerando, desse modo, a interação que será construída por meio da resposta que outro usuário irá dar para sua publicação da mesma maneira como o primeiro o fez; essas publicações de gêneros geram a grande rede interativa, pois as publicações/respostas se misturam levando ao desempenho dos interactantes, e esse desempenho no site, por sua vez, está diretamente ligado às respostas que as suas publicações obtiveram e vice-versa.

Pensando em tais aspectos e em outros que já expusemos nos capítulos teóricos, a seguir faremos a exposição de um quadro geral de análise e a exemplificação dos três gêneros mais utilizados no site:

Quadro 4: Análise dos gêneros em maior circulação no site

Gênero	% de circulação	Características adquiridas referentes ao ambiente	Características estruturais de apresentação no site	Propósitos específicos (funcionalidade)
Cartão Facebook	40%	Gênero considerado como próprio do ambiente;	Imagem de uma personagem; Texto;	Interpessoal; Levar ao humor; Discussão de determinado assunto;
Fotografia comentada	12%	Gênero considerado como próprio do ambiente;	Imagem do usuário; Texto;	Interpessoal; Exposição do usuário;
Charge comentada	10%	Comentários postados junto ao gênero;	Mesma estrutura da charge conhecida;	Interpessoal; Levar ao humor/satirizar/criticar; Discussão de determinado assunto;
Anúncios publicitários	10%	Hipertexto; Hibridização para a formação de diferentes propagandas digitais;	Diferentes estruturas de acordo com o produto;	Interpessoal; Exposição de determinado produto;
Tirinha	8%	Hipertexto; Novos modelos de tirinhas com personagens típicos do ambiente;	Mesma estrutura da tirinha conhecida;	Interpessoal; Levar ao humor; Discussão de determinado assunto;
[Trecho] Música	6%	Hipertexto; Foco na linguagem	Trecho escrito de música com	Interpessoal; Sem propósitos

		escrita; Comentários inseridos na música, início, meio ou fim; Integração de emoticons;	comentários no início, meio ou fim;	estritamente específicos; (Compartilhar gosto pessoal com amigos?) (passatempo?)
Cartão de Felicitação	4%	Hipertexto; Número de leitores indefinidos;	Imagem relacionada com o tipo de felicitação e texto de felicitação;	Interpessoal; Felicitar determinado usuário em relação a algum tipo de conquista, aniversário, etc.;
Citação	4%	Hipertexto; Integração de emoticons;	Texto escrito, geralmente com algum link;	Interpessoal; Levantar algum tipo de discussão de acordo com tema na citação;
Quadrinho	4%	Hipertexto; Acréscimo de personagens próprios do ambiente;	Mesma estrutura dos quadrinhos conhecidos; assemelhando-se a tirinha;	Interpessoal; Levar ao humor; Discussão de determinado assunto;
Vídeo	2%	Hipertexto;	Imagem de apresentação do vídeo com um comentário e o link para acesso do vídeo em um outro site;	Interpessoal; Sem propósitos estritamente específicos (passatempo?)

Fonte: Criado pelo autor

4.1.1. Cartão Facebook

O exemplo abaixo, Figura 18, se trata de um gênero que parece ter sido criado especificamente para o site Facebook nos seus mais diversos usos. Esses textos, que chamamos de *cartão Facebook*, são formados pela combinação das mais diversas figuras comentadas, frases, citações, músicas, paródias e tantos outros gêneros⁷. A maioria dos desenhos que estão presentes nesses textos tem traços muito parecidos e que nos remetem ao site. O conteúdo linguístico, na maioria das vezes, está relacionado com o propósito de se responder ao site, ou aos usuários por meio do site, sobre como o usuário está, o que está pensando ou sentindo, provocar humor, entre outros aspectos que estão ligados a sua vida em quase todos os seus âmbitos.

Figura 18: Exemplo de cartão Facebook



Fonte: Site Facebook

Outros exemplos de cartão Facebook são aqueles formados pela figura de personagens de programas de televisão ou novelas e a construção de textos que de alguma forma se ligam a esses personagens e suas personalidades. Na figura 19, vemos um *cartão Facebook*

⁷ Sobre essa mistura dos gêneros no site trataremos em um tópico específico neste capítulo de análise, por enquanto nos deteremos à descrição dos gêneros e dos mais diferentes temas presentes em sua utilização.

construído com a figura do personagem Kiko do seriado antigo “Chaves” e uma piada feita a partir de uma homofonia que, nesse caso, leva ao humor.

São muitos e diversificados os *cartões Facebook* no que diz respeito ao assunto de que tratam e aos personagens que trazem, mas as suas características estruturais são quase sempre as mesmas: a figura de um personagem ou “carinha mal desenhada” e um texto ligado a essa imagem. No que se refere à função, além da interação no site, já que, como falamos, esse é um gênero bem específico do ambiente, podemos perceber o propósito humorístico, na maioria dos *cartões Facebook* analisados; o de levar à discussão sobre algum assunto polêmico que esteja circulando nos meios de comunicação em determinados espaços de tempo como, por exemplo, vários *cartões Facebook* montados com a fotografia da presidenta Dilma e textos relacionados às manifestações que ocorreram em todo o país entre os meses de abril a julho de 2013.

Figura 19: Exemplo II de cartão Facebook



Fonte: Site Facebook

4.1.2. Fotografias com comentário

Outro gênero bastante utilizado e que também parece ter sido criado nas interações pelo site é a fotografia com comentário. Na maioria dos exemplares analisados, o gênero é composto por uma fotografia do usuário e um comentário sobre a sua vida, momento ou lugar onde está na fotografia. Esse comentário vem acima ou abaixo da fotografia. Um aspecto interessante é que os comentários analisados, em sua maioria, têm a intenção de responder ao mote/pergunta do site sobre como o usuário está se sentindo ou pensando. No que diz respeito à funcionalidade desse gênero, ela está diretamente ligada, primeiramente, como defendemos, à interação no site, e, especificamente, à exposição da vida do usuário, já que se trata de uma rede social que tem como objetivo a relação social entre as pessoas (atores sociais da rede). Ilustramos esse gênero de texto com o exemplar abaixo, Figura 20, que não se trata de um usuário real do Facebook, mas traz o modo como essas fotografias são construídas.

Figura 20: Exemplo de fotografia com comentário



Fonte: Site Facebook

4.1.3. Charges comentadas

Em terceiro lugar na utilização dos usuários está a charge. Quando esse gênero é utilizado, na maioria dos exemplares, as suas características estruturais não são modificadas. O que ocorre, na maioria das vezes, é que os facebookeanos inserem um comentário junto à charge na publicação que, mais uma vez, defendemos, tem como propósito a resposta para as perguntas do site e a consequente interação. Como veremos em um tópico adiante, algumas charges sofrem processos de hibridização e outras são construídas pelos próprios usuários.

Sobre os propósitos, pudemos perceber que a maioria está ligada às discussões de questões sociais em destaque nos meios de comunicação. As charges são os gêneros mais utilizados quando os internautas querem denunciar algo de errado na sociedade ou algo polêmico que mereceria a discussão entre os interactantes do site. O exemplo 21 é uma charge que foi muito “compartilhada” e “curtida” quando o Nordeste passava por uma forte seca, principalmente no início do ano de 2013, momento em que os nossos dados foram colhidos. Percebe-se, claramente, a intenção dos usuários que a compartilharam e curtiram em expressar como se sentiam sobre todos os problemas que circundam a seca, no caso, a falta de perspectiva para a educação de crianças que passam por tal situação, em muitos lugares.

Figura 21: Exemplar de Charge



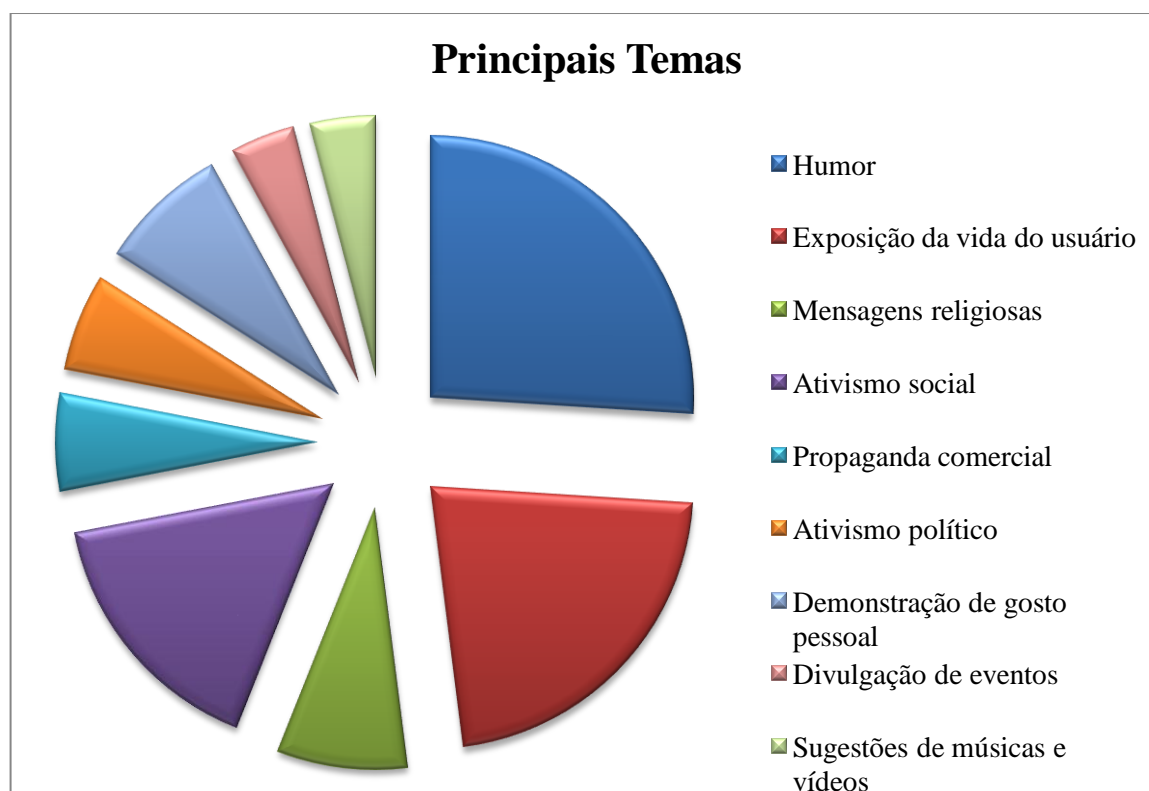
Fonte: Site Facebook

4.2. Domínios discursivos e temas presentes nos gêneros do Facebook

No gráfico abaixo, estão representados os principais temas que estão presentes nos gêneros que circulam nas postagens do *feed de notícias* do Facebook. Os dois temas mais presentes são as postagens relacionadas ao humor e à exposição do usuário. Em seguida firmam-se as mensagens religiosas, as postagens relacionadas com o ativismo social, a

propaganda comercial, o ativismo político, a demonstração de gosto pessoal, a divulgação de eventos e as sugestões de músicas e/ou vídeos.

Gráfico 2: Principais temas relacionados aos gêneros circulantes no Facebook



Fonte: Criado pelo autor

Neste momento, faremos a apresentação de alguns gêneros e seus temas, levando em consideração o nosso *corpus* e o uso criativo e subversivo que os usuários fazem dos gêneros circulantes no site. Nesta seção, não traremos somente os gêneros que circulam no *feed de notícias*, mas também alguns exemplares de perfil. Para esta análise, adotamos o conceito de domínio discursivo proposto por Marcuschi (2000). Desse modo, os nossos aspectos conceituais de observação nas análises são os domínios humorístico, o religioso, a publicitário, e o sociológico.

4.2.1. Domínio humorístico

Um exemplo interessante e muito utilizado de perfil é o perfil humorístico. No Facebook alguns dos maiores representantes são “O melhor do mundo”, “O bode gaiato” e “Irmã Zuleide”, pelo menos durante o tempo que coletamos os dados. O melhor do mundo, por exemplo, usa o site como um meio de criação, leitura e escrita de piadas (feitas com os

mais diversos recursos multissemióticos) onde os seus seguidores ou amigos comentam as piadas e também compartilham as suas, sejam elas somente com imagens, escrita ou as duas coisas juntas. Considerando a piada como um gênero textual, existe aí a hibridização de gêneros (sobre a qual exemplificaremos mais adiante), pois elas são veiculadas por meio dos gêneros presentes no site e de todas as maneiras. Existem as piadas somente escritas, aquelas que são feitas por meio de imagens e outras que misturam várias semioses. Geralmente esses perfis humorísticos estão associados a personagens.

Na figura 22, temos um exemplo de perfil humorístico. Pela construção do perfil já percebemos que seu propósito é fazer rir. No caso desse perfil não temos, de imediato, piadas escritas, mas, como já observado, as imagens e a descrição nos levam a perceber a intenção do “dono” desse perfil.

Figura 22: Exemplo de perfil humorístico



Fonte: Site Facebook

4.2.2. Domínio publicitário

Outro tipo de perfil bastante comum no site é o perfil promocional. Esse tipo de perfil é o que traz, com maior intensidade, anúncios publicitários das mais diferentes empresas. Na figura 23 podemos ver o perfil da empresa Garoto, uma empresa que trabalha com a produção de chocolates. É interessante notar que a empresa utiliza de todos os dispositivos e aplicativos do site para ajudar a cumprir o propósito de apresentar o seu produto. Além disso, assim como

em um perfil social, a empresa também tem amigos no site, fotos, entre outros aspectos que estão diretamente ligados com a sua propaganda publicitária.

Figura 23: Exemplar de perfil de empresa



Fonte: Site Facebook

4.2.3. Domínio sociológico

A utilização do site passa por diferentes esferas da sociedade, e vários tipos de perfis são encontrados, perfis de várias entidades, instituições, empresas e outros tipos de organizações se servem dos atributos do site para diferentes finalidades. No exemplo 24, vemos uma organização sem fins lucrativos, a Unicef. Essa organização tem como intuito assegurar que cada criança e adolescente tenha seus direitos humanos integralmente cumpridos, respeitados e protegidos, como podemos ver na própria descrição do seu perfil. Fazendo um paralelo com o perfil anteriormente apresentado, é fácil perceber que os propósitos específicos dos perfis passam por dois extremos no que se refere a um perfil estar diretamente ligado ao lucro (como o da Garoto) e outro deixar explícito que se trata de uma organização sem fins lucrativos. Um perfil está ligado ao publicitário e outro está diretamente ligado ao tema ativismo social. No entanto, quando falamos do propósito geral do gênero perfil, trata-se de um gênero que tem a finalidade de apresentar, descrever, revelar algo sobre determinada pessoa, organização, empresa, entre outros.

Figura 24: Exemplar de perfil de organização sem fins lucrativos

Fonte: Site Facebook

Figura 25: gênero que traz a discussão sobre reivindicação

Fonte: Site Facebook

Na figura 25, percebemos a reivindicação sobre o atendimento em hospitais. A grande queixa apresentada na postagem é pelo motivo de que os investimentos em estádios de futebol são muito grandes, enquanto na saúde muito pouco parece ser feito. A reivindicação é feita de forma muito criativa de modo que se diz que a capacidade dos estádios de futebol está sendo aumentada, enquanto em relação à capacidade dos hospitais parece não haver mudança. Os discursos estão ligados às imagens que substituem as frases e vice-versa. A representação das camas hospitalares nos corredores do hospital substitui a palavra capacidade utilizada no enunciado de cima da figura. Vê-se também que nos comentários da imagem existe essa indignação por parte dos leitores/internautas, e um enunciado em especial merece destaque, quando uma internauta diz que “No Brasil é assim, uma bola no gol vale mais que uma vida”, fazendo a ligação direta àquilo que se está querendo reivindicar.

Figura 26: Gênero que traz uma discussão sobre racismo

facebook Intelectualidades Renato Lira Pimentel Página inicial

< >

Qual o problema, senhora?, pergunta a comissária..

'Não está vendo?' - respondeu a senhora - 'você me colocaram ao lado de um negro. Não posso ficar aqui. Você precisa me dar outra cadeira'

'Por favor, acalme-se' - disse a aeromoça - infelizmente, todos os lugares estão ocupados. Porém, vou ver se ainda temos algum disponível!.

A comissária se afasta e volta alguns minutos depois.

'Senhora, como eu disse, não há nenhum outro lugar livre na classe econômica. Falei com o comandante e ele confirmou que não temos mais nenhum lugar na classe econômica. Temos apenas um lugar na primeira classe!.

E antes que a mulher fizesse algum comentário, a comissária continua: -'Veja, é incomum que a nossa companhia permita à um passageiro da classe econômica se assentar na primeira classe.Porém, tendo em vista as circunstâncias, o comandante pensa que seria escandaloso obrigar um passageiro a viajar ao lado de uma pessoa desagradável!.

E, dirigindo-se ao senhor negro, a comissária prosseguiu:

Escreva um comentário...

Alexandre Basto Bate-papo - (22)

Fonte: Site Facebook

O exemplo da figura 26 constitui-se de um texto construído a partir da norma padrão da língua, que fala de um acontecimento em um avião. Na situação, uma senhora, já de idade, se queixa de estar viajando ao lado de um negro e esbanja má educação e atitudes racistas.

Quando a comissária chega e pergunta qual seria o problema a senhora explica a sua situação na frente de todos os outros passageiros que ficam indignados com a sua atitude. Existe um momento de suspense em que se pensa que a aeromoça está se dirigindo à senhora racista e apoiando-a, mas com o prosseguimento da leitura percebe-se o contrário. Após a conversa, e realizando as expectativas de todos os passageiros, a comissária avisa ao senhor negro, que está ao lado da mulher, que o comandante tem o prazer de convidá-lo para viajar na classe especial do avião. Todos aplaudem a atitude da empresa aérea, representada pela comissária e pelo comandante.

Nessa postagem percebemos a discussão sobre um tema muito polêmico de nossa sociedade – o racismo. Nos comentários, outro gênero do site, os leitores colocam a sua opinião sobre como os fatos aconteceram, e principalmente a indignação com relação às atitudes da mulher. Esse exemplar é constituído essencialmente de escrita e assemelha-se a uma crônica.

4.2.4. Domínio Religioso

A esfera religiosa assume grande espaço entre os exemplares analisados.

Figura 27: Reflexão religiosa

The image shows a Facebook post interface. At the top left is the 'facebook' logo. The main content is a photograph of a young boy in red shorts pushing a wheelbarrow filled with grass. Below the photo are buttons for 'Curtir' and 'Comentar'. To the right of the photo is a 'Marcar foto' button. Below the photo, there is a quote: 'Deus sempre nos capacita, não importa o tamanho dos nossos limites!' with options to 'Curtir', 'Comentar', 'Seguir (desfazer) publicação', and 'Compartilhar'. Below this, it says 'Suzana Sobral e outras 7 pessoas curtiram isso.' and '2 compartilhamentos'. A comment from Renato Lira Pimentel reads: 'Bem Verdade!! Só Deus Basta em nossas vidas!!!' with 'há 2 segundos'. To the right of the post, there is a sidebar with 'Página inicial' and a list of recent activity. At the bottom right, there is a link for 'Consulta CPF/CNPJ Online' and a 'Pendências' notification.

Fonte: Site Facebook

A imagem de um jovem fazendo um serviço que seria classificado por muitos como fora de suas capacidades, leva os leitores a pensarem que podem fazer muitas coisas, mesmo com muitas limitações. Com a frase: “Deus sempre nos capacita, não importa o tamanho dos nossos limites” o internauta que postou a imagem tentou fortalecer o modo como as pessoas deveriam perceber a vida.

As mensagens de incentivo assumem também um caráter religioso. Muitos internautas postam orações, trechos da Bíblia, discursos de padres, pastores e cantores para que os seus amigos possam refletir sobre essas questões e comentar as suas opiniões. No exemplar abaixo, a internauta coloca um pequeno discurso de um padre para demonstrar como ela se sente no momento da publicação.

Figura 28: gênero que traz mensagem religiosa

The image is a screenshot of a Facebook profile page for Renato Lira Pimentel. The main content is a post from 4 hours ago by a user whose name is redacted. The post contains a religious message in Portuguese, attributed to Padre Fabio de Melo. The text of the post is: "Continuo amando a Deus, mesmo quando os "milagres" que eu imploro não acontecem. Continuo acreditando em Deus, mesmo quando os pedidos que faço em minhas orações não são atendidos. Pois os milagres que imploro e os pedidos que faço, se baseiam em minha vontade, e Deus não está aqui para me dar o que eu desejo. Deus está aqui para me dar o que eu preciso." Below the text are options to like, comment, and share, with 5 likes shown. There are 6 comments, with two visible: one from 2 hours ago saying "Lindo e Verdadeiro pensamento...! Demos graças ao Senhor por tudo. TE AMO MUITO MINHA AMIGA!" and another from 2 hours ago saying "a tbm te amoo meu grande amigo". The right sidebar shows a list of friends with their names and friend counts, and a sponsored advertisement for Guarani Antarctica.

Fonte: Site Facebook

4.2.5. Outros domínios

A exposição de variantes linguísticas também é assunto da rede social Facebook. Não em uma abordagem teórica, mas como forma de “brincar” com as variedades linguísticas do país. O problema é que a maioria dessas postagens se volta para a região nordeste e muitas pessoas usam-nas para exibir preconceito e não para descrever o quão rico é nosso país com a diversidade de falares. Mesmo assim, muitas outras pessoas trazem essas variantes como uma maneira interessante e com orgulho para falar do lugar onde vivem.

O exemplo da figura 29 muda um pouco essa questão da variante caipira se concentrar principalmente no nordeste. Trata-se de um texto que é colocado como uma variante pertencente ao estado de Goiás na região centro-oeste. À primeira vista, o texto não parece preconceituoso e sim uma forma de testar se as pessoas conseguiriam lê-lo e se, conseqüentemente, seriam ou poderiam ser goianos. Foram feitos 1.557 compartilhamentos (ou seja, aparentemente houve grande aceitação por parte dos usuários) até o momento em que esse exemplar foi coletado. Com certeza mais pessoas já comentaram e compartilharam.

Figura 29: Gênero que traz o tema das variantes linguísticas

The image shows a Facebook post from February 11th. The post features a large graphic with the title "ENQUANTO ISSO EM GOIÁS..." and a challenge: "Se conseguir ler é GOIANO:". The graphic contains a list of misspelled words and phrases, such as "Sapassado, era sessetembro, taveu lem casa na cuzinha tomanu pincumel e cuzinhanu um kidicarne com moi ditumati pa faze uma macarronada cum frangassado. caiscai de susto quando ouvi um barui vindo de de nidufornu, parecenu um tidiguerra. A receita mandopô midipipoca denda galinha prassa, u fornu isquento, o mistorô e a galinha ispludiu!!! Nossinhora! Fiquei branco quineim um lidileiti. Doidimais! Caiscai dendapia! fiquei sensabe doncovin, proncovô, oncotô!! Ôi procevê!" and a URL "www.facebook.com/enquantoissoemgoias". A cartoon character is also present. Below the graphic is a "Curtir" button.

The post's text reads: "DESSJEITO VAI PASSÁ SÓ NÓIS MEMO NO VESTIBULÁ! BÃO TAMÉM. — com Katiúscia Paula, Wenderson Said, Sandra Brandao, Poly Santos, Lorenna Ferreira, Danilo Lima e Kariiny Liinda." It shows 732 likes and 1,557 shares. Comments include:

- Raquel Melo**: eu não sou goiana..... que decepção (segunda às 21:42)
- Andrey Pereira de Carvalho**: não sou goiano, mas consegui ler... (segunda às 21:42)
- Adriano Prs**: bao bisurdo..... (segunda às 21:47)
- Andressa Blaser**: mio pánois, uai ! (segunda às 21:47)
- Clarissa Lago**: Não consegui de jeito de nenhum! kkkk (segunda às 21:48)

Fonte: Site Facebook

O site é também um lugar de discussões e comparações entre atitudes masculinas e femininas. Nas diferenças entre homens e mulheres, em sua maioria, os homens são colocados como desatenciosos, insensíveis e que têm mais facilidade na maioria dos âmbitos da sociedade, enquanto as mulheres são colocadas como atenciosas, sensíveis e discriminadas tendo sempre mais dificuldades para conseguir alcançar seus objetivos.

Na Figura 30 vemos uma maneira bastante divertida de colocar essas diferenças entre homens e mulheres, através de uma paleta de cores em que os homens são colocados como desatenciosos, pois não distinguem a diversidade de cores que as mulheres distinguem. Os comentários são na maioria de mulheres, existe apenas um comentário de um homem, que confirma a hipótese levantada pela pessoa que fez a postagem.

Figura 30: Temática de gênero

The image shows a Facebook post from the page 'Fatos e coisas' dated January 11th. The post features a color palette chart with the following text:

Nome das cores se você é uma mulher

Nome das cores se você é um homem

The chart lists 25 colors, with men's names on the left and women's names on the right. The colors are grouped into categories: Vermelho, Roxo, Rosa, Laranja, Amarelo, Verde, and Azul.

The post has 16 likes and 38 shares. The comments section shows several women reacting with surprise and agreement, and one man confirming the point.

Fonte: Site Facebook

Existem também os perfis que se dedicam a pregar a correção gramatical como o “Língua Portuguesa” ou o “Professor por orgulho”, bem como perfis sobre séries e artistas que podemos incluir na diversidade de outros domínios que circulam no site.

Apresentamos neste tópico alguns exemplares sobre as diversas finalidades para que são utilizados os gêneros que circulam no Facebook, porém muitas outras ações são feitas quando esses e outros tantos gêneros são utilizados. Alguns gêneros são formados pela junção de dois ou mais gêneros para que se possa chegar à finalidade desejada pelo usuário do site quando ele faz a sua postagem ou constrói um perfil no site. No próximo tópico, faremos a análise de como os mais variados gêneros sofrem processos de hibridização para suprir as necessidades comunicativas dos atores sociais envolvidos na interação dentro do site.

4. 3. Sobre a hibridização de gêneros no Facebook

Para a análise das hibridizações que ocorrem com os gêneros circulantes nas postagens do Facebook adotaremos as categorias estabelecidas por Lima-Neto (2009). O pesquisador realiza um estudo sobre as misturas de gêneros constitutivas do *scrapbook* do site de relacionamentos Orkut. Para o autor, as hibridizações (em seu trabalho o pesquisador as chama de mesclas) podem ser formadas a partir de três categorias: intergenericidade prototípica, coocorrência de gêneros e gêneros casualmente ocorrentes, como representadas na figura 31. Como essas categorias surgiram do seu material de análise e estudo, não necessariamente, adotaremos todas as definições levantadas pelo autor, mas, pela semelhança dos espaços de estudo e pela qualidade dessas definições, optamos por escolher tais categorias.

Figura 31: Organização das mesclas de gêneros



Fonte: Adaptado de Lima-Neto (2009)

Segundo Lima-Neto (2009), essas categorias de hibridização não podem aparecer separadas, pois existem casos em que as misturas ocorrerão simultaneamente, de forma que uma categoria não invalida a outra. Assim, representamos essas categorias em “engrenagens” que se apoiam umas nas outras, mas cada uma possui determinada função.

Com relação às definições de tais categorias para a análise das misturas entre gêneros textuais no *scrapbook*, no quadro 4 faremos uma apresentação de como o autor considera cada uma dessas três categorias.

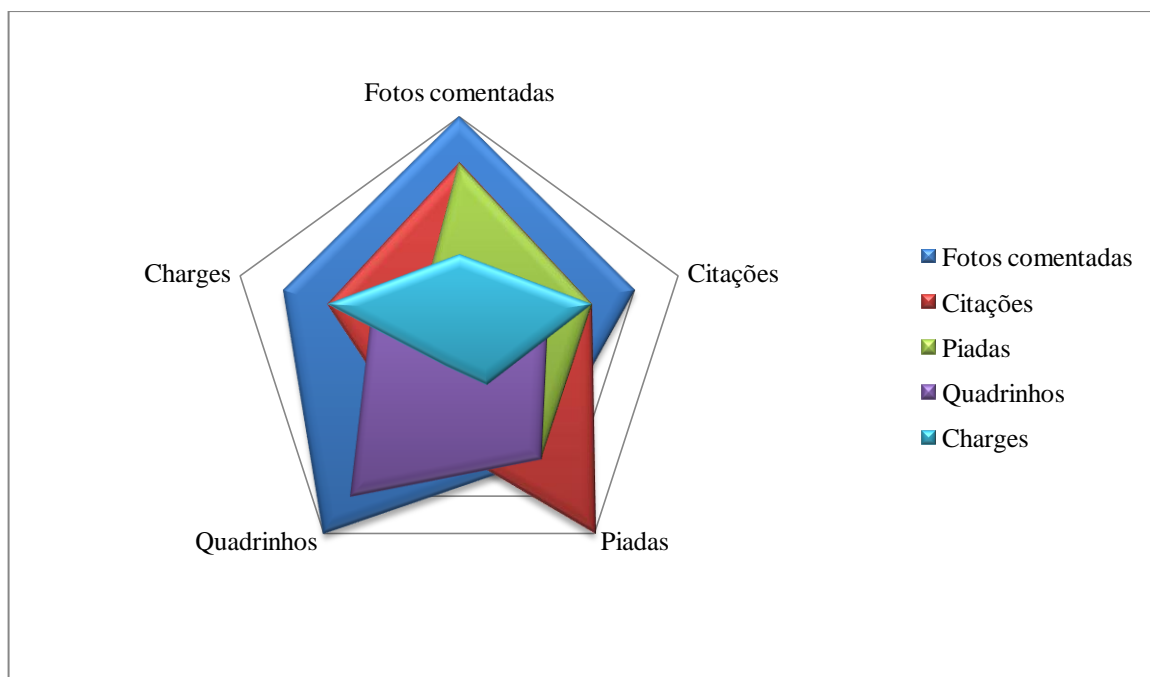
Quadro 5: Categorias de mesclas de gêneros

Intergenericidade prototípica	Coocorrência de gêneros	Gêneros casualmente ocorrentes
É caracterizada pela fusão de traços de pelo menos dois gêneros, sejam eles estrutura composicional, propósito comunicativo, conteúdo, estilo ou suporte. Tal mistura é fabricada, parecendo ser própria para um objetivo específico, não sendo possível identificar as fronteiras de cada um, embora um deles se destaque na identificação do gênero, sendo mais comum que esse traço seja o propósito comunicativo.	É caracterizada pela coocorrência de um anúncio e outro gênero, o que convergirá para um enunciado híbrido, com características promocionais. Essa mistura é natural, podem ser encontrados limites formais para os gêneros e os gêneros envolvidos podem ter enunciadores diferentes.	É caracterizada por não convergir para um único gênero, mas para gêneros que interagem num mesmo evento comunicativo. Essa mescla se aproxima da intergenericidade por ser construída intencionalmente pelo produtor, mas se distancia por não convergir para um único gênero, mas para pelo menos dois que tenham o(s) mesmo(s) propósito(s). Essa mescla é propiciada pelos usos das tecnologias digitais.

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com as considerações de Lima-Neto (2009, p. 195 -196)

No que diz respeito às misturas de gêneros que ocorrem no Facebook, após uma análise quantitativa do nosso corpus de pesquisa, percebemos que essas misturas ocorrem em torno de cinco principais gêneros, quais sejam: fotos comentadas, citações, quadrinhos, charges e piadas. Com o gráfico abaixo, procuramos demonstrar como ocorrem essas hibridizações, levando em consideração, também, as categorias de Lima-Neto (2009).

Gráfico 3: Sobre a hibridização de gêneros no Facebook



Fonte: Criado pelo autor

Na maioria dos casos, o que ocorreu nos processos de hibridização analisados é que um gênero se misturou ou se sobrepôs ao outro, como podemos ver na figura por meio das cores. Esses gêneros mantêm relações uns com os outros, não somente do ponto de vista estrutural, mas também do ponto de vista funcional. Isso acontece para suprir as necessidades dos usuários mediante as várias situações de interação. Assim, tentamos ilustrar essa relação por meio de um pentágono com, obviamente, cinco lados, mas também cinco camadas internas que representam uma maior ou menor relação, levando em consideração os cinco gêneros encontrados nas misturas. Geralmente, como também apresentado na definição das categorias vistas acima, podemos perceber traços dos dois ou três gêneros que mantêm essas relações, e isso está representado na figura quando vemos, a partir das cores, que um gênero que pode ser tido como “principal” naquele momento de interação, não exclui o outro que está junto a si, seja por intergenericidade prototípica, coocorrência ou ocorrência casual.

A seguir, apresentaremos exemplos de gêneros encontrados para cada uma das categorias, e faremos a análise de cada um deles no que se refere às definições ligadas a essas categorias. Como também queremos investigar se as postagens do *feed de notícias* podem ser consideradas como uma colônia de gêneros, é importante analisar como ocorrem as hibridizações nesse ambiente do site, já que é essa criação de formas híbridas que caracteriza

o processo de colonização proposto por Bhatia (2004) e que, segundo ele, se trata do segundo aspecto da colônia de gêneros: a invasão da integridade genérica.

Na figura 32, podemos perceber um exemplar de hibridização por intergenericidade prototípica. Observa-se a fusão do gênero mapa com um *cartão Facebook*. Justificamos a classificação nessa categoria na medida em que os gêneros são misturados e, tanto um quanto o outro, são necessários para que o propósito que o enunciador pretende seja alcançado. Como podemos perceber, essa é uma hibridização fabricada. O criador do cartão juntou os dois textos intencionalmente e o usuário do Facebook utilizou essa mistura em sua postagem para expor, de maneira humorística, como os cearenses pensam o restante do país.

Figura 32: Hibridização por intergenericidade prototípica



Fonte: Site Facebook

Na figura 33, temos um exemplo de hibridização por coocorrência de gêneros. Essa categoria é caracterizada quando um anúncio e outro gênero coocorrem, e se estabelecem como um gênero com características promocionais. Nesse caso, a hibridização ocorreu com o anúncio publicitário da marca Coca-Cola e de um *cartão Facebook*. Podemos encontrar alguns limites de um gênero e do outro, diferentemente do que ocorre com a intergenericidade prototípica, na qual não podemos ver os limites formais ou funcionais dos gêneros, pois isso prejudicaria os propósitos que o enunciador pretende com a mistura dos dois gêneros. Nesse caso, o anúncio por si só pode cumprir o seu propósito e o *cartão Facebook* também pode ser facilmente entendido sem o anúncio. No entanto, podem estar envolvidos dois enunciadores diferentes no evento, e para os propósitos que o novo gênero assume no site, essa coocorrência é essencial.

Figura 33: Hibridização por coocorrência de gêneros



Fonte: Site Facebook

No exemplo 34, percebemos dois gêneros casualmente ocorrentes. Esses dois gêneros, os quais entendemos como cartaz de divulgação e apresentação, se complementam em uma mesma interação no site. Essa hibridização, não caracterizada estritamente como uma mistura,

se aproxima da intergenericidade prototípica, pois é construída intencionalmente pelo enunciador, entretanto ela não converge para um único gênero, mas para dois, como é o caso, ou mais gêneros que tenham os mesmos propósitos no contexto em que se estabelecem. Nesse caso, temos o cartaz de divulgação que tem como propósito divulgar a banda de música e o texto de apresentação que também se presta a essa divulgação e promoção da banda de música.

Figura 34: Gêneros casualmente ocorrentes

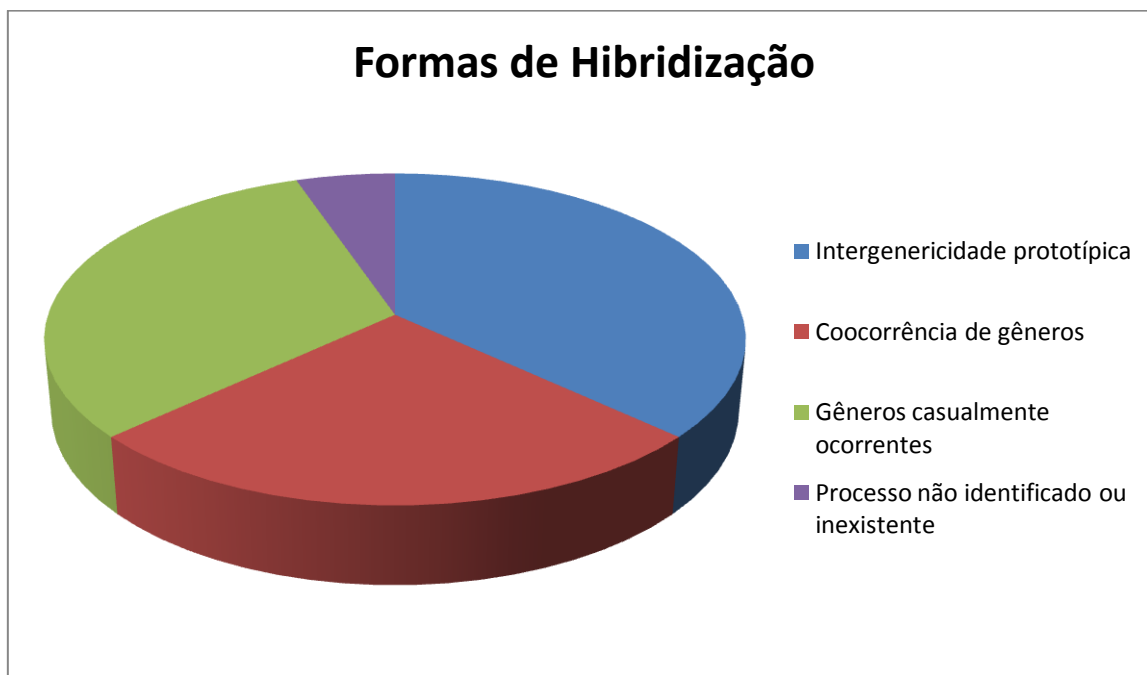
The image shows a Facebook post from Eunice Vieira Miguel. The post content includes a text description of the band 'The Platters' and a promotional poster for a concert. The poster is purple and features the band members. Text on the poster includes 'NOITE INTERNACIONAL DE QUEIJO E VINHO', 'THE PLATTERS', 'Sábado 04 Maio - 22h', and 'CLUBE DA AGA - GARANHUNS/PE'. The Facebook interface at the top shows the user's name, profile picture, and search bar.

Fonte: Site Facebook

O entendimento dessas categorias apresentadas por Lima-Neto (2009) tem como ponto principal o propósito comunicativo e os limites formais e funcionais dos gêneros que constroem as formas híbridas. Esses propósitos dos gêneros, neste trabalho, estão entendidos como propósitos específicos, pois caracterizaremos, também, um propósito comunicativo geral para todos os gêneros que circulam no ambiente *feed de notícias* do site, como veremos logo mais.

Segundo a análise de quais categorias eram mais evidentes em nossos dados, explicitamos o gráfico 3, levando em consideração 100 exemplares de postagens no Facebook, coletadas entre o período de março a julho de 2013, entre as publicações de 1.400 usuários deste site de relacionamentos.

Gráfico 4: Porcentagem das categorias de hibridização



Fonte: Criado pelo autor

Com a análise dos dados chegamos ao resultado apresentado acima sobre os diferentes processos de hibridização pelos quais passam os gêneros circulantes no *feed de notícias* do Facebook: as misturas por intergenericidade prototípica se configuraram como 35% dos exemplares; as misturas por coocorrência de gêneros se configuraram como 30% dos exemplares; as misturas com gêneros casualmente ocorrentes se estabeleceram com 30% dos exemplares; e 5% dos exemplares classificamos como mistura não identificada ou inexistente, pois pouco satisfizeram aos aspectos que envolvem as categorias que adotamos.

No próximo tópico, falaremos sobre o conceito de colônia de gêneros e buscaremos aplicar esse conceito de acordo com os gêneros circulantes no site de relacionamentos Facebook.

4. 4. Colônia de gêneros do Facebook

Um aspecto importante do conceito de colônia de gêneros proposto por Bhatia (2004) e que terá grande valia em nossa pesquisa é o fato de a colônia de gêneros ser um agrupamento de gêneros que compartilham um mesmo propósito comunicativo geral, se diferenciando no que diz respeito aos propósitos comunicativos específicos. Acreditamos que

as postagens do Facebook (gêneros) têm um mesmo propósito comunicativo geral, qual seja, a interação no site por meio das respostas às proposta de perguntas feitas por ele e se diferenciam, não todos, em seus propósitos comunicativos específicos. A figura 35 tenta ilustrar essa assertiva, e, logo em seguida, levantamos a discussão.

Figura 35: Representação dos propósitos comunicativos de gêneros no site



Fonte: Criado pelo autor

O que queremos ilustrar e defender através da figura acima é que quando os diversos gêneros são utilizados no site Facebook, o seu propósito comunicativo primeiro é tentar responder aos motes do Facebook (Como vai, X? Como está se sentindo X? e outros), interagindo no site com os outros usuários seus amigos. Mas esse propósito não se limita a resposta ao mote, ele passa pelos diversos âmbitos da vida do usuário do site. Por exemplo, quando o usuário posta uma foto comentando-a, ele está tentando responder à pergunta proposta pelo site, tentando esclarecer sobre o que está pensando ou como está se sentido. Esse seria o propósito comunicativo geral⁸, um dos propósitos específicos para o gênero seria a exposição de aspectos da vida do usuário; quando o internauta posta uma foto ele está abrindo um pouco o espaço de sua privacidade pessoal ou profissional para os outros

⁸ O propósito comunicativo geral também pode estar perpassado por outros aspectos, como postar uma foto para ganhar mais curtidas/comentários e parecer mais popular, por exemplo. As postagens e, portanto, os propósitos comunicativos dos gêneros estão relacionados com as ações sociais de engajamento e aceitação entre determinados grupos.

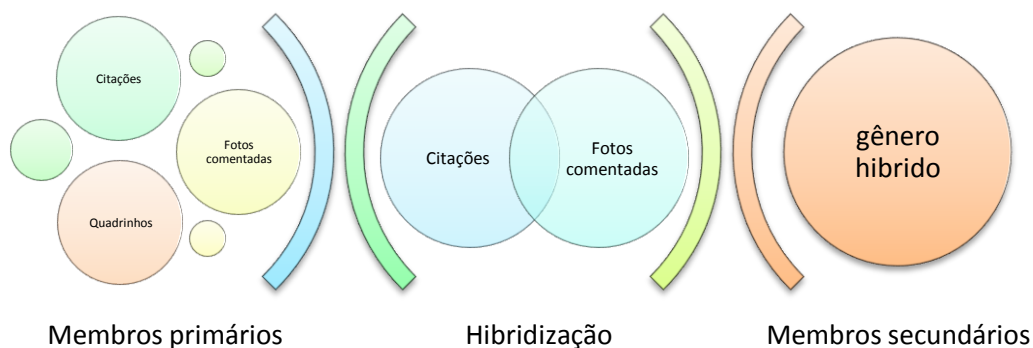
usuários. Outro exemplo é quando um usuário faz a postagem de um texto que pertence a determinado gênero que trate de algum tipo de reivindicação, como visto na Figura 25. Nesse caso, o propósito principal do gênero é também responder ao mote, interagindo no site, no que se refere a sobre como o usuário está se sentindo, por exemplo. Desse modo, um propósito específico que poderíamos pensar é justamente o de reivindicar sobre algo que acontece na sociedade e com que ele não concorda.

Bhatia (2009) afirma que é possível ver a versatilidade dos gêneros usando como critério privilegiado o propósito comunicativo ligado a uma situação retórica específica, ou seja, ligado com um determinado contexto. No Facebook, como vimos, ocorre a circulação de vários gêneros de diversos domínios discursivos, entretanto, a maioria desses gêneros não continua com o seu propósito comunicativo principal. O que ocorre é que esses gêneros são utilizados para suprir as necessidades dos usuários quando eles estão em interação em tal contexto. Desse modo, o gênero deslocado, transmutado ou criado no Facebook assume outros propósitos diretamente ligados com o site, e, por isso, podemos perceber a sua versatilidade, inclusive na criação de formas híbridas. Assim, nesse contexto que é a interação por meio das redes sociais formadas no site, podemos pensar numa colônia de gêneros ligados a postagens do Facebook.

Desse modo, conforme a figura 35, o propósito comunicativo geral ou principal do gênero que é utilizado no Facebook é tentar responder às perguntas que o site propõe aos usuários (motes) e os propósitos específicos estão diretamente ligados a esse propósito principal, mas podem ser diferentes de acordo com o tema que estejam veiculando e com os diversos domínios discursivos.

Em sua teoria, Bhatia (2004) discute questões ligadas à definição de membros primários e membros secundários da colônia. Ao adotar essa concepção, não estamos considerando que ocorre um tipo de hierarquia entre gêneros, afirmando que os gêneros primários são superiores aos gêneros secundários, mas sim que alguns gêneros são mais utilizados pelos internautas, os quais consideramos como gêneros secundários por eles serem o resultado da hibridização entre os gêneros primários. Percebemos também que os gêneros secundários têm a característica de estarem ligados a domínios discursivos diferentes daqueles em que ocorrem. Conforme a figura 36, podemos perceber a seguinte organização dos membros da colônia:

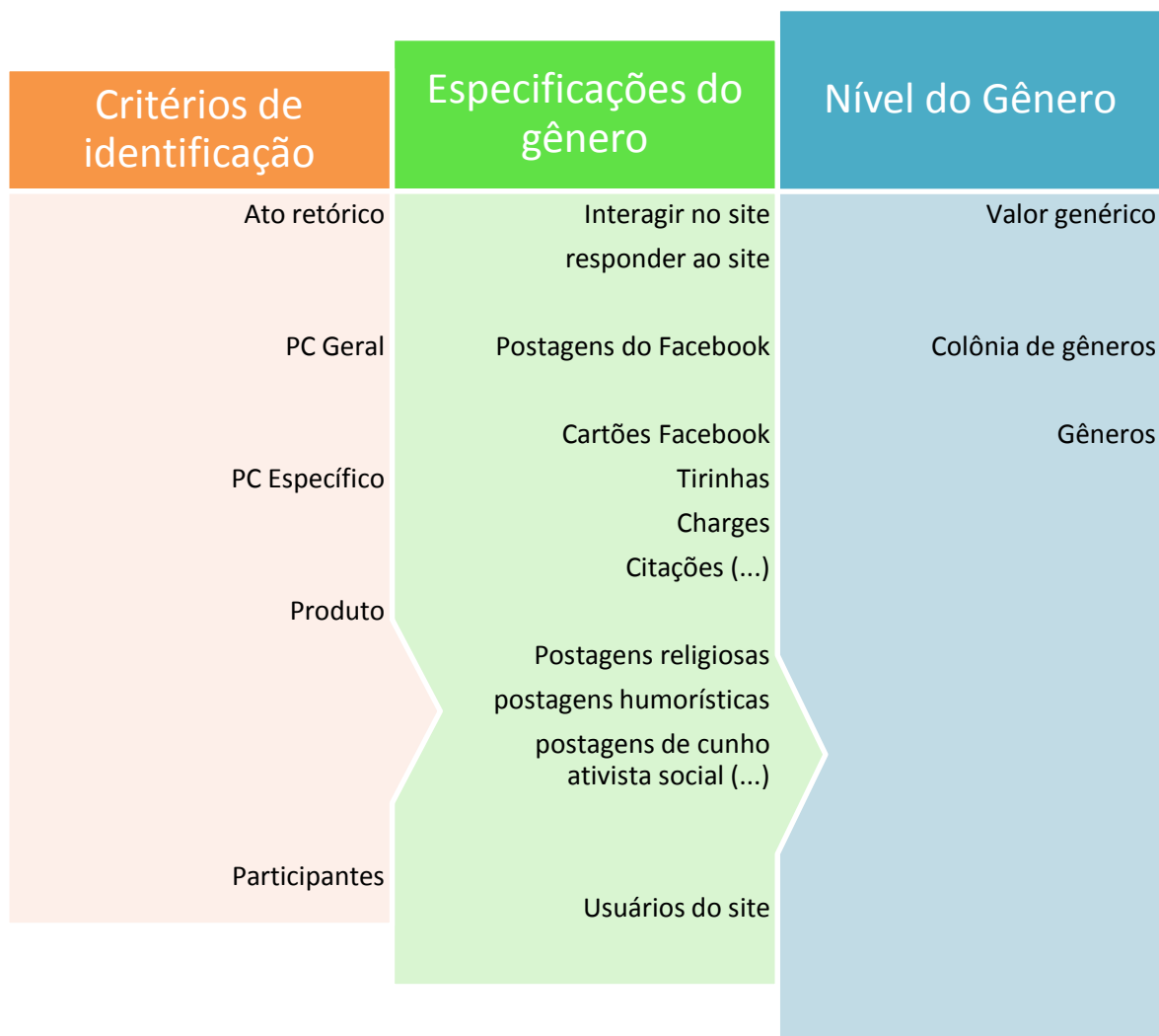
Figura 36: Os diversos membros da colônia



Fonte: Criado pelo autor

Segundo a figura, temos o exemplo de alguns gêneros que circulam no site, os quais optamos por chamar de membros primários da colônia, por eles serem as bases para os tipos de hibridização já vistos no tópico 4.3. Os outros membros, secundários, são os gêneros híbridos formados pela mistura dos gêneros primários, como por exemplo, podemos ver um cartão Facebook que seja formado por uma citação qualquer e uma fotografia. Desse modo, não se tratará de uma colônia de gêneros fechada, mas, pela própria versatilidade dos gêneros e pela volatilidade característica do meio digital, de uma colônia aberta à inclusão de outros tantos gêneros que não entraram em nossa pesquisa, mas que partilham das características dos gêneros que aqui discutimos e que se encaixam na caracterização de nossas discussões.

No quadro 5 veremos a discussão sobre a versatilidade dos usuários quando utilizam as postagens do Facebook.

Quadro 5: Versatilidade nas postagens do Facebook

Fonte: Criado pelo autor segundo quadro de Bhatia (2004)

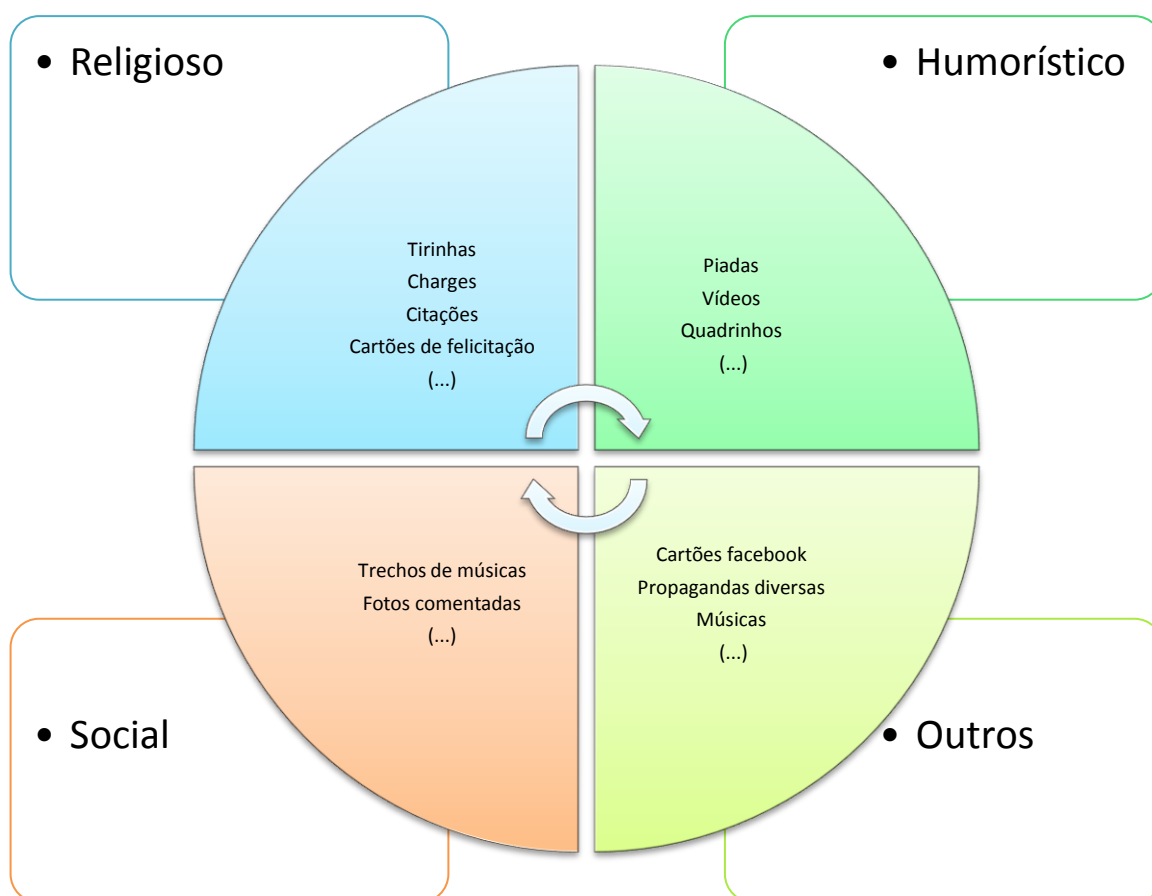
Esse quadro sobre a versatilidade no Facebook é uma adaptação do quadro trazido por Bhatia (2004, p. 59). Adotamos para a descrição da nossa colônia os critérios de identificação, as especificações dos gêneros, mas não trabalhamos especificamente com o nível do gênero, apenas os trataremos como gêneros. No que se refere aos critérios de identificação do gênero, percebemos que é importante levar em consideração o seu ato retórico, o propósito comunicativo geral, o propósito comunicativo específico bem como o produto que é a própria interação que ocorre por meio dos gêneros. Dessa maneira, as especificações do gênero estão diretamente ligadas com o ato retórico, que, dentre os diversos atos possibilitados pelo site,

são o de interagir no site, que, conseqüentemente, tem ligação com as respostas às perguntas feitas no site, os motes, já falados anteriormente.

Sobre o propósito comunicativo geral, um dos principais critérios para a formação da nossa colônia diz respeito a essa resposta ao site que possibilita a interação; os propósitos específicos, também já discutidos, têm uma relação mais direta com os domínios discursivos de cada gênero. São esses propósitos que acentuam a versatilidade dos gêneros no site e, conseqüentemente, possibilitam que possamos descrever todos esses diferentes gêneros como uma colônia.

Na figura 37 representamos a nossa colônia de postagens no Facebook.

Figura 37: Colônia de postagens Facebook



Fonte: Criada pelo autor, a partir da colônia de Bhatia (2004)

A figura 37 representa a nossa colônia de gêneros que se forma com as postagens dos usuários no chamado *feed de notícias* do site, com relação às três principais esferas discursivas presentes: religiosa, humorística e social. Esses três âmbitos foram os mais recorrentes na análise dos nossos gêneros, mas na colônia também podem aparecer outros

diferentes âmbitos, de acordo com as necessidades que os usuários têm de expressar aquilo que pensam, sentem, entre outras coisas. O mesmo acontece com os gêneros. Esses que representamos na nossa colônia são os recorrentes em nossas análises, no entanto outros tantos gêneros se fazem presentes na interação no site, pois, conforme mudam as esferas discursivas, os âmbitos sociais, podem existir diferenças no que se refere aos gêneros e a sua caracterização.

O conceito de colônia nos remete, principalmente, ao contexto de circulação dos gêneros. Nas colônias descritas/exemplificadas por Bhatia (2004), os gêneros possuem certa semelhança de características tanto formais, quanto funcionais. No caso da colônia por nós descrita, essa semelhança se revela com mais força no que diz respeito aos propósitos do gênero, principalmente o propósito principal (geral), como descrito, ou seja, mais semelhança nas características funcionais.

Com as análises dos perfis do Facebook percebemos que eles sozinhos podem constituir uma colônia de gêneros, a qual chamaremos de colônia de perfis Facebook. Assim, foi possível observar uma maior complexidade do que o esperado: consideramos a existência de duas colônias de gêneros no Facebook. Defendemos essa proposta na medida em que todos os perfis têm um mesmo propósito comunicativo principal que é o de apresentar o seu dono, seja ele um perfil pessoal, de empresas, organizações ou instituições, por exemplo. No entanto, os propósitos específicos são diferentes, pois estão ligados diretamente aos “donos do perfil”, alguns têm fins lucrativos, como é o caso dos perfis publicitários, outros não têm fins lucrativos como é o caso dos perfis de organização não governamental, por exemplo, e outros querem fazer somente a exposição dos usuários, como é o caso dos perfis pessoais.

Representamos abaixo um quadro sobre a versatilidade genérica na descrição do gênero perfil Facebook e a nossa colônia de perfis Facebook.

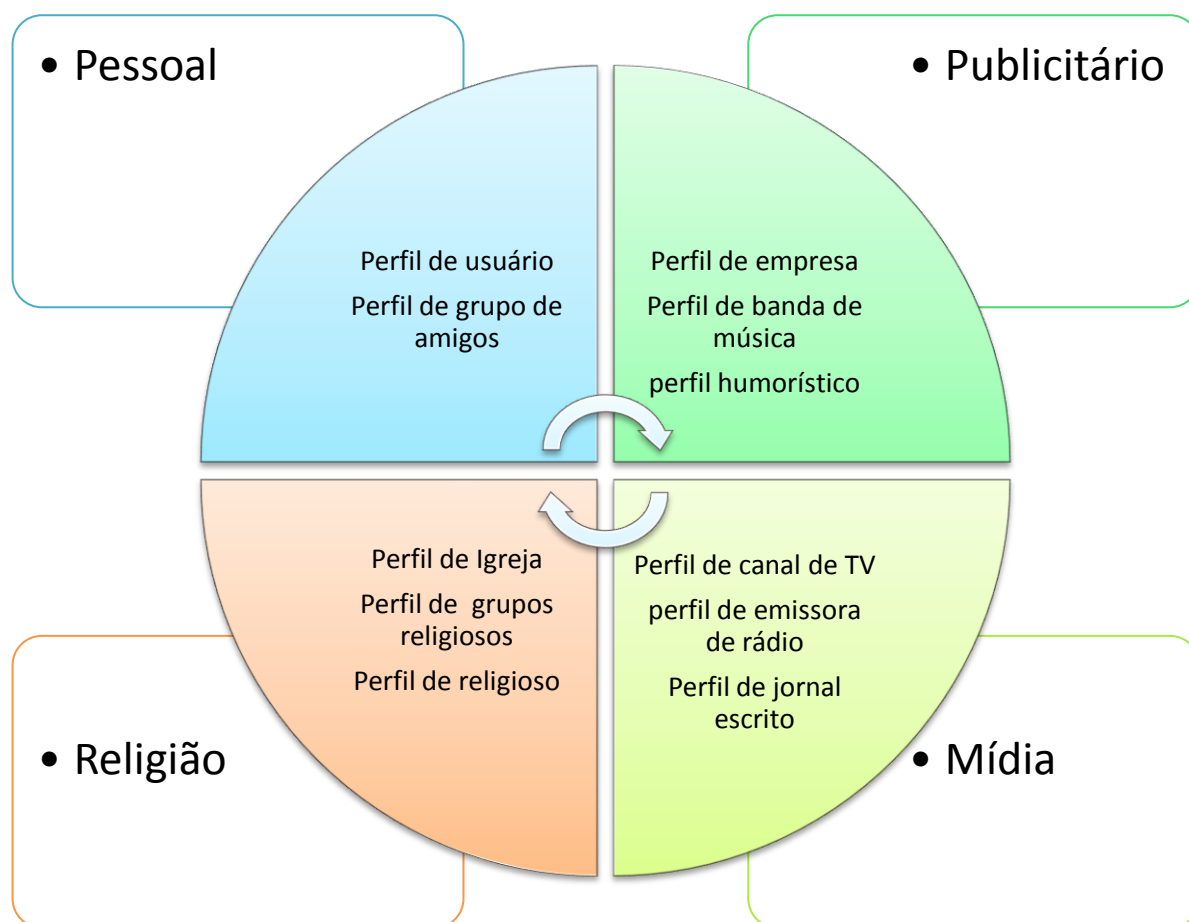
Quadro 6: Versatilidade na descrição do perfil Facebook

Critérios de Identificação	Especificação de gênero	Nível de gênero
Ato retórico	Apresentar /Descrever	Valor genérico
PC geral	Perfis Facebook	Colônia de gêneros
PC específico	Perfil pessoal Perfil de empresa Perfil de instituição Perfil de organização (...)	Gêneros
Produto	Interação entre usuários Produto de empresa Defesa de causas sociais (...)	
Participantes	usuários do site	

Fonte: Criado pelo autor de acordo com o quadro de Bhatia (2004)

Para a formação dessa colônia, seguimos as mesmas categorias utilizadas na colônia descrita anteriormente. Dentre as especificações de gênero, temos os atos retóricos de apresentar/descrever. Desse modo, é importante a descrição do propósito comunicativo geral e dos propósitos comunicativos específicos, como vistos, também, anteriormente, a partir das análises. Levamos em consideração a análise de diferentes perfis que propõem desde a simples interação no site, até a discussão de causas sociais, ou a propaganda dos mais diferentes produtos, entre outros propósitos.

Figura 38: Colônia de perfis Facebook



Fonte: Criada pelo autor conforme a colônia de Bhatia (2004)

Na colônia de perfis, descobrimos principalmente os âmbitos discursivos pessoal, religioso, publicitário e midiático. Assim, circulam diferentes perfis relacionados com esses âmbitos, como por exemplo, o perfil de igreja, o perfil de canal de TV ou o perfil de jornal escrito. Essa, como a colônia anterior, não é uma colônia fechada, pois, a partir dos diferentes interesses que estejam ligados aos atos de descrever e apresentar, nesse contexto específico que é o site, outros tantos diferentes perfis podem ser formados e incluídos como participantes da colônia.

Finalizamos, assim, o último capítulo, por meio do qual pudemos expor os resultados das nossas análises. Na próxima e última parte deste trabalho faremos as considerações sobre os resultados de uma maneira geral. Desse modo, retomaremos os nossos objetivos refletindo sobre como e a que resultados chegamos e finalizaremos essa pesquisa com a intenção de

despertar o interesse dos pesquisadores a respeito de muitos outros aspectos que circundam os gêneros e a linguagem nos ambientes digitais/eletrônicos.

Considerações Finais

A análise de gêneros textuais tem se tornado consideravelmente popular e intensa nos últimos anos, apesar de ser um estudo relativamente recente na área das pesquisas aplicadas ao discurso. São desenvolvidas, aqui no Brasil e internacionalmente, várias pesquisas tentando esclarecer as questões acerca dos gêneros textuais de modo geral. A atenção voltada para os gêneros não parte somente dos estudos estritamente linguísticos como bem nos lembra Candlin (1993, apud Bhatia, 2009), mas agrupa, no mesmo abrigo terminológico, outros tantos cientistas como os literários, retóricos, sociólogos, cognitivistas, linguistas computacionais e outros.

Esse interesse é explicado pela grande quantidade de questões a serem pesquisadas envolvendo os mais diversos gêneros circulantes na sociedade. Como cada esfera da sociedade usa uma infinidade de gêneros em seu dia a dia para comunicação, trabalho e outros âmbitos, existe muito para se pesquisar em várias áreas, de modo mais específico. A criação, expansão e popularização da Internet possibilitou também a instigante preocupação dos estudiosos da linguagem em pesquisar como ela acontece nesse ambiente, e, de modo mais específico, a partir dos gêneros circulantes em ambiente eletrônico. O interesse em estudar os gêneros digitais, especificamente os que circulam no site de relacionamentos Facebook, surgiu a partir do momento em que começamos a refletir sobre como os gêneros textuais são usados no ambiente internetiano. Desse modo, o Facebook aparece como um ótimo objeto de estudo pela sua imensa popularidade não somente entre os brasileiros, mas também entre outras tantas pessoas pelo mundo. Sem falar que se trata de um site com vastas possibilidades interativas. Portanto, pesquisar como a linguagem, que só acontece por meio de gêneros, se dá nesse ambiente é uma maneira muito interessante para percebê-la como uma base sociocultural.

Assim, na reflexão de que com o avanço e disseminação das novas tecnologias e com a crescente utilização de recursos eletrônico-digitais, no que se refere à internet, novos gêneros surgem, outros tantos sofrem modificações, podem se configurar e são utilizados para as mais diversas finalidades. Esses gêneros incorporam características peculiares do meio em que estão inseridos e determinam novos olhares sobre conceitos já estabelecidos. Desse modo, nossos problemas/perguntas de pesquisa foram: Que diferentes gêneros e domínios discursivos caracterizam os processos de hibridização em redes sociais para suprir determinadas necessidade de interação e como acontecem esses processos? De que maneira

esses gêneros se agrupam em tal ambiente possibilitando novas formas de perceber a linguagem na relação fala-escrita?

Nosso intuito, a partir disso, foi o de investigar sobre os gêneros textuais implicados no uso do site Facebook, identificando as esferas discursivas a que estão ligados, seus propósitos e discutindo os processos de hibridização e agrupamento desses gêneros. Dessa maneira, é importante lembrar aqui as nossas questões de pesquisa para que possamos discutir, de maneira geral, a partir de qual processo chegamos às suas respostas e quais são elas. Foram elas:

- Quais os principais gêneros textuais resultantes da interação entre os usuários do Facebook?
- Quais os principais temas tratados no Facebook por meio dos gêneros que circulam no site?
- Os gêneros nesse ambiente sofrem processos de hibridização? Que processos são esses, especialmente nos gêneros das postagens do site?
- Como podemos caracterizar e descrever os gêneros no site como uma colônia de gêneros segundo os estudos de Bhatia (2004)?

Acerca da primeira questão levamos em consideração os conceitos de gênero de autores como Miller (2009), Bazerman (2005), Marcuschi (2000), Bhatia (2009) e Swales (1990). Dessa maneira, percebemos os principais gêneros que organizam o site: o perfil, as postagens do *feed* de notícias e os comentários de postagens. Como o Facebook é um ambiente comunicativo/discursivo muito grande, escolhemos para a análise as postagens no *feed* de notícias. Nesse ambiente, fizemos uma quantificação de quais os principais gêneros, chegando a uma quantidade de dez principais, quais sejam: *cartão Facebook*, fotografia comentada, charge comentada, tirinha, trecho de música, citação, propaganda, quadrinho, cartão de felicitação e vídeo. Dentre esses, pensamos que o *cartão Facebook* e a fotografia comentada são gêneros que foram criados especificamente para o site e os outros, de alguma maneira, sofrem modificações decorrentes do ambiente onde agora se realizam e também da intenção dos internautas ao utilizá-los.

Para a segunda questão, refletimos mais especificamente sobre a teoria de gêneros de Marcuschi (2000), levando em consideração o seu conceito de domínios discursivos dos gêneros. Entendendo que os gêneros merecem e devem ser analisados como em um

agrupamento, tentamos perceber quais seriam as esferas/temas com as quais esses gêneros se envolvem. Fizemos também uma quantificação dos principais temas na análise dos dados e chegamos aos seguintes temas: humor, exposição da vida do usuário, mensagem religiosa, ativismo social, propaganda comercial, ativismo político, demonstração de gosto pessoal, divulgação de eventos e sugestão de músicas e /ou vídeos. Dentre esses se sobressaíram as postagens ligadas ao humor e à exposição da vida do usuário. Assim, as principais esferas discursivas são a humorística, a social, a religiosa e a publicitária.

No que se refere à terceira questão, continuamos a refletir sobre as ideias de Bhatia (2009), mais especificamente sobre hibridização, bem como as ideias de outros autores que pesquisaram sobre o assunto, entre eles, Bakhtin (2008), que trata o processo como reelaboração, Costa (2010), Lima-Neto (2009) e outros. Adotamos para essa análise, além das categorias de *mixing* e *embedding* propostas por Bhatia (1993), as categorias de Lima-Neto (2009), formuladas a partir da sua pesquisa sobre as mesclas de gênero no *scrapbook* do Orkut, quais sejam: a intergenericidade prototípica, a coocorrência de gêneros e gêneros casualmente ocorrentes. Percebemos que os gêneros que mais se misturam e formam híbridos são as fotos comentadas, as citações, as piadas, os quadrinhos e as charges. De acordo com os nossos dados, 35% dos gêneros se misturam por intergenericidade prototípica, 30% coocorrem e 30% são casualmente ocorrentes; apenas em 5% dos exemplares não identificamos um processo específico, por não satisfazer a todos os aspectos das nossas categorias.

Para responder a quarta questão de pesquisa fomos guiados por uma abordagem geral da teoria de colônia de gêneros de Bhatia (2004). Identificados os principais gêneros do site, os principais domínios discursivos e como ocorrem os processos de hibridização entre esses gêneros, pudemos partir para a análise que procurou responder se as postagens do *feed* de notícias podem ser agrupadas como uma colônia de gêneros. Lembramos, mais uma vez, que Bhatia fala sobre gêneros acadêmicos e profissionais e nós, neste trabalho, testamos o funcionamento das suas categorias no campo das redes sociais. Primeiramente, refletimos sobre os propósitos dos gêneros na defesa de que o propósito comunicativo geral desses gêneros utilizados no Facebook é responder aos *motes* no site e, conseqüentemente, interagir na rede social formada por ele e que os propósitos comunicativos específicos estavam diretamente ligados às esferas discursivas às quais os gêneros se ligavam. Em seguida, foi necessário discutir sobre alguns aspectos que envolvem a versatilidade dos gêneros para, enfim, considerá-los como uma colônia.

Na análise do gênero perfil, através das categorias e dos conceitos, percebemos que eles se enquadraram em muitas categorias e, também, formavam uma colônia de gêneros. Por isso, defendemos, mesmo que não como objetivo primeiro, a existência da colônia de perfis que, junto à colônia dos gêneros que formam as postagens, consistem em duas colônias de gêneros no site. Como especificamos os “lugares” que investigaríamos os gêneros no site, por ele constituir um amplo universo comunicativo/interacional, muitos outros aspectos ainda podem ser pesquisados, inclusive no que diz respeito a propósitos e agrupamentos de gêneros.

Pensamos ser interessante propor, para além do que diz a teoria de colônia de gêneros, que as colônias do Facebook estão em interação, uma em contato com a outra e com diversas outras possíveis de serem encontrados por meio de mais estudos. Desse modo as colônias não estão isoladas, mas em interação umas com as outras através da utilização dos diversos gêneros que as compõem.

Com as respostas das nossas questões de pesquisa conseguimos atingir o objetivo geral do nosso trabalho. Desse modo, pudemos pesquisar sobre os gêneros que possibilitam a interação no site Facebook, quais os domínios discursivos, modos de hibridização e questões de agrupamento que estão envolvidas. Pudemos notar que a rede social formada possui determinados gêneros que são recorrentes para a interação e que servem aos propósitos que possibilitam tal interação. Da mesma forma, algumas esferas discursivas também são recorrentes e estão ligadas, conforme a teoria adotada, com outros tantos propósitos que os gêneros assumem no ambiente.

O Facebook torna-se, pois, um meio de comunicação/interação virtual que transmuta e gera novos gêneros através das mais diversas utilizações. Partindo dessa perspectiva, pode-se afirmar que os gêneros se adaptam às práticas sociais, dialógicas e funcionais do sistema ao qual estão ligados, indicando outros tantos rumos para mais pesquisas que discutam práticas interacionais nesses novos meios de comunicação e, conseqüentemente, de circulação de gêneros. Consideramos que os gêneros digitais constituem um campo bastante produtivo e com possibilidades de ser explorado a partir de diversos aspectos e perspectivas. Esperamos ter contribuído para esclarecer alguns aspectos nessa investigação, conscientes de que esse campo de estudos é consideravelmente fértil e carente de pesquisas.

O presente estudo vem se juntar à literatura sobre o assunto, buscando acrescentar não somente possíveis respostas para as questões que podem ser discutidas posteriormente, mas também suscitar novas investigações. As portas da pesquisa científica linguística se abrem aos estudos voltados para a análise de gêneros. Muitos caminhos já foram trilhados e outros tantos ainda estão por ser desbravados. Esse estudo é apenas mais uma pequena contribuição para a

área e tem o intuito de instigar outras tantas pesquisas, já que este é um mundo novo e, conforme Marcuschi (2005), oferecerá interessantes desafios aos estudos linguísticos deste século.

Referências

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2006.

ASKEHAVE, I. ; NIELSEN, A. E. 2004. *Web mediated genres: a challenge to traditional genre theory*. Working Papers, n. 6, p. 1-50. 2005.

ASKEHAVE, I. ; SWALES, J. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASE-RODRIGUES, Bernadete.; CAVALCANTE, Mônica, M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, p. 197-247. 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, [1929] 2008.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. *Gênero: Introdução à história, teoria, pesquisa e pedagogia*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo; Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: _____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

_____. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007.

BEZERRA, B. G. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2006.

_____. Gêneros introdutórios mediados pela *web*: o caso da homepage. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 113-128.

_____. Gêneros textuais em suporte digital: os gêneros do Orkut. In: BEZERRA, Benedito G.; MEDEIROS, Mário: *Educação, linguagem e ciência: práticas de pesquisa*. Recife: EDUPE, p. 115-130. 2009a.

_____. *Leitura e escrita no Orkut: o que os professores veem e o que não veem*. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, 29 a 31 de outubro. 2009b.

_____. Leitura e produção de gêneros acadêmicos em cursos de especialização. *Anais da XXIII Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. Teresina: GELNE, 2010a. p. 138-150.

_____. *Letras: linguística II*. Recife: UPE/NEAD, 2010b.

BEZERRA, Benedito G. Os propósitos comunicativos em gêneros introdutórios no ambiente virtual. In: BEZERRA, Benedito G. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 123-144.

_____. *Agrupamentos de gêneros: discutindo terminologias e conceitos*. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: 2011b. p. 602-610.

BHATIA, Vijay K. *Analyzing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

_____. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum. 2004.

_____. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, Bernadete.; CAVALCANTE, Mônica, M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009. p. 159-195.

CARVALHO, Tatiana Lourenço de. O professor de Espanhol diante dos letramentos da Web e a utilização dos gêneros digitais. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Org.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 82-98.

CAVALCANTE, F. L.; NUNES, V. S. O hipertexto e suas implicações para o ensino. In: BEZERRA, Benedito G. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 171-190.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP. 1998.

COSTA, R. R. *A TV na Web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFC, Fortaleza. 2010.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições. 2001.

CROWNSTON, K. ; WILLIAMS, M. *Reproduced and emergent genres of communication on the World Wide Web*. Proc. of the 30 Hawaii Intern. Conf. on System Sciences, USA, 1997.

DIAS, C. *Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais*. Ciências da Informação, v. 28, n. 3, Brasília, 1999. p. 267-275.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz. ; BRITO, Karim S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas/União da Vitória/PR: Kaygangue,. 2005. p. 159-177

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para a Internet*. Porto Alegre : Sulina, 2011.

FONTANELLA, Fernando. *O que é um meme na Internet?* Proposta para uma problemática da memesfera. Anais do III Simpósio Nacional da ABCiber : São Paulo, 2009.

HANKS, William, F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. (Org.) Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

INGLEZ, Karin Gutz. O fórum eletrônico no Orkut: uma análise discursiva do hipertexto. In. GIL, Beatriz Darcy; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 183-199.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 2. ed. Campinas : Papirus, 2003.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertexto. In. Araújo, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 87-108. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/hipertexto.pdf>. Acesso em: 8 fev. de 2012.

KRESS. G. *Literacy in the new media age*. New York: Routledge, 2003.

LÊDO, Amanda C. de O. *Anunciando livros em ambiente digital: estudo preliminar dos gêneros introdutórios*. Revista Ao pé da Letra, Volume 10.1, 2008. p. 11-28. ISSN (versão on-line): 1984-7408.

_____. A centralidade da leitura e da escrita na interação via Orkut. In: BEZERRA, Benedito G. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 45-60.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Loyola. 1999.

LIMA, J. P. E. *A comunidade blogueira: critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008.

LIMA, Samuel de Carvalho; LIMA-NETO, Vicente de. Panorama das pesquisas sobre letramento digital no Brasil: principais tendências. In. ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (orgs.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 47-57.

LIMA, Wannise de Santana. *Leitura e cognição: uma abordagem hipertextual*. UFSC. 2001. Artigo on-line disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~fialho/ergcog/trab_alunos/T2001A/Artigos/Wanise.pdf. Acesso em: 8 fev. 2011.

LIMA-NETO, V. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE. 2000.

_____. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. Revista Linguagem & Ensino, vol.4, nº 1, UFPE, 2001. p. 79-111.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2003. p. 9-40

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, Antônio Carlos (Org.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MILLER, Carolyn R. Gênero como ação social. In: _____. *Gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola, 2009.

PEIXOTO, Thaís S. B. de Sá; LÊDO, Amanda C. de O. *Gêneros textuais: possibilidades de interação no Orkut*. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, 2009.

PIMENTEL, Renato L. *Leitura, escrita e interação: uma análise nos gêneros textuais do Facebook*. Monografia de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas. Universidade de Pernambuco, Garanhuns, 2012.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Gêneros no mundo digital: um meio de “transdisciplinarizar” a escola. In: GONÇALVES, Adair V.; BAZARIM, Milene (Org.). *Interação, Gêneros e Letramento: A (re) escrita em foco*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 205-222.

PRIMO, Alex; BRAMBILLA, Ana Maria. *Social Software e construção do conhecimento*. Redes. Com, Espanha, n. 2, 2005. p. 389-404. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/softconhecimento.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2011.

RECUERO, R. *Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada em fotolog.com*. 334 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. *Adicionar um comentário: mecanismos de conversação em weblogs e fotologs brasileiros*. RBLA, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2009. p. 151-175

REIS, Francisca das Chagas Soares. O e-mail e o blog: interação e possibilidades pedagógicas. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Org.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 99-110.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L.; LEMOS, P. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2011.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, 2002. p. 143-160. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 de julho de 2011.

SOTO, U. Ensinar e aprender línguas com o uso de (novas) tecnologias: novos cenários, velhas histórias? In: SOTO, U. et al. *Novas tecnologias em sala de aula: (re)construindo conceitos e práticas*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 11-24.

STORRER, Angelika. A coerência nos hipertextos. Tradução: Hans Peter Wieser (UECE). In: KOCH, I. G. V.; WIESER, Hans P.(Org.). *Linguística Textual: Perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009. p. 98 – 120.

STÖCKL, H. In between modes: language and image in printed media. In: VENTOLA, E.; CHARLES, C.; KALTENBACHER, M. (Org.). *Perspectives in multimodality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. p. 9-30.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

_____. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

XAVIER, A.C.S; SANTOS, C. F. *O texto eletrônico e os gêneros do discurso*. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2000. v.4, p 51-57, jan./jun. 2000.

XAVIER, A.C.S. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado) em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP), 2002.